

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Departamento de História

QUINTINO MANUEL JUNQUEIRA LOPES

Portugal – 1940

A Internacionalização dos Cientistas do VIII

Congresso do Mundo Português

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Nunes

Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus
apresentada à Universidade de Évora.

Évora, Março de 2010

QUINTINO MANUEL JUNQUEIRA LOPES

Portugal – 1940

A Internacionalização dos Cientistas do VIII

Congresso do Mundo Português

Orientadora: Professora Doutora Maria de Fátima Nunes

Dissertação de Mestrado em Estudos Históricos Europeus
apresentada à Universidade de Évora.

2010

Título

Portugal – 1940. A Internacionalização dos Cientistas do VIII Congresso do Mundo Português

Palavras-Chave

Século XX português – Estado Novo; cientistas; espaço público; celebrações científicas.

Resumo

Analisa-se a internacionalização da comunidade científica nacional presente no VIII Congresso do Mundo Português (1940), permitindo construir uma base de informação cruzada sobre a sua formação escolar, intervenção pública e consagração intelectual. Esta investigação destaca a importância das competências científicas na nomeação para o congresso. Analisam-se os espaços geográficos e políticos com que os cientistas mantêm legalmente relações académicas e científicas nos três primeiros quartéis do século XX. Concluindo sobre a sua diversidade, tanto geográfica como política, mostra-se que estes intelectuais contam, na Ditadura Militar e no Estado Novo, com o enquadramento estatal dessa realidade, nomeadamente por intermédio da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura.

Title

Portugal – 1940: the International Profile of Scientists at the 8th Congress of the Portuguese World

Keywords

Portuguese 20th Century – New State, scientists, public sphere, scientific event.

Abstract

In this paper we analyse the international relations developed by members of the Portuguese scientific community attending the 8th Congress of the Portuguese World (1940), providing a fund of cross-referenced data describing their academic training, intervention in the public sphere and intellectual reputation. We highlight the significance of scientific competencies in the selection of those chosen to participate in the event. We analyse the geographical and political spaces with which these scientists developed a state-sanctioned academic and scientific relationship during the course of the first three quarters of the 20th century. We conclude that this is characterised by its diversity and we show how, during the period of the Military Dictatorship and the New State, it was conducted through state channels, namely the National Education Committee and the Institute for High Culture.

Índice

Título, Palavras-Chave, Resumo -----	2
Title, Keywords, Abstract -----	3
Índice -----	4
Agradecimentos -----	6
Abreviaturas Utilizadas no Texto -----	7
Introdução -----	8
Capítulo 1 – Questões Historiográficas -----	12
Capítulo 2 – 1940: O Ano Áureo do Estado Novo -----	23
Capítulo 3 – Organizadores do VIII Congresso do Mundo Português -----	28
3.1 – Alguns Dados Biográficos -----	28
3.2 – A Escolha dos Congressistas: Competências Científicas-----	32
3.3 – A Escolha dos Congressistas: Limitações Políticas -----	36
Capítulo 4 – Oradores da I Secção do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Físico-Matemáticas e Militares -----	39
4.1 Formação Académica – Instituições -----	39
4.2 Bolsas de Estudo-----	40
4.3 Cargos de Docência -----	41
4.4 Cargos Científicos e Políticos -----	42
4.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais -----	44
4.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais-----	45
4.7 Publicações em Periódicos -----	46
4.8 Editoras -----	50
4.9 Consagração Intelectual -----	51
Capítulo 5 – Oradores da II Secção (1.ª Parte) do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Naturais e Biológicas -----	54
5.1 Formação Académica – Instituições -----	54
5.2 Bolsas de Estudo-----	55
5.3 Cargos de Docência -----	57
5.4 Cargos Científicos e Políticos -----	58
5.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais -----	61
5.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais-----	62

5.7 Publicações em Periódicos -----	64
5.8 Editoras -----	67
5.9 Consagração Intelectual -----	69
Capítulo 6 – Oradores da II Secção (2.ª Parte) do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Médicas -----	72
6.1 Formação Académica – Instituições -----	72
6.2 Bolsas de Estudo-----	73
6.3 Cargos de Docência -----	74
6.4 Cargos Científicos e Políticos -----	75
6.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais -----	78
6.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais-----	79
6.7 Publicações em Periódicos -----	80
6.8 Editoras -----	84
6.9 Consagração Intelectual -----	86
Capítulo 7 – Oradores da III Secção do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Sociais e Morais -----	88
7.1 Formação Académica – Instituições -----	88
7.2 Bolsas de Estudo-----	90
7.3 Cargos de Docência -----	91
7.4 Cargos Científicos e Políticos -----	92
7.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais -----	95
7.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais-----	96
7.7 Publicações em Periódicos -----	98
7.8 Editoras -----	100
7.9 Consagração Intelectual -----	103
Balanço da Investigação-----	106
Fontes e Bibliografia -----	111

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Professora Doutora Maria de Fátima Nunes, pelos conhecimentos transmitidos e total disponibilidade manifestada na orientação da tese, e a todos os que, de algum modo, contribuíram para a concretização deste projecto.

Abreviaturas Utilizadas no Texto

ELBC – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

GEPB – Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

QA – Quem é Alguém. (Who's Who in Portugal. Dicionário Biográfico das Personalidades em Destaque no Nosso Tempo)

Introdução

Esta dissertação é produzida no âmbito do Mestrado em Estudos Históricos Europeus – 2.º Ciclo de Bolonha, que sendo coordenado pelo Professor Doutor Helder Adegar Fonseca, da Universidade de Évora, visa proporcionar uma formação profissional no âmbito da História Comparativa e Trans-nacional da Europa dos séculos XIX e XX.

Em conformidade com os propósitos do curso, a agenda de investigação em que se enquadra a nossa tese está relacionada com a escrita da História da Ciência em Portugal no século XX, sendo este um vasto campo de estudo, essencialmente trans-nacional, pela natureza da ciência, e para o qual concorrem abordagens de áreas tão distintas como sejam as Ciências Sociais e Humanas, as Ciências da Educação, as Ciências Naturais e Biológicas, e as Ciências Exactas.

Debruçando-nos sobre os cientistas nacionais presentes no Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa, reunido em Coimbra em 1940, o nosso objectivo consiste em estudar a vida académica e pública dessa comunidade, no sentido de perceber se a sua formação escolar, intervenção no espaço público e consagração intelectual ocorrem exclusivamente dentro das fronteiras nacionais ou simultaneamente em contacto com o estrangeiro. A resposta encontrada permitir-nos-á então aferir quais os critérios de reconhecimento de competências científicas que pesam na nomeação dos cientistas para a celebração em causa.

Partindo desta questão fulcral, que conduz toda a nossa investigação, outras hipóteses derivam. Assim, manifestando-se essa internacionalização da comunidade analisada, pretendemos localizar geograficamente os espaços de intervenção, de modo a percebermos qual o *mundo* com que estes cientistas se relacionam. Naturalmente que uma análise simplesmente espacial liquidaria qualquer possibilidade de conhecer de modo mais completo esse mesmo *mundo*, daí o nosso estudo tomar, nesta vertente, uma perspectiva comparativa, no sentido de perceber se à medida que mudam os regimes políticos em Portugal, ao longo da primeira metade do século XX, os estados-nações de destino reflectem essa mudança. Tal hipótese de trabalho permitir-nos-á perceber se nessa evolução há um afunilamento na natureza dos regimes políticos com os quais os intelectuais analisados podem legalmente manter contactos científicos.

Outra hipótese de trabalho consiste em verificar se os comunicadores, na sua acção trans-nacional, apenas intervêm na arena internacional ou se, simultaneamente, manifestam capacidade de atrair a comunidade científica internacional para o espaço público português. Finalmente, procuraremos concluir se em algum dos diferentes períodos políticos por que Portugal passou desde princípios do século XX até ao 25 de Abril de 1974, o Estado somente permitiu a eventual participação destes comunicadores nas redes internacionais ou se chegou mesmo a subsidiar essa realidade.

Na prossecução dos objectivos a que nos propusemos recorreremos ao uso de métodos prosopográficos¹. Assim, estudámos dados biográficos para todos os intervenientes no VIII Congresso do Mundo Português. Na medida em que nos reportámos a sessenta e cinco intelectuais², os campos de estudo seleccionados para cada um deles foram os seguintes: formação académica (curso, ano e instituição); bolsas de estudo; cargos de docência; outros cargos públicos (científicos e políticos); organização/participação de congressos (nacionais e internacionais); associação ordinária a organizações científicas (nacionais e internacionais); publicações em periódicos (nacionais e internacionais – datas de publicação e temas); editoras (nacionais e internacionais – datas de publicação e temas); consagração intelectual (condecorações, prémios e doutoramentos *honoris causa*); outras informações (campo não abordado explicitamente na escrita da tese, mas necessário para a recolha de informações pertinentes à escrita da mesma).

Estes campos foram organizados em tabelas biográficas individuais, as quais, após o devido preenchimento, foram divididas pelas diferentes secções do congresso em que os cientistas se encontraram integrados. Deste modo, foi possível para cada secção estabelecer uma comparação dos diversos casos de estudo, a fim de aferir, sobretudo, as semelhanças entre os cientistas em causa. Os resultados deste estudo foram posteriormente comparados entre si, o que nos permitiu construir um *quadro geral* do perfil científico da comunidade presente no congresso.

Os mesmos processos foram, seguidamente, usados para os organizadores, o que nos permitiu não apenas tomar conhecimento dos seus dados biográficos, mas inclusivamente, cruzando esses dados com as informações sobre os comunicadores, concluir sobre a questão fundamental da nossa tese – os critérios de reconhecimento de

¹ Para uma análise sobre o uso destes métodos na História da Ciência vd. Kragh, 2001: 193-200.

² Referimo-nos, neste caso, exclusivamente aos comunicadores do congresso.

competências científicas que pesaram na nomeação dos cientistas para o VIII Congresso do Mundo Português.

Findo este trabalho, iniciou-se a escrita da presente dissertação, a qual apresenta a seguinte estrutura: no primeiro capítulo analisa-se o debate em torno dos objectos e objectivos das comemorações científicas, além de ser analisado o estado actual da investigação sobre a História da Ciência em Portugal no século XX. Esta realidade, conjugada com a abordagem que nesse capítulo é efectuada à bibliografia principal para a concretização da nossa tese, explica por que optámos por não nos alongar, nesta introdução, em considerações referentes ao debate em torno da nossa agenda de investigação e sobre as questões concernentes às fontes e bibliografia recorridas na realização do projecto.

No capítulo seguinte contextualizamos a celebração científica por nós estudada no âmbito das Comemorações do Duplo Centenário da Independência e da Restauração, ao que se segue o capítulo referente aos organizadores daquele evento. Assumindo primordial importância, esse capítulo começa por apresentar, sumariamente, as principais semelhanças e diferenças no percurso público das quatro personalidades envolvidas na realização do VIII Congresso do Mundo Português. De seguida são referenciadas as competências científicas que os organizadores reconhecem aos cientistas presentes no congresso e que, como tal, explicam a sua nomeação. Finalmente, embora não integrando o enfoque da nossa investigação, colocamos algumas questões referentes ao que se nos afigura como os condicionamentos políticos e ideológicos nessa mesma nomeação.

Com o finalizar deste, iniciam-se os capítulos referentes especificamente às qualificações científicas dos comunicadores e que constituem, no fundo, a comprovação da tese respeitante à sua nomeação para o congresso. Sendo apresentado esse núcleo de cientistas em divisões por grupos, de acordo com as secções do congresso que integraram, cada um desses quatro capítulos encontra-se subdividido nos campos de estudo atrás mencionados. Na sua redacção apresentam-se nas notas de pé de página os inúmeros exemplos comprovativos das principais ideias defendidas no próprio texto. Compreendemos que para o leitor fosse mais desejável uma leitura rápida em gráficos ou quadros. Contudo, dada a multiplicidade de fontes de informação que foi necessário percorrer a fim de concretizar um aspecto fulcral da nossa dissertação – incluir a História da Ciência na nova escrita da História dos Estudos Europeus –, optámos por uma apresentação descritiva dos dados em extensas notas de rodapé, as quais

funcionam, no presente trabalho, como um hipertexto. Desse modo, é-nos possível dispor das informações e conclusões necessárias para, num balanço final da investigação, apresentarmos de modo esquemático as respostas para as diversas hipóteses inicialmente colocadas.

Capítulo 1

Questões Historiográficas

Centremo-nos em Peter Watson e na sua *Historia Intelectual del Siglo XX* para constatar como dentro de um âmbito de estudo tão vasto a ciência desempenha um papel absolutamente determinante¹. A resposta para essa constatação é-nos dada, de início, quando o autor defende que o século XX se caracteriza do ponto de vista intelectual por uma profunda aceitação da ciência. Tal entendimento deriva não apenas da contribuição desta actividade para a invenção de novos produtos, que transformaram profundamente a vida do ser humano, como ainda das suas repercussões nas restantes formas de pensamento ou actuação². Atribuindo-lhe uma influência desta natureza, Peter Watson chega a propor que a ciência constitui a mais importante das actividades humanas³.

Embora resultando do entendimento de uma grande importância da actividade científica, o nosso trabalho não pretende debruçar-se sobre os seus feitos, mas sobre as suas práticas celebrativas. Neste ponto é determinante analisar o número especial da revista *Osiris* dedicado ao estudo histórico dessas mesmas práticas⁴.

Nas suas páginas somos conduzidos pelos diferentes objectos comemorativos e suas implicações. Concretamente, constatamos que a comemoração científica gira em torno de três pólos: as grandes mentes, sendo os cientistas entendidos como heróis culturais, as instituições científicas⁵ e as disciplinas científicas⁶.

¹ Vd. Watson, 2002.

² Relativamente a este último ponto o autor menciona, por exemplo, que muitos dos avanços nas artes visuais, como o cubismo, o surrealismo e o futurismo, foram propiciados, em parte, por uma resposta à ciência. A música e a dança moderna, por seu lado, foram influenciadas pela Física Atómica e pela Antropologia. Finalmente, os achados científicos e a metodologia científica demonstraram ser indispensáveis no âmbito da jurisprudência, da arquitectura, da religião, da educação, da economia e da organização laboral (Watson, 2002: 14-16).

³ Vd. Watson, 2002: 16.

⁴ Vd. Abir-Am, 1999.

⁵ Contrariamente às comemorações das grandes mentes, os aniversários institucionais focam o laboratório, em vez do seu director, a equipa, em vez do seu líder, o feito colectivo, não o feito individual (Abir-Am, 1999:17).

⁶ De acordo com Pnina G. Abir-Am, a tradição de seleccionar uma disciplina como objecto comemorativo em ciência é difusa, incluindo os casos de estudo da obra em causa áreas como a Matemática, Biologia Molecular e Física Quântica. Outras questões importantes relacionam-se com o apelo transnacional das comemorações disciplinares, pois estas são práticas registadas em diversos países, com o facto de haver uma grande diversidade de distâncias temporais entre o evento comemorado e a ocasião comemorativa, e com a generalização, na segunda metade do século XX, das comemorações disciplinares científicas, o que indicia o progresso da ciência de uma simples seguidora das tradições comemorativas na sociedade para uma actividade que criou o seu próprio estilo comemorativo (Abir-Am, 1999: 27).

Embora apontados individualmente, estes objectos de estudo podem ser celebrados em conexão. Por exemplo, não apenas as comemorações disciplinares frequentemente invocam o estatuto heróico dos fundadores, como se verificam mesmo casos onde a ligação é tripla. É o que acontece quando o esforço comemorativo entrosa um cientista com a disciplina que ele ajudou a fundar e uma instituição famosa¹.

Fazendo uma análise comparativa, Pnina G. Abir-Am conclui que as comemorações de descobertas se tornaram mais frequentes na segunda metade do século XX, enquanto as celebrações de grandes mentes e instituições prevaleceram mais cedo nesse século². A mesma autora verifica ainda que a comunidade científica tende a privilegiar a comemoração das descobertas em detrimento dos cientistas sempre que estes suscitam controvérsia³. Por seu lado, os cientistas são o centro de estudo quando os seus feitos se enquadram numa missão social mais vasta⁴.

Outra conclusão a reter respeita ao facto de se registar um encurtar do intervalo de tempo considerado apropriado para a realização de comemorações. O caminho percorrido desde o centenário para o mais recentemente celebrado décimo aniversário de uma descoberta, ou quinto aniversário de um grande museu para a ciência e indústria, sugere, no entender de Abir-Am, que a acção comemorativa está cada vez mais a tornar-se um traço marcante da sociedade de massas e da ciência⁵.

Quer a questão relativa à escolha do objecto considerado mais adequado a comemorar quer a última ideia traduzida nos conduzem para um aspecto fulcral da obra analisada e que atravessa o nosso trabalho. Referimo-nos à problemática respeitante aos objectivos da comemoração.

Este é um tópico de capital importância e onde se cruzam os mais extraordinários interesses provenientes dos mais variados grupos. Para a compreensão destas dinâmicas torna-se importante começarmos por atender ao significado do acto de comemorar.

Para Abir-Am, as comemorações são formas culturais de construção de memória colectiva em ciência, à imagem de museus, arquivos, histórias orais e dicionários biográficos. Contudo, o acto comemorativo é particularmente importante para observar

¹ Para Pnina G. Abir-Am, esta tripla ligação foi evidente nos casos de estudo examinados por Dieter Hoffmann (Planck, a Física e os Institutos Imperador Guilherme) e por si própria (Lwoff, a Biologia Molecular e o Instituto Pasteur) (Abir-Am, 1999: 29-30).

² Vd. Abir-Am, 1999: 29.

³ É o caso de Koch (Abir-Am, 1999: 28-29).

⁴ É o que acontece com Pasteur, visto como um salvador da humanidade das doenças infecciosas (Abir-Am, 1999: 28-29).

⁵ Vd. Abir-Am, 1999: 28.

não apenas os resultados, mas o próprio processo de construção de uma memória colectiva. Esse processo inclui a acção social concertada e as negociações envolvidas na selecção de objectos comemorativos ajustados, o recrutamento de participantes, a planificação de um evento simultaneamente científico e social destinado a produzir um produto final – usualmente um conjunto de ensaios – que se torna público¹.

Daqui deriva, por exemplo, que tanto uma comemoração científica possa ser usada para desafiar o poder instituído², como o próprio Estado se sirva da sua realização para promover uma determinada agenda política. Esta pode assumir os mais variados desígnios, como sejam a associação dos políticos a comemorações científicas para a nível interno passar uma mensagem de progresso social e de racionalidade na tomada de decisões³, atenuar tensões políticas⁴ ou, de modo mais ou menos explícito e em relação com os anteriores propósitos, o Estado buscar a sua legitimação⁵.

A comunidade científica, por seu turno, ao comemorar, também tem interesses que vão muito além do simples aumento e difusão do conhecimento. Atendamos às comemorações de instituições científicas e verifiquemos como consistem em momentos de auto-celebração, assim como em manifestações de preocupação da instituição em causa para com a sua própria sobrevivência⁶, materializando-se essa preocupação na procura de reconhecimento político e social⁷.

¹ Vd. Abir-Am, 1999: 27.

² De acordo com Mara Beller, o humor pode em eventos comemorativos ser um meio que, não ofendendo, desafie a autoridade oficial e a ordem prevalecente (Beller, 1999: 253).

³ Vd. Abir-Am, 1999: 31.

⁴ Por exemplo, sendo Planck um símbolo da ciência alemã no século XX, o promotor do seu centenário, Max von Laue, visou através da sua celebração atenuar as tensões existentes durante a guerra-fria, sendo que esse evento foi assistido, entre outros, pelo secretário-geral do Partido Comunista da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht, pelo primeiro ministro da Alemanha Oriental, Otto Grotewohl, e por Theodor Heuss, o presidente da República Federal Alemã (Abir-Am, 1999: 14, 28-30).

⁵ Atenda-se ao mencionado centenário de Planck, em 1958, no qual, segundo Abir-Am, foi evidente o seu uso político por parte do governo da Alemanha de Leste, nomeadamente por este ter aproveitado a oportunidade única que representava esse acontecimento para reunir a comunidade científica em Berlim oriental, sendo esta vista como aceitando, ou até mesmo apoiando, o regime aí instituído. Eventualmente menos explícita, mas igualmente mostrando a procura de legitimação do Estado, é a situação ocorrida na França, onde, especialmente desde a Terceira República, se têm comemorado sobretudo grandes personagens que se tornaram substitutos republicanos da iconografia régia e religiosa que durante muito tempo dominou a cultura política do país (Abir-Am, 1999: 13, 29-30).

⁶ Vd. Abir-Am, 1999: 15.

⁷ Tomemos como exemplo as celebrações dos aniversários do CERN (Centro Europeu de Pesquisa Nuclear). Enquanto em 1964 a cerimónia do décimo aniversário foi pequena, com apenas duas comunicações, o trigésimo aniversário mostrou a importância do espectáculo político, tendo a assistência incluído o rei de Espanha e vários ministros europeus. A cerimónia em causa constituiu, no fundo, um meio do CERN publicamente e politicamente afirmar a sua excelência, o que assume particular relevância quando recordamos que esta é uma organização que depende totalmente de dinheiros públicos (Pestre, 1999: 207-209).

Em articulação com o referido, a comunidade científica também recorre à comemoração de modo a fortalecer a sua identidade¹. O que parece ser linear está, contudo, carregado de conflitos e contradições, pois a preservação de uma determinada memória, neste caso, mostra-nos claramente a pretensão em se legitimar uma sucessão, em delinear os herdeiros da autoridade e em demonstrar as reivindicações que devem ser afastadas².

Daqui se conclui algo que atravessa toda a problemática respeitante à comemoração. Referimo-nos ao facto de se esse é um momento de construção de memória colectiva, tal realidade pressupõe que a partir de um mesmo passado se opte por fixar uma determinada memória e, simultaneamente, se mantenha esquecida uma outra. Ou seja, a comemoração é indissociável da memória e História³, donde resulta a preocupação em saber que papel deve um historiador desempenhar neste processo de estudo das comemorações científicas e, no fundo, no estudo de toda a História da Ciência.

Essa resposta é-nos dada por Dominique Pestre, que entende caber aos historiadores essa investigação, pois, comparativamente aos estudos promovidos pela própria comunidade científica, há da parte dos historiadores um tratamento mais sistemático, há tentativas mais sérias de considerar todas as dimensões, de confrontar interpretações e fontes. Em resumo, é esta classe profissional que tem uma abordagem mais científica⁴.

Em concordância com o defendido por Dominique Pestre, verificamos que o estudo da História da Ciência em Portugal no século XX é um campo de análise perfeitamente delimitado pela historiadora Maria de Fátima Nunes. Analisemos o seu contributo na recentemente editada *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX* e constatemos como nessa obra vêm identificados e analisados, embora ainda

¹ Vd. Pestre, 1999: 207.

² Vd. Maier, 1999: IX-X.

³ Vd. Maier, 1999: X.

⁴ Ao debruçar-se sobre as narrativas históricas produzidas pelos físicos do CERN, associadas ou não às já referidas celebrações dos aniversários deste laboratório, Dominique Pestre constata que esses são trabalhos que, frequentemente, não correspondem aos cânones da História académica, nomeadamente por não evitarem anacronismos. Além disso, essas narrativas também não evitam ser elogiosas, visando, sobretudo, destacar os feitos alcançados pelo laboratório, mas sempre evitando mencionar a ligação dos físicos em causa com questões militares. Facilmente se conclui, assim, que o trabalho dos historiadores que entre 1983 e 1989 escreveram a história do CERN tenha resultado num produto final bastante diferente daquele gerado pela comunidade científica, o que se deveu não apenas às diferentes agendas, mas também ao facto de serem os historiadores quem dispõe das *ferramentas* adequadas para esse género de investigação (Pestre, 1999: 203-216).

com um vasto campo de pesquisa a aprofundar, quais os diversos protagonismos a serem atendidos, a fim de se aferir a História do pensamento científico em Portugal¹.

No seu entender, esses protagonismos dividem-se em individuais e institucionais, para além dos percursos não institucionais, como sejam as revistas culturais e científicas².

Relativamente aos protagonistas individuais são destacados Rudolfo Guimarães (1866-?), Francisco Gomes Teixeira (1851-1933) e Virgílio Machado (1859-1927), três personalidades que “...quer como membros de uma comunidade, quer como fazedores-divulgadores da história-memória científica, constituem uma primeira geração de timbre internacional que possibilitou cimentar os elos entre as comunidades científicas existentes em Lisboa, Coimbra e Porto e o resto do Mundo Ocidental – Europa, Estados Unidos e América Latina”³.

No decorrer do século XX, esta geração prolongou-se com os historiadores da cultura Joaquim de Carvalho (1892-1958)⁴, Luís de Albuquerque (1917-1992)⁵ e Rómulo de Carvalho (1906-1997)⁶, os quais “...transportaram para o panorama nacional da história da ciência um forte incentivo de investigação sistematizada e encadeada, cuja influência chegou até aos nossos [dias]”⁷.

¹ Vd. Nunes, 2008: 213-270. Vd. também a este propósito Nunes, 2004: 1-17.

² Vd. Nunes, 2008: 213-215.

³ Vd. Nunes, 2008: 214.

⁴ Joaquim de Carvalho é uma figura paradigmática da cultura em Portugal, tendo dado um grande contributo para a Filosofia, a História da Filosofia, a História da Cultura, a História da Ciência, a História das instituições e a História do pensamento político. De referir ainda que na sua *Obra Completa* é deixado muito claro “...que a história da ciência entra no campo da Filosofia e que a história da Filosofia comporta, por sua vez, um campo especializado, capaz de libertar a história científica e filosófica das correntes da história factual, dando autonomia ao pensamento para a história das ideias...” (Nunes, 2008: 260-261).

⁵ “Este matemático, reconhecido internacionalmente como historiador da ciência em Portugal, adquiriu o seu prestígio a partir do estudo dos problemas cartográficos e matemáticos colocados pela história dos descobrimentos em Portugal, [sendo que]...soube retirar a capa da ideologia e do nacionalismo científicos aos temas relacionados com o movimento das descobertas marítimas” (Nunes, 2008: 262).

⁶ Analisando a sua vasta obra, onde destaca a *História da Fundação do Colégio Real dos Nobres de Lisboa (1761-1772)*, a *História do Gabinete de Física da Universidade de Coimbra* e as edições da Universidade de Évora contendo todas as comunicações sobre a centúria de setecentos apresentadas ao longo da década de 1980 e todos os seus estudos dispersos sobre História da Ciência, Maria de Fátima Nunes conclui que neste autor nos deparamos com “...uma permanente procura de ver os ventos da modernidade científica de uma Europa de além Pirinéus reflectidos em Portugal, fora dos círculos político-institucionais. Nos livros publicados, nas comunicações apresentadas e nos artigos editados por Rómulo de Carvalho os heterodoxos e estrangeirados tiveram um lugar privilegiado, sob o ponto de vista historiográfico. O autor demonstra...entender que as ideias e as correntes culturais conheceram inúmeros caminhos de circulação que foram desde a troca de correspondência científica, à colaboração em jornais ligados a instituições científicas, como a Royal Society, passando pelo exílio ou ainda por alguns círculos de sociabilidade académica e literária onde se estabeleciam tertúlias e debates sobre as novidades editoriais científicas na Europa” (Nunes, 2008: 266).

⁷ Vd. Nunes, 2008: 215.

Nos percursos não institucionais são salientadas revistas culturais e científicas, como a *Archeion*¹ e a *Petrus Nonius*², nas quais se verifica a preocupação em recuperar as “...memórias gloriosas [do] país tornado nação, a fim de justificar a ordem e o progresso que se vinham definindo na protecção da sacralidade científica desde o século XIX”³.

Embora também inseridos no âmbito não institucional, havia nos anos trinta, quarenta e cinquenta, editores, livreiros e tradutores de temáticas de História e Filosofia da Ciência que promoviam um discurso muito diferente do das revistas mencionadas. De facto, embora se reconheça que este campo de investigação ainda está numa fase embrionária, as pistas parecem indicar que estamos perante “...uma outra dimensão da cultura, na qual podemos encontrar pontos de contacto com uma outra história da ciência e fios de ligação à filosofia da ciência do século XX”⁴.

Finalmente, e assumindo especial interesse para o nosso trabalho, há que atender ao modo como institucionalmente se tem entendido a História da Ciência em Portugal. Começamos pelas instituições científicas tradicionais, a Universidade de Coimbra e a Academia das Ciências.

¹ Debruçando-se sobre a revista italiana *Archeion* (1919-1943), a qual contou com colaboradores portugueses, Fátima Nunes defende que esta revista “...foi fundamental para legitimar modelos biográficos e incentivar a pesquisa e a sistematização de fontes necessárias para construir, com legitimidade e autoridade, uma imagem nacional do passado, aqui e ali temperada com uma dose necessária de nacionalismo, de ordem e de conservadorismo” (Nunes, 2008: 221).

² Nas páginas desta revista – *Petrus Nonius: Publicação do Grupo Português de História das Ciências* (1937-1951) – “...foram-se celebrando as glórias de ‘uma certa política do espírito’ inerentes à realização do III Congresso Internacional de História das Ciências; abriu-se o debate em torno do ensino da história das ciências e comemorou-se o centenário da fundação do ensino politécnico em Portugal (1837-1937). A comunidade científica portuguesa iniciava, deste modo, a experiência laboratorial das práticas celebrativas da memória nacional e científica” (Nunes, 2008: 224). Ao analisar *Petrus Nonius – Anuário do Grupo Português de História das Ciências* (1937 – número único), a autora conclui o seguinte: “Em todos os textos o passado nacional, centrado nas figuras dos *heróis*, estrutura a caracterização apresentada, evidenciando uma erudição especial no que diz respeito às autoridades e às fontes primárias (impressas e manuscritas) para a história da ciência em Portugal. Cruzam-se pequenas biografias com alinhamentos de quadros factuais, revivem-se nomes emblemáticos do período das descobertas geográficas e, nas centúrias de setecentos e oitocentos, dos matemáticos portugueses. Acompanhando o movimento europeu, também entre nós se pugnou pela valorização da memória e da história, ultrapassando o possível debate em torno da expressão usada de ‘coisa científica’, ou por outras palavras da filosofia da ciência, olvidando os círculos de debate em torno da especulação, da projecção filosófica da ciência, terrenos muito movediços para alguns sectores científicos europeus dos anos trinta” (Nunes, 2008: 224).

³ Vd. Nunes, 2008: 232.

⁴ Entre as várias editoras e nomes mencionados pela autora atenda-se, por exemplo, a Alberto Candeeiro (1891-?), tradutor de temas científicos que em 1940 faz aparecer o opúsculo *A personalidade e a obra de Darwin*, texto este que pretendia fazer passar a mensagem do relativismo da ciência (Nunes, 2008: 255).

Relativamente à História da Ciência na Universidade de Coimbra, a autora em análise tem a preocupação de nos mostrar, através da comparação de dois discursos¹, como “...Na primeira metade da década de quarenta ainda podemos verificar a coexistência de dois discursos sobre a ciência, qualitativamente diferenciados e orientados por postulados filosóficos distintos”². A universidade admitia, assim, a existência de docentes que pugnassem pela investigação como algo intrínseco à sua actividade quotidiana, situação esta que só findou no final dessa década³.

No que concerne à Academia das Ciências de Lisboa, a temática por nós analisada, para o período que nos importa, o século XX, é procurada nos trabalhos divulgados no *Jornal das Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*⁴. Pela análise deste jornal conclui-se que aí se verifica um “...movimento de recolha e alinhamento cronológico de factos e de personagens directamente ligados à actividade científica em Portugal, obtendo-se itinerários bio-bibliográficos, mas também um conjunto de reflexões sobre a integração do biografado no contexto do desenvolvimento científico em Portugal, não deixando de se fertilizar o texto com um tom laudatório e nacionalista”⁵.

Em 1936 este jornal dá lugar às tradicionais *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, tendo sido retomadas as séries *Classe de Ciências e de Letras*. Este foi um processo conduzido por Francisco Gomes Teixeira e Pedro José da Cunha⁶, sendo que o fundamental é atender à seguinte conclusão de Maria de Fátima Nunes: “... a escrita e apresentação pública dos dois textos inaugurais da nova vida das publicações da Academia das Ciências de Lisboa encontram-se separadas por um significativo intervalo de tempo substantivado entre 1918 e 1937. O primeiro de Gomes Teixeira (1918), o outro de Pedro José da Cunha (1937) constituem duas tonalidades discursivas que nos fazem perceber que a década de vinte em Portugal foi um período propício para

¹ Os discursos em causa são as orações de sapiência proferidas em 1941 e 1942 na Universidade de Coimbra, respectivamente, pelos professores João Porto e Mário Silva (Nunes, 2008: 249).

² Vd. Nunes, 2008: 253-254.

³ Pelo Despacho do Conselho de Ministros publicado no *Diário do Governo*, primeira série, nº 138 de 18 de Junho de 1947, foram levados “...compulsivamente para fora da Universidade portuguesa vários professores [como Mário Silva], que exerciam a prática regular de investigação científica nas instituições em que se encontravam inseridos: Universidades de Lisboa e de Coimbra” (Nunes, 2008: 254).

⁴ Esta publicação iniciou-se em 1866, sob a direcção de Latino Coelho, prolongando-se até 1924, na última fase sob a responsabilidade de Almeida Lima (Nunes, 2008: 233).

⁵ Vd. Nunes, 2008: 234.

⁶ Enquanto o trabalho de Francisco Gomes Teixeira, já apresentado publicamente em 1918, é de uma grande riqueza de referências, no que respeita à História da Matemática em Portugal, o contributo de Pedro José da Cunha neste relançamento, centrado na história da Escola Politécnica de Lisboa, não possui quaisquer referências, nacionais ou internacionais, somente legislação e textos de actas de júris acompanhados de pequenos comentários (Nunes, 2008: 236-239).

a construção de alterações de referências de memória, impondo novos ritmos políticos e ideológicos ao País, a caminho do binómio histórico de *ciência e fascismo*”¹.

O que na década de vinte está a ser esboçado, na década de trinta é complementado. Esta é a conclusão a que chegamos quando analisamos as palavras da mesma autora referentes, entre outros eventos, aos congressos científicos promovidos pelo Estado Novo, nomeadamente o III Congresso Internacional de História das Ciências e o VIII Congresso do Mundo Português².

Tendo sido organizado, em 1934, pelos portugueses institucionalmente ligados à História da Ciência em Portugal, não nos surpreende que o III Congresso Internacional de História das Ciências tenha sido manipulado pelo poder político. Esta ligação, pautando-se, nomeadamente, pelo facto de a recepção de boas vindas aos congressistas ter ocorrido no Porto, a tempo de poder ser integrada no encerramento da Exposição Colonial que aí decorria, é de especial importância, pois o regime tinha objectivos de propaganda nacional e internacional³.

No respeitante ao VIII Congresso do Mundo Português, ocorrido em 1940, a autora analisada começa por apontar as diversas áreas do saber sobre as quais se debruçaram alguns dos membros da comunidade científica existente na época em Portugal⁴. Ao desenvolver este ponto, Fátima Nunes revela-nos como neste congresso a comemoração científica girou em torno dos três pólos já inicialmente enunciados: as grandes mentes, as instituições científicas e as disciplinas científicas⁵.

¹ Vd. Nunes, 2008: 240.

² Entre os outros eventos enunciados contam-se os Congressos Coloniais e de Antropologia realizados em Portugal no início da década de trinta, a participação na Exposição Internacional de Paris, em 1937, e as iniciativas associadas à comemoração dos centenários da fundação da Escola Politécnica de Lisboa e da Academia Politécnica do Porto, também no ano de 1937 (Nunes, 2008: 215-216, 240).

³ Este encontro, tendo trazido a Portugal prestigiadas personalidades internacionais da área da História das Ciências, teve impacto não somente na imprensa informativa e cultural portuguesa, como ainda em diversas publicações científicas internacionais (Nunes, 2008: 241-245). Para mais informações sobre esta celebração científica vd. Nunes, 2009a: 321-336.

⁴ Os dois volumes editados pela Comissão Executiva dos Centenários mostram-nos que as comunicações cobriram as Ciências Físico-Matemáticas e Militares, as Ciências Naturais e Biológicas, as Ciências Médicas, e as Ciências Sociais e Morais (Nunes, 2008: 245-246).

⁵ A título de exemplo atenda-se às seguintes palavras: “No painel das matemáticas destacamos...a comunicação original de J. Vicente Gonçalves sobre os aspectos histórico-matemáticos específicos da obra de José Anastácio da Cunha...sendo, em particular, analisadas algumas demonstrações notáveis e inovadoras do matemático português. [...] No capítulo de estudos monográficos sobre observatórios temos a destacar o contributo de Amorim Ferreira, da Faculdade de Ciências de Lisboa. [...] A componente de militarização da Matemática e da Física esteve igualmente representada neste congresso através dos contributos de Belisário Pimenta, Luís da Costa de Sousa Macedo e Henrique Pires Monteiro, que abordaram a história científica e militar em Portugal desde o século XVII. [...] A história das ciências médicas em Portugal constituiu um corpo coeso de informação sobre a memória da Medicina e da actividade médica entre nós. Vários foram os protagonistas desta secção que se encarregaram de apresentar histórias de temas médicos e de instituições, biografias, diversificando os campos de análise e

Menos explicitado é o modo como a Comissão Executiva dos Centenários capitalizou politicamente este evento. Ainda assim, encontramos na investigação de Maria de Fátima Nunes algumas considerações a destacar.

A primeira reporta-se ao facto de a autora defender que as comunicações e discursos apresentados enfatizam os acontecimentos, as personagens e as instituições de setecentos e oitocentos, fundamentalmente no campo da Matemática, da Física, das Ciências Naturais e da Antropologia¹. Tal constatação é de extrema importância, na medida em que, revelando como “A história da ciência em Portugal começava...a manifestar sinais evidentes de valorização de temas e períodos históricos distintos dos da época das descobertas marítimas dos séculos XV e XVI”², nos permite concluir que estamos perante um distanciamento do quadro *oficial* da historiografia salazarista.

Por outro lado, e corroborando uma outra ideia que tem vindo a ser apresentada – o facto de a História da Ciência no Estado Novo, a nível institucional, consistir num memorialismo de cunho nacionalista pouco ou nada reflectindo sobre o conhecimento científico –, a autora afirma que as comunicações centradas em biografias de médicos estão muito impregnadas “...de sabor a memória do passado e [revelam] pouca abertura para reflexões sobre o sentido ético ou científico da história da Medicina”³. Tal constatação, por sua vez, ainda nos permite concluir que nem toda a ciência seria considerada uma *boa* ciência.

Estamos, no fundo, no final dos anos trinta, perante uma realidade bastante mais ambígua do que seria expectável, sendo neste contexto que pretendemos dar o nosso contributo.

Pela orientação fornecida por José Pedro Sousa Dias no *Guia Bibliográfico para a História das Ciências Biomédicas em Lisboa entre 1890 e 1950*⁴ verificamos que esse contributo deve assentar, sobretudo, naquela que para este autor ainda hoje é a principal obra de referência para se obter informações de carácter biográfico geral para a primeira metade do século XX – a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*⁵.

as metodologias utilizadas” (Nunes, 2008: 245-248). A propósito da comunicação do médico e historiador da Medicina Augusto da Silva Carvalho vd. Nunes, 2009b: 79-103.

¹ Vd. Nunes, 2008: 248.

² Vd. Nunes, 2008: 248.

³ Vd. Nunes, 2008: 248.

⁴ Vd. <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>, por nós consultado em 04/09/09.

⁵ O facto de estarmos perante uma obra de referência que nos disponibiliza as informações pretendidas fora das suas *Actualizações*, portanto, entre os seus primeiros quarenta volumes, editados na sua grande maioria na década de cinquenta do século passado, é sinal significativo do vasto campo de estudo que está por actualizar e aprofundar em Portugal.

Comprovamo-lo quando verificamos que os seus artigos, sendo muito numerosos, disponibilizam informações sobre a formação académica dos biografados, quais os suportes das suas intervenções no espaço público e de que modo foram consagrados intelectualmente¹.

Ainda seguindo as orientações de José Pedro Sousa Dias verificamos que o *Dicionário de Educadores Portugueses*, apesar de direccionar os seus artigos para a vertente pedagógica dos biografados², complementa as informações de carácter biográfico disponibilizadas na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. O mesmo complemento é disponibilizado por dois *sites* da *internet*, absolutamente determinantes para um trabalho de uma natureza como o nosso. Referimo-nos ao *site* do Instituto Camões, cujos artigos além de fornecerem dados biográficos analisam a contribuição científica do biografado³, e ao *site* da Biblioteca Nacional, fundamental para reconstituir as redes de comunicação proporcionadas pelo recurso aos mais diversos periódicos e editoras⁴.

Finalmente encontramos algumas relativamente recentes dissertações de mestrado e doutoramento, onde é possível obter mais informações biográficas de alguns congressistas presentes no VIII Congresso do Mundo Português. Apesar de disponibilizarem esse género de dados, a realidade é que as dissertações em causa centram-se ou no estudo do pensamento e da obra dos cientistas ou no estudo de determinadas áreas temáticas onde alguns dos comunicadores presentes no congresso mencionado desempenharam um papel de destaque.

Referimo-nos às dissertações de mestrado *Mário Silva, a Obra de um Professor*, que analisa a investigação do professor Mário Silva na área da Física no Laboratório Curie e no Laboratório de Física da Universidade de Coimbra, dando-se também

¹ De um modo mais pormenorizado podemos referir que, relativamente aos cientistas biografados na *GEPB*, somos confrontados com as datas e instituições de ensino superior em que se formaram, se usufruíram de bolsas de estudo, quais foram, quando isso ocorreu e com que fim, em que instituições de ensino leccionaram, de que organizações científicas foram presidentes, investigadores ou meros membros ordinários, que cargos políticos desempenharam e quando se verificou essa realidade, a que congressos atenderam ou presidiram, em que periódicos publicaram estudos e, finalmente, com que doutoramentos *honoris causa*, condecorações ou prémios foram agraciados.

² As informações fornecidas enfatizam, sobretudo, as ideias dos intelectuais analisados relativamente ao ensino, se foram autores de manuais escolares e se detiveram cargos públicos relacionados com o ensino em Portugal (Nóvoa, 2003).

³ Vd <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia>.

⁴ De facto, graças a este *site* é possível saber, num relativamente curto espaço de tempo, quais os periódicos em que os cientistas em causa escreveram, quais as editoras que lhes publicaram obras, em que data isso ocorreu e, ainda, sobre que temas se debruçaram (<http://catalogo.bnportugal.pt>).

particular atenção à sua actividade como professor¹; *O Pensamento Estético em Vieira de Almeida*, onde, como o título indica, se analisa o pensamento estético deste filósofo²; *O Universo Imaginário de Eugénio de Castro*, onde a autora analisa a imaginação simbólica na obra deste poeta³; *Um Roteiro da Educação Nova em Portugal: Escolas Novas e Práticas Pedagógicas Inovadoras (1882-1935)*, investigação que ao debruçar-se sobre a Educação Nova em Portugal, para o período mencionado, alude a José Joaquim de Oliveira Guimarães⁴; e *Limpos, Sadios e Dóceis: História da Saúde Escolar em Portugal no Estado Novo, 1930 a 1960*, onde, ao abordar a temática explicitada no título, o autor fornece referências biográficas de Fernando da Silva Correia e de José Lopes Dias⁵; e referimo-nos ainda às dissertações de doutoramento *As Escolas de Investigação de Marck Athias e de Kurt Jacobsohn e a Emergência da Bioquímica em Portugal*, onde a autora, embora enfatize o contributo científico dos investigadores mencionados, e seus colaboradores e discípulos, na emergência e consolidação da Bioquímica em Portugal, disponibiliza breves biografias tanto de Marck Athias como de Kurt Jacobsohn⁶; e *José Vicente Gonçalves: Matemático...Porque Professor!*, que analisa a actividade profissional e a obra científica deste matemático, fornecendo, simultaneamente, muitas informações suas de carácter biográfico⁷.

¹ Esta foi uma tese apresentada na Universidade de Évora para obtenção do grau de Mestre em Física (Santiago, 2001).

² Dissertação de mestrado em Filosofia em Portugal e Cultura Portuguesa apresentada na Universidade do Minho (Lopes, 1998).

³ Dissertação de mestrado na área de Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Fernandes, 2006).

⁴ Esta é uma tese de mestrado em Ciências da Educação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Figueira, 2001).

⁵ Esta é uma outra tese de mestrado em Ciências da Educação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Abreu, 1999).

⁶ Dissertação apresentada para obtenção do grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, especialidade de Epistemologia das Ciências, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa (Amaral, 2001).

⁷ Dissertação de doutoramento em Matemática apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Costa, 2000).

Capítulo 2

1940: O Ano Áureo do Estado Novo

A contextualização política e ideológica do VIII Congresso do Mundo Português remete-nos inevitavelmente para a compreensão da importância simbólica que o ano de 1940 teve para o regime.

De acordo com as palavras de Joaquim Veríssimo Serrão foi o próprio presidente do conselho quem havia “...formado o projecto, a dois anos de distância, de celebrar as efemérides de 1140 e 1640, a primeira marcando a data da criação do Estado e a segunda, os três séculos da Restauração”¹. Para a concretização desse projecto tomou posse uma comissão organizadora que tinha como presidente o embaixador Alberto de Oliveira, como vice-presidente o conde de Penha Garcia e como secretário-geral António Ferro. Além destas, outras personalidades de relevo público foram convidadas a integrar as várias comissões².

As Comemorações do Duplo Centenário da Independência e da Restauração concretizar-se-iam então na construção de obras públicas, acabamentos e restauros, e na realização de diversos rituais e cerimónias públicas, culminando na Exposição do Mundo Português e no ciclo de congressos que a acompanharia.

Relativamente às construções, restauros e melhoramentos a introduzir em edifícios públicos destacam-se os “...acabamentos a realizar no Palácio de Queluz, respectivo jardim e parque; e na parte administrativa e oficial da Casa da Moeda. Previa-se também a construção, em parte, da auto-estrada para Cascais, assim como a construção simultânea do Estádio de Lisboa, sem esquecer a estrada marginal até à Cruz Quebrada. Outra condição do programa dos centenários dizia respeito à libertação da Torre de Belém, pela ‘aviltante vizinhança’ dos edifícios que ensombavam a sua beleza

¹ Vd. Serrão, 2000: 149. De notar que o recurso a Joaquim Veríssimo Serrão resulta da quantidade de dados informativos que nos disponibiliza, afastando-se este autor, contudo, de qualquer linha de História comparativa ou de nova escrita da História.

² Continuando a recorrer às informações prestadas por Joaquim Veríssimo Serrão verificamos que algumas das figuras em causa são “...o Doutor António Mendes Correia e o Eng.º Duarte Pacheco, presidentes dos Municípios do Porto e Lisboa; os Doutores António de Vasconcelos e Reinaldo dos Santos e o Dr. Júlio Dantas, presidentes das Academias Portuguesa da História, Nacional de Belas-Artes e das Ciências de Lisboa; os olisipógrafos Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor de Macedo; os historiadores Afonso de Dornelas, comandante Quirino da Fonseca, Dr. Manuel Múrias; os arquitectos Paulino Montez, Porfírio Pardal Monteiro, Raul Lino e José Cottinelli Telmo; o crítico de arte Dr. João Couto; o pintor Adriano de Sousa Lopes, director do Museu de Arte Contemporânea; o capitão Henrique Galvão, director da Emissora Nacional; [e] Júlio Caiola, director da Agência Geral das Colónias” (Serrão, 2000: 152-153).

arquitectónica. A conclusão das obras no Palácio de S. Bento, assim como a urbanização do local, integrava-se também no conjunto de trabalhos a concluir até 1940, sem esquecer as reparações a efectuar no Teatro de S. Carlos. Ainda uma referência à urbanização do Parque Eduardo VII, onde seria construído um Palácio de Exposições de há muito reclamado pela população da capital. Estes e outros projectos constituíam aspirações do Governo para o início do ano do Duplo Centenário...”¹.

Já no que concerne aos rituais e cerimónias celebradas, os exemplos são inúmeros e remetem-nos claramente para o ideário salazarista². Atenda-se, por exemplo, à abertura do programa comemorativo a 2 de Junho de 1940 “...com um *Te Deum* na Sé de Lisboa, sob a presidência do Cardeal-Patriarca e estando presentes os chefes do Estado e do Governo, além das principais autoridades civis e militares. Do terraço da Catedral, falou ao público D. Manuel Gonçalves Cerejeira a anunciar ao povo da capital os oito séculos da Nação portuguesa...”³. Alguns dias mais tarde, já no castelo de Guimarães, houve uma outra cerimónia cujo momento alto “...ocorreu com o discurso proferido pelo Doutor Salazar de uma das ameias da torre de menagem, para lembrar que milhões de portugueses se encontravam juntos, em corpo ou em espírito, para comungarem dos sentimentos de devoção e fé nos destinos da Pátria”⁴.

Após a passagem pelo Porto, onde D. Manuel Gonçalves Cerejeira, do alto do terreiro da Catedral, abençoou a cidade, na expressão camoniana, “de onde houve nome Portugal”, chegou “...a vez de Coimbra cumprir o programa que lhe fora reservado na celebração do Duplo Centenário. A igreja do Mosteiro de Santa Cruz serviu de cenário a uma cerimónia religiosa, para homenagear as figuras dos reis D. Afonso Henriques e D. Sancho I, perante os seus túmulos quinhentistas”⁵.

A 8 de Junho, em Santarém, organizava-se um “...cortejo folclórico a par de uma grande parada agrícola e pecuária, sem esquecer uma visita das autoridades locais ao antigo castelo das Portas do Sol, conquistado por D. Afonso Henriques em 1147. Dois actos solenes preencheram o dia 10 de Junho, primeiro com o *Te Deum* celebrado

¹ Vd. Serrão, 2000: 151.

² Um excelente meio de apreender esse ideário é pela *imagem* da família ideal, a qual deveria ser nacionalista, católica, tradicional, patriarcal, em que a mulher é acima de tudo esposa e mãe, dedicando-se às lides domésticas e à educação dos filhos. Já o marido, por seu turno, é o único elemento do agregado que trabalha fora de casa, trabalho esse que se desenvolve na agricultura. Esta é ainda uma família pobre, mas feliz, em que a submissão é entendida como simplicidade e a obediência à autoridade um sinal de respeito (Melo, 2001).

³ Vd. Serrão, 2000: 232. Para um recente estudo biográfico de D. Manuel Gonçalves Cerejeira vd. Pimentel, 2010.

⁴ Vd. Serrão, 2000: 233.

⁵ Vd. Serrão, 2000: 234.

de manhã, na igreja do Convento de S. Domingos, pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, na presença do Chefe do Estado, do Governo e das missões oficiais vindas a Portugal. O acto litúrgico serviu para homenagear o Brasil como a mais expressiva vivência da expansão portuguesa no Mundo. À noite, no salão nobre da Academia das Ciências, decorreu a sessão solene presidida pelo Presidente da República, de homenagem à língua portuguesa como símbolo da extroversão nacional”¹.

No final do ano, aquando do encerramento das festas centenárias, os mesmos valores salazaristas continuavam subjacentes às cerimónias celebradas. Atenda-se tão-somente ao dia 25 de Outubro, quando se “...assistiu a um *Te Deum* na Sé de Lisboa, presidido pelo Cardeal D. Manuel Cerejeira, seguindo-se uma sessão solene nos Paços do Concelho, para comemorar a efeméride da tomada de Lisboa aos mouros”² e a representação da ópera *D. João IV*, no Teatro de São Carlos, na noite de 1 de Dezembro³.

Relativamente à Exposição do Mundo Português, ocupando a posição central de todas as realizações facilmente se compreende que os seus 500 000 m² em frente ao Mosteiro dos Jerónimos fossem “...um mostruário iconográfico onde se exaltam e esteticamente se emblematizam os grandes temas da mitologia salazarista”⁴. Para isso contribuíram decisivamente António Ferro e Duarte Pacheco, os quais dirigiram “...uma poderosa máquina técnica de 5000 operários, 17 arquitectos, 15 engenheiros, 43 pintores e decoradores”⁵.

Fruto do trabalho desta vasta equipa resulta um espaço onde sobressaem os pavilhões da Fundação⁶, da Formação e Conquista⁷, da Independência⁸, dos Descobrimentos, da Colonização⁹, do Brasil¹⁰, de Honra e de Lisboa¹, e dos Portugueses

¹ Vd. Serrão, 2000: 235.

² Vd. Serrão, 2000: 248.

³ Vd. Serrão, 2000: 250.

⁴ Vd. Fagundes, 1995: 383-384. Vd. também Acciauli, 1998.

⁵ Vd. Fagundes, 1995: 384. Entre os arquitectos envolvidos no projecto destacou-se Cottinelli Telmo, que dirigiu o programa arquitectónico. Outros intervenientes foram os arquitectos Paulino Montez, Jorge Segurado, Francisco Keil do Amaral, Luís Cristino da Silva, António Lino, Vasco Lacerda Marques, Vasco de Moraes Palmeiro, Rodrigues Lima, Porfírio Pardal Monteiro e Carlos Chambers Ramos; os pintores Carlos Botelho, Bernardo Marques, Fred Kradolfer, Tomás de Melo e Manuel Lapa; e os escultores Maximiano Alves, António Duarte, Raul Xavier, Salvador Barata-Feyo e Canto da Maya (Serrão, 2000: 634-635).

⁶ No seu interior encontrava-se uma estátua de D. Afonso Henriques talhada por Maximiano Alves (Serrão, 2000: 144-145, 635).

⁷ Este pavilhão era da autoria de Rodrigues Lima (Santos, 1998: 75).

⁸ Contava este pavilhão com uma estátua do rei D. João I, da autoria de Salvador Barata-Feyo (Serrão, 2000: 635).

⁹ Pavilhão do arquitecto Carlos Ramos (Santos, 1998: 73).

¹⁰ Pavilhão da autoria do arquitecto Raul Lino (Santos, 1998: 73).

no Mundo², além de outras zonas como sejam a Praça do Império³, a secção da Vida Popular, os núcleos das Aldeias Portuguesas⁴, o Padrão dos Descobrimentos⁵ e a Nau Portugal⁶.

Finalmente, também “...integrados no plano geral das Comemorações dos Centenários, realizaram-se diversos congressos sobre a história nacional, a que genericamente se chamou ‘do Mundo Português’. Os trabalhos decorreram entre Julho e Novembro de 1940, em Lisboa, Porto e Coimbra, e contaram com um número de participantes sem precedentes: 231 historiadores portugueses e 121 estrangeiros. As 515 comunicações depositadas na comissão executiva dariam origem a 19 volumes de actas, facto inédito na época. A iniciativa compreendeu dois ciclos. O primeiro incluiu os congressos de ‘Pré e Proto-História’ (I), de ‘História Medieval’ (II), de ‘História dos Descobrimentos e Colonização’ (III), de ‘História da Monarquia Dualista e Restauração’ (IV), de ‘História dos Séculos XVII a XX’ (V e VI); e o segundo, o ‘Luso-Brasileiro de História’ (VII), o de ‘História da Actividade Científica Portuguesa’ (VIII) e o ‘Colonial’ (IX)”⁷.

O VIII Congresso do Mundo Português está, assim, inserido num contexto político e ideológico bem definido. Numa Europa dilacerada pela guerra, o Estado Novo promove uma série de manifestações nacionalistas onde sobressai a Exposição do Mundo Português. Aí são glorificadas as *verdades* salazaristas – Deus, Pátria, Autoridade, Família, Trabalho –, as *verdades* que o regime inculcava nos espíritos como sendo a essência da identidade nacional. Logo, apresentando-se o salazarismo como

¹ Caracterizado por um “...eclectismo arquitectural, monumental e estilizado, era o [pavilhão] que melhor correspondia aos desejos imperiais de Duarte Pacheco e o que melhor simbolizava o momento político vivido, dando forma acabada à ideologia nacionalista e ao fundamento providencialista do regime...” (Santos, 1998: 75).

² Riscado por Cottinelli Telmo (Santos, 1998: 75), algumas das suas salas eram, por exemplo, a de Camões, a da Fé e do Sacrifício dos Portugueses em Marrocos, a da Índia, a das Américas e a do Japão. (Um extraordinário registo fotográfico destas salas foi efectuado por Mário Novais e pode ser consultado em *Mário Novais...*, 1998: 91).

³ “O coração do certame” (Serrão, 2000: 199-200).

⁴ Atenda-se às fotografias de Mário Novais registadas em alguns destes núcleos, as quais são elucidativas da ideia de nação rural e tradicional propagandeada pelo salazarismo (*Mário Novais...*, 1998: 91. Vd. também Melo, 2001).

⁵ Esta construção era fruto dos esforços conjugados de Cottinelli e Leopoldo de Almeida, e nela figurava “...uma estilizada caravela de velas enfunadas, percorrida verticalmente pela cruz e a espada e lateralmente por duas teorias de navegadores, guerreiros, cientistas, pintores, escritores, frades e poetas, todos convergindo para a isolada figura do Infante D. Henrique...” (Santos, 1998: 75).

⁶ Nau colocada diante do Tejo, entre a Praça do Império e o Padrão dos Descobrimentos (Serrão, 2000: 624-625).

⁷ Vd. Castelo, 1996: 191. De referir que, relativamente à presença portuguesa, seria mais correcto a autora mencionar que intervieram no Congresso do Mundo Português historiadores e cientistas nacionais, ao invés de historiadores somente, na medida em que foram membros da nossa comunidade científica quem tomou parte no Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa.

protector desses valores, elevados a “...esteio e símbolo da harmonia social, das virtudes pátrias e da estabilidade do regime”¹, necessariamente a Grande Exposição, como as cerimónias enunciadas e o Congresso do Mundo Português são meios a que o salazarismo recorre a fim de buscar a sua legitimação².

Nesta perspectiva, defender, como o faz Joaquim Veríssimo Serrão, que a Exposição do Mundo Português não se limitou a uma afirmação política do Estado Novo, recorrendo ao argumento de que “...na base da Exposição esteve subjacente uma forte ideia da continuidade nacional”³, afigura-se-nos erróneo, pois é precisamente essa ideia de continuidade nacional – de continuidade da nossa *verdadeira* identidade e, conseqüentemente, da nossa grandeza histórica –, de que o salazarismo defende ser portador, que confere à exposição o carácter legitimador em causa. Igualmente interessante será ainda verificarmos como esse evento, atraindo cidadãos estrangeiros entre os seus três milhões de visitantes⁴, se assume como um meio de procurar uma legitimação que não se pretende somente interna, mas simultaneamente externa.

¹ Vd. Rosas, 1994: 53.

² No que concerne ao papel desempenhado pelos congressos atenda-se às palavras de Cláudia Castelo, quando refere que, embora haja excepções, “...os congressos e conferências culturais patrocinados pelo Estado Novo serviram menos para debater ideias e fomentar a reflexão crítica, do que para legitimar as concepções de história e cultura veiculadas pelo regime. Tratava-se de promover a coesão em torno do nacionalismo, com o aval dos mais doutos” (Castelo, 1996: 192). Ou seja, os congressos culturais funcionariam para o Estado Novo como um modo de buscar a legitimação científica para a identidade nacional propagandeada para a opinião pública.

³ Vd. Serrão, 2000: 634.

⁴ Vd. Santos, 1998: 77. Vd. também Joaquim Veríssimo Serrão, pela referência que faz à vinda do duque de Kent no mês de Junho, como representante do rei Jorge VI de Inglaterra, às comemorações centenárias, sendo recebido pelo Presidente da República e pelo Presidente do Conselho, ao qual impõe as insígnias da Ordem de S. Miguel e de S. Jorge (Serrão, 2000: 236-237).

Capítulo 3

Organizadores do VIII Congresso do Mundo Português

3.1 – Alguns Dados Biográficos

As personalidades ligadas à realização do VIII Congresso do Mundo Português são o Dr. Júlio Dantas, presidente geral do Congresso do Mundo Português, o Dr. Manuel Múrias, secretário-geral, o Professor Doutor Joaquim de Carvalho, presidente do VIII Congresso e das Secções, e Joaquim Leitão, director adjunto da Secção de Congressos¹.

Duas destas personalidades, Júlio Dantas e Joaquim Leitão, formaram-se ainda no decorrer da Monarquia². As restantes, Manuel Múrias e Joaquim de Carvalho, concluíram os seus estudos superiores já na 1.^a República³. Apesar de nenhum dos organizadores ter prolongado os seus estudos no estrangeiro ou ter usufruído de bolsas de estudo, o facto de nos depararmos apenas com um doutorado – Joaquim de Carvalho – aponta-nos desde logo para a ideia de estarmos perante um único verdadeiro académico.

A ideia transmitida é reafirmada quando nos debruçamos sobre os cargos de docência exercidos pelos elementos em causa. Assim, se Joaquim Leitão nem sequer exerceu magistério, Júlio Dantas assumiu as funções de professor da Secção Dramática do Conservatório em 1909. Após a proclamação da República, o governo provisório transforma a Secção Dramática do Conservatório em Escola de Arte de Representar,

¹ Vd. *Discursos e Comunicações Apresentadas ao Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa (VIII Congresso)*, 1940 (disponível em <http://bnd.bn.pt/memorias/ciencia>, por nós consultado em 05/01/09).

² Júlio Dantas frequentou a Escola Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, alcançando o bacharelato em Medicina no ano de 1899 e a licenciatura no ano seguinte (http://www.fmsoares.pt/aeb/CronoXX/popup_biografias_id.asp?registo=55, por nós consultado em 05/10/09). Relativamente a Joaquim Leitão, não dispomos de datas que nos assegurem quando ocorreu a conclusão dos seus estudos, mas atribuímos-lhe essa etapa ao período da Monarquia pelo facto de estarmos perante uma pessoa nascida em 1875. Deste organizador do congresso sabemos então ter frequentado as Escolas Médicas de Lisboa e Porto, e de possuir o curso de Filosofia (QA: 405-406).

³ Manuel Múrias é um outro organizador sobre o qual não dispomos da data de conclusão dos seus estudos. Contudo, tendo nascido em 1900, julgamos ser muito provável ter-se licenciado ainda na 1.^a República, licenciatura essa que teve lugar na Faculdade de Letras de Lisboa, no curso de Filologia Românica (GEPB XVIII: 192). Joaquim de Carvalho, por seu lado, formou-se na Universidade de Coimbra, primeiro em Direito, em 1914, e depois em Filosofia, em 1915. Além disso, doutorou-se em Filosofia, no ano de 1917, na Faculdade de Letras de Coimbra (<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/joaquimdecarvalho.html>, por nós consultado em 01/02/10).

continuando Júlio Dantas a leccionar na nova escola até 1930¹. Manuel Múrias, por seu lado, em 1931 foi nomeado professor efectivo da Escola Normal Primária de Lisboa, aí desempenhando funções docentes até ao encerramento legal deste tipo de escolas, em 1936². Finalmente, Joaquim de Carvalho foi o único professor universitário, tendo sido catedrático de História da Filosofia, em Coimbra, desde 1919 até à sua morte, em 1958³.

Uma análise mais demorada sobre outros cargos públicos detidos por este grupo conduz-nos a uma percepção da realidade caracterizada ainda pela ligação explícita de Júlio Dantas, Manuel Múrias e Joaquim Leitão ao regime salazarista.

Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1922 até 1959, ano em que passou a ser presidente honorário, foi entre 1912 e 1946 inspector das Bibliotecas Eruditas e Arquivos, e entre 1935 e 1959 foi procurador à Câmara Corporativa. Presidiu ainda à embaixada enviada ao Brasil, em 1941, para agradecer a participação daquele país nas Comemorações Centenárias de 1940, a cuja comissão executiva também presidiu⁴.

Manuel Múrias, integralista que havia sucedido a António Sardinha na direcção da revista *Nação Portuguesa*, foi deputado à Assembleia Nacional desde 1942, inspector do Ensino Colonial desde 1946, e entre 1943 e 1956 dirigiu o *Diário da Manhã* – órgão oficial da União Nacional⁵.

Joaquim Leitão também esteve politicamente ligado ao salazarismo, nomeadamente enquanto “director-geral da Assembleia Nacional”, entre 1935 e 1945, enquanto inspector das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais de Lisboa, o que ocorreu desde 1946, e enquanto “director do Museu da Assembleia Nacional da Restauração”, o que sabemos ser uma realidade pelo menos em 1947⁶.

Já Joaquim de Carvalho tem uma posição de maior afastamento face ao anterior regime, destacando-se na sua acção pública, além do magistério exercido na Universidade de Coimbra, a administração da Imprensa da mesma universidade entre

¹ Vd. *GEPB* VIII: 384-385. Vd. também Castelo, 2003: 462-464.

² Vd. Paulo, 2003: 964-965.

³ Vd. <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/joaquimdecarvalho.html>, por nós consultado em 01/02/10. Vd. também [Nóvoa], 2003: 294-297.

⁴ Além de exercer estes cargos no Estado Novo, embora, como se verifique, alguns sejam já por si detidos desde períodos anteriores, Júlio Dantas foi ainda parlamentar em 1905, 1918, 1921 e 1926, além de ter sido ministro por quatro vezes na 1.ª República – duas vezes em 1920, sobraçando a pasta da Instrução Pública, e em 1921 e 1923, assumindo a pasta dos Negócios Estrangeiros (*GEPB* VIII: 384-385. Vd. também Trigueiros, 1967: 768-769. Vd. também http://www.fmsoares.pt/aeb/CronoXX/popup_biografias_id.asp?registo=55, por nós consultado em 05/10/09. Vd. também Castelo, 2003: 462-464. Vd. também Esquível, 1996: 251-252).

⁵ Vd. Oliveira, 1972: 1567-1568. Vd. também *GEPB* XVIII: 192. Vd. também Rodrigues, 1996: 646.

⁶ Vd. *GEPB* XIV: 860-861. Vd. também *QA*: 405-406.

1921 e 1935. À frente desta editora, encerrada por ordem directa do governo em 1935, apoiou António Sérgio no exílio deste em Paris e publicou jovens autores como Adolfo Casais Monteiro¹.

Em comum, os organizadores contam com a participação em congressos nacionais e, por vezes, internacionais², além da associação a organizações científicas portuguesas e estrangeiras, ligações estas que ocorrem, nomeadamente, entre os anos vinte e os anos cinquenta³.

Esta intervenção pública comum salda-se ainda pelo recurso aos periódicos pertencentes às organizações de que são membros ordinários ou directores. Referimo-nos, sobretudo, ao *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, às *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras* e às *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências* – publicações onde Júlio Dantas, Joaquim Leitão e Joaquim de Carvalho, presidente e membros ordinários da academia em causa, respectivamente, publicam diversos trabalhos⁴.

¹ Vd. <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/joaquimdecarvalho.html>, por nós consultado em 01/02/10.

² De facto, se os quatro organizadores tomaram parte em congressos nacionais, Joaquim de Carvalho participou ainda no Congresso Internacional de Filosofia, em Oxford, e nos congressos espinosanos em Haia, em 1917 e 1934, e Júlio Dantas presidiu à Conferência Inter-académica Luso-Brasileira, em 1945 (para a referência a Joaquim de Carvalho vd. *GEPB* VI: 78-79. Para a referência a Júlio Dantas vd. *QA*: 269-270).

³ Júlio Dantas, além de ter sido presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1922 até 1959, era em 1947 membro da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, e da Real Academia de Ciências Morais e Políticas, de Madrid (Trigueiros, 1967: 768-769. Vd. também http://www.fmsoares.pt/aeb/CronoXX/popup_biografias_id.asp?registo=55, por nós consultado em 05/10/09. Vd. também *QA*: 269-270); Joaquim Leitão era no ano de 1947 membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto de Coimbra e académico de número (cadeira n.º 37) da Academia das Ciências de Lisboa (*QA*: 405-406); Manuel Múrias foi sócio de número da Academia Portuguesa de História, a cujo Conselho pertenceu até 1948 (*GEPB* XVIII: 192); Joaquim de Carvalho, sócio da Academia das Ciências de Lisboa desde 1922, era em 1947 sócio da Académie Internationale d'Histoire des Sciences, além de também ter sido membro do Instituto de Coimbra e do Instituto Internacional de Filosofia (*QA*: 186. Vd. também Morujão, 1966: 1259-1261. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 05/02/10).

⁴ Júlio Dantas, enquanto presidente da Academia das Ciências de Lisboa, viu diversos discursos seus publicados no *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, nomeadamente em 1940, 1941, 1942 e 1956 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09); Joaquim Leitão tem um trabalho seu editado, em 1940, nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*, além de outros trabalhos, alguns deles discursos, publicados no *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* em 1942, 1943, 1947, 1949 e 1951 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09); Joaquim de Carvalho, sócio da academia em causa desde 1922, publica o estudo “Oróbio de Castro e o espinosismo”, em 1937, nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras* e o estudo “Descartes e a cultura filosófica portuguesa”, em 1939, nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 05/02/10).

Joaquim de Carvalho, o único docente da Universidade de Coimbra, publica ainda alguns dos seus estudos de Filosofia e História na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra* e, sobretudo, na *Biblos*¹.

No que concerne às editoras que divulgaram trabalhos deste grupo de personalidades, nomeadamente das três figuras ligadas ao regime salazarista, são de destacar, para Manuel Múrias, a Agência Geral das Colónias, que lhe publicou nas décadas de trinta e quarenta diversas investigações sobre a História do colonialismo português² e, para Joaquim Leitão e Júlio Dantas, a Imprensa Nacional³. De referir ainda que o presidente geral do Congresso do Mundo Português teve diversas obras literárias publicadas por editoras internacionais, nomeadamente espanholas, dinamarquesas, brasileiras e argentinas, o que se verificou nos anos dez, vinte e quarenta⁴.

Finalmente, os quatro intelectuais vêm-se consagrados não apenas por intermédio da direcção ou associação a organizações científicas nacionais e internacionais, mas inclusivamente pela atribuição de condecorações e doutoramentos *honoris causa*. Curioso, embora não surpreendente, pelo menos para o período do Estado Novo, será verificar que Joaquim de Carvalho, por nós entendido como o único verdadeiro académico, não usufrui de qualquer condecoração por parte da presidência da república portuguesa, contrariamente às três figuras do regime salazarista.

Assim, se o professor da Universidade de Coimbra foi *somente* Cavaleiro da Legião de Honra, doutor *honoris causa* pela Universidade de Montpellier, em 1946, e doutor *honoris causa* pela Universidade de Salamanca⁵, já Júlio Dantas, Manuel Múrias

¹ Se na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra* este intelectual publica em data incerta, na *Biblos* (revista da Faculdade de Letras de Coimbra) as publicações têm lugar, por exemplo, nos anos de 1945, 1947 e 1949 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09).

² Essas investigações foram editadas, concretamente, em 1938, 1939, 1940, 1942 e 1943 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09).

³ Nesta editora Joaquim Leitão publicou, por exemplo, em 1936, a obra *Livros de S. Bento: memória* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09), tendo Júlio Dantas aí editado, em 1930, uma comunicação feita à Academia das Ciências de Lisboa intitulada *A neurastenia do rei D. Duarte* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09).

⁴ Em Espanha, Júlio Dantas publicou *La cortina verde*, em 1915, pela editora de Barcelona Biblioteca Teatro Mundial; na Dinamarca editou *Kardinalernes middag*, em 1924, pela editora de Copenhaga Gyldendalske Boghandel; no Brasil teve obras editadas em São Paulo, nomeadamente em 1929 pela Companhia Editora Nacional, e no Rio de Janeiro, pela Companhia Editora Americana e pelo editor Francisco Alves; na Argentina viu serem editadas *La cena de los cardenales*, *La cortina verde* e *Santa inquisición*, em 1942, pela Editorial Tor, de Buenos Aires (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/10/09). Vd. também <http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 06/02/10).

⁵ De referir que a Ordem Nacional da Legião de Honra é uma condecoração honorífica francesa (*GEPB* VI: 78-79. Vd. também *QA*: 186. Vd. também Morujão, 1966: 1259-1261).

e Joaquim Leitão, tendo também sido agraciados internacionalmente, foram-no ainda pelo Estado português, nomeadamente na Ditadura Militar e no Estado Novo¹.

3.2 – A Escolha dos Congressistas: Competências Científicas

Na selecção dos comunicadores a intervir no congresso por nós analisado, os organizadores fazem recair a sua escolha sobre sessenta e cinco intelectuais-cientistas portugueses² que são integrados em três secções distintas – I Secção: Ciências Físico-Matemáticas e Militares; II Secção (1.^a Parte): Ciências Naturais e Biológicas, (2.^a Parte): Ciências Médicas; III Secção: Ciências Sociais e Morais³.

Pertencendo a diferentes gerações, onde se contabilizam formações na Monarquia, 1.^a República, Ditadura Militar e Estado Novo, os congressistas foram, na esmagadora maioria, licenciados em instituições de ensino superior portuguesas. Referimo-nos, sobretudo, às universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, embora no período da Monarquia a Escola Médica de Lisboa também tenha tido um papel preponderante na formação de diversos comunicadores.

Tendo dezasseis destes cientistas prolongado a sua formação académica em instituições de ensino superior estrangeiras, verificamos que em 1940 já a maioria desse grupo havia atendido essas mesmas instituições. Sendo na sua quase totalidade

¹ Júlio Dantas, condecorado ainda em 1920 com o grau de Grande-Oficial da Ordem de Santiago de Espada (sendo esta uma Ordem que tem por fim distinguir o mérito literário, científico e artístico), foi em 1930 agraciado com a Grã-Cruz da mesma Ordem de Santiago e com o grau de Grã-Cruz da Ordem de Cristo – distinção conferida por destacados serviços prestados ao país no exercício de cargos na administração pública, na magistratura e diplomacia ou no exercício de cargos que exprimam a actividade dos órgãos de soberania. Além disso, foi ainda Comendador do Império Britânico, Grande-Oficial da Legião de Honra, Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul (do Brasil), Grã-Cruz da Ordem de Leopoldo II (da Bélgica) e Grã-Cruz da Ordem da Coroa da Roménia (*GEPB* VIII: 384-385. Vd. também *QA*: 269-270. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 07/02/10); Manuel Múrias foi Comendador da Ordem de Santiago da Espada em 1937, Oficial da Coroa da Bélgica e Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul (*GEPB* XVIII: 192. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 07/02/10); relativamente ao caso de Joaquim Leitão sabemos apenas que no curso do ano de 1947 já era Grande-Oficial de Santiago da Espada e Grande-Oficial da Ordem de Cristo, além de Grande-Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul, Comendador da Ordem da Coroa de Itália e Oficial da Legião de Honra (*QA*: 405-406).

² De referir que encontramos neste congresso nacional a participação, com uma comunicação em italiano, de Pedro Capparoni, sobre o qual não encontramos dados biográficos que nos comprovassem a sua nacionalidade.

³ Vd. *Discursos e Comunicações Apresentadas ao Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa (VIII Congresso)*, 1940 (disponível em <http://bnd.bn.pt/memorias/ciencia>, por nós consultado em 05/01/09).

européias¹, as instituições em causa haviam sido frequentadas desde os tempos da Monarquia até ao próprio Estado Novo. Aí os cientistas nacionais obtinham novas licenciaturas, doutoramentos, realizavam estágios ou frequentavam cursos de especialização.

Fundamental destacar que encontramos diversos casos exemplificativos de como o reconhecimento científico que usufrui a instituição de destino se sobrepõe à natureza do sistema político do seu país de origem. Concretizando, se durante a Monarquia e a 1.^a República é possível atender instituições de ensino de países de direito democrático, na Ditadura Militar a mesma realidade se mantém, a par da frequência de instituições oriundas de regimes fascistas ou de outras ditaduras militares, sendo em qualquer dos casos os cientistas convidados a intervir no congresso².

Exceptuando casos pontuais de apoio estatal aos cientistas para o período anterior à Ditadura Militar, verificamos que desde essa nova fase da nossa vida política o Estado português, por intermédio da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura, subsidia a realidade atrás descrita, inclusivamente a frequência de instituições de ensino existentes em regimes democráticos. Outros apoios concedidos por intermédio da organização estatal mencionada foram a atribuição de bolsas para a prossecução de estudos dentro das fronteiras nacionais, a promoção de trabalhos de investigação científica em Portugal, o auxílio prestado na instalação de instituições científicas nacionais e a publicação de obras científicas ou académicas, como sejam dissertações de doutoramento.

Estes foram apoios concedidos, entre 1930 e 1940, a um número considerável de cientistas presentes ao VIII Congresso do Mundo Português, aos quais se juntam as bolsas atribuídas por organizações internacionais como sejam a Universidade de Paris, a Fundação Rockefeller ou a Sociedade das Nações. Encontrando-se estes bolseiros em todas as secções do congresso, tal constatação permite-nos presumir que na óptica dos organizadores os cientistas enquadrados por uma organização científica nacional ou internacional confeririam maior legitimidade ao discurso final enunciado, ao mesmo tempo que justificariam o próprio investimento dessa organização³.

No respeitante à actividade pública deste rol de intelectuais destaca-se um traço comum, que consiste na docência no ensino superior português. Efectivamente, entre os

¹ Na realidade, pelos dados disponíveis apenas temos informação de haver um estágio numa instituição fora das fronteiras europeias, concretamente nos Estados Unidos da América, já após o ano de 1940.

² Vd. pontos 4.1, 5.1, 6.1 e 7.1 do nosso trabalho.

³ Vd. pontos 4.2, 5.2, 6.2 e 7.2 do nosso trabalho.

sessenta e cinco comunicadores em causa, cinquenta e quatro exerceram magistério, na sua quase totalidade nas universidades portuguesas – Lisboa, Porto e Coimbra. Esse traço dominante não impediu que houvesse, embora a título residual, quem exercesse professorado, entre 1933 e 1939, em universidades estrangeiras, oriundas desde a Alemanha nazi à Inglaterra e França democráticas¹.

Outro traço comum desta comunidade consistiu na detenção de cargos directivos nas mais variadas organizações científicas nacionais e, em diversos casos, internacionais. Referimo-nos a directores de institutos, laboratórios, sociedades científicas, museus, academias científicas, bibliotecas, observatórios, publicações periódicas, centros de estudo, faculdades, universidades e outras instituições de ensino, ao que se juntam as fundações promovidas por estes cientistas, também desde a Monarquia até 1940, de muitas outras agremiações, algumas delas detentoras de um cariz internacional. Neste caso concreto reportamo-nos às fundações de sociedades e academias científicas, museus, laboratórios, institutos e publicações periódicas.

Se atendermos ao facto de estarmos a lidar com uma centena de organizações² – e que as ligações trans-nacionais não se limitam ao exercício de cargos directivos em organismos internacionais ou à fundação de agremiações científicas com um cariz internacional, mas inclusivamente às necessidades de estabelecimento de contactos com o mundo fora do espaço português decorrentes do exercício de cargos directivos nacionais e até mesmo, embora em casos mais pontuais, à capacidade que alguns dos organismos nacionais enunciados evidenciam na atracção da comunidade científica internacional –, verificamos como a fundação e direcção dessas agremiações científicas, pela consagração nacional e internacional que implica, se assume como uma das condições fundamentais para a nomeação para o congresso.

Embora em termos menos significativos, a nomeação em causa, para todas as secções da celebração científica por nós analisada, também incide sobre diversos intelectuais que eram ou já haviam sido, nomeadamente na 1.^a República, deputados, ministros, presidentes de câmaras municipais e governadores civis³.

Um outro meio de intervenção no espaço público desta comunidade, e onde a sua internacionalização mais se faz sentir, consiste na participação ou mesmo presidência de congressos nacionais e internacionais. Relativamente a estes últimos

¹ Vd. pontos 4.3, 5.3, 6.3 e 7.3 do nosso trabalho.

² De referir que para vinte dessas organizações não dispomos de dados que nos garantam terem sido fundadas ou dirigidas, por algum destes comunicadores, até ao ano de 1940.

³ Vd. pontos 4.4, 5.4, 6.4 e 7.4 do nosso trabalho.

sabemos que pelo menos quarenta e seis dos comunicadores presentes ao VIII Congresso do Mundo Português os frequentaram no decorrer da sua vida académica, sendo que em 1940 o universo de congressos internacionais atendidos já ascendia a sessenta e três.

Estas eram comemorações científicas realizadas em Portugal e no estrangeiro, sobretudo na Europa ocidental, e ocorridas desde a 1.^a República até ao ano das grandes comemorações centenárias. Se a participação destes intelectuais em tais celebrações se salda, frequentemente, pela apresentação de comunicações, há ainda a registar ocasiões, embora esporádicas, em que os cientistas analisados presidem a esses mesmos congressos internacionais¹.

Na perspectiva dos organizadores, o reconhecimento de mérito intelectual de quem é nomeado deriva ainda do facto de ser, usualmente, membro ordinário de organizações científicas nacionais e internacionais². Embora seja uma organização nacional a contar com o maior número de sócios, a Academia das Ciências de Lisboa, e apesar de regularmente os dados não nos explicitarem o ano exacto em que um cientista se torna membro de uma determinada agremiação internacional, é notório que a comunidade analisada, pela perspectiva em causa, está indubitavelmente ligada ao mundo ocidental – Europa ocidental, sobretudo, nomeadamente pelo número de organismos e países envolvidos, mas simultaneamente, embora de modo mais pontual, aos Estados Unidos da América e à América Latina, representada pelo Brasil e pela Argentina³.

O mérito em análise resulta ainda da publicação de trabalhos de investigação nos periódicos das instituições de ensino em que leccionavam, assim como naqueles pertencentes às organizações científicas das quais eram ou viriam a ser directores ou membros ordinários. Atendendo à já referida localização geográfica das últimas, facilmente se conclui que a Europa ocidental se assume como o espaço privilegiado no estabelecimento de redes de comunicação trans-nacional, apesar de essa realidade não invalidar a existência, embora em termos pouco significativos, de investigações publicadas em suportes do continente americano.

Assim, da autoria destes cientistas encontramos, desde a Monarquia até finais da década de trinta, um total de noventa e quatro artigos científicos em periódicos

¹ Vd. pontos 4.5, 5.5, 6.5 e 7.5 do nosso trabalho.

² Tal afirmação não significa que não haja casos de cientistas para os quais não dispomos de dados comprovativos de serem sócios ordinários de várias agremiações científicas antes de 1940.

³ Vd. pontos 4.6, 5.6, 6.6 e 7.6 do nosso trabalho.

internacionais da especialidade. Se a esta constatação juntarmos as publicações ocorridas no espaço público nacional verificamos como esses trabalhos se assumiram como um outro suporte de *legitimação* da nomeação para o congresso¹.

A par dos periódicos, desde a Monarquia que esta comunidade também vinha manifestando capacidade de publicar estudos científicos, e de outra natureza, em editoras nacionais e internacionais². Além do recurso àquelas existentes nas instituições de ensino onde exerciam magistério e às pertencentes aos organismos científicos de que eram directores, investigadores ou membros ordinários, os cientistas ainda publicaram em inúmeras outras editoras, nomeadamente espanholas, italianas, francesas, brasileiras e argentinas³.

Finalmente, do ponto de vista do mérito intelectual, a escolha dos organizadores recaí sobre o núcleo em causa pelo facto de em 1940 já estar consagrado dentro e fora das fronteiras nacionais. A comprovar esta afirmação encontra-se a já mencionada direcção ou mesmo a associação ordinária às mais variadas organizações científicas portuguesas e estrangeiras. Além disso, em todas as secções do congresso ainda encontramos reunidos diversos cientistas que juntam a essa realidade prémios, condecorações e doutoramentos *honoris causa* que, à excepção do comunismo soviético, lhes foram atribuídos pelos mais variados regimes políticos e ideológicos⁴.

3.3 – A Escolha dos Congressistas:

Limitações Políticas

Embora esta questão não seja estudada na nossa tese, alguns dados de que dispomos permitem-nos deixar em aberto algumas hipóteses. A primeira ideia prende-se com uma imagem da realidade totalmente expectável – o facto de não haver indícios de manifestações de apoio ao comunismo por parte de nenhum dos congressistas, pelo menos até 1940⁵.

¹ Vd. pontos 4.7, 5.7, 6.7 e 7.7 do nosso trabalho.

² De referir que para o período da Monarquia essas publicações são muito pouco expressivas, comparativamente às ocorridas nos períodos políticos que lhe sucederam.

³ Vd. pontos 4.8, 5.8, 6.8 e 7.8 do nosso trabalho.

⁴ Vd. pontos 4.9, 5.9, 6.9 e 7.9 do nosso trabalho.

⁵ Enfatizamos que as afirmações por nós agora pronunciadas exigem, no mínimo, um estudo dedicado à mensagem veiculada nos diversos suportes a que estes cientistas recorreram ou uma análise dos ficheiros da Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado, que nos permitirá reafirmar ou refutar o que neste ponto deixamos em aberto.

Em conformidade com o enunciado recordemos tão-somente que um matemático da craveira de Bento de Jesus Caraça, embora *apenas* demitido da sua cátedra na Universidade Técnica de Lisboa em 1946, já não é chamado a intervir neste evento¹. Por outro lado, verificamos que há intelectuais nomeados, como Mário Augusto da Silva e Hernâni Cidade, que já antes das comemorações centenárias haviam tido uma posição pública não conforme às *verdades* salazaristas, embora não defendessem o comunismo².

Tais constatações poder-nos-iam conduzir na percepção de uma nomeação para o Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa que teria tido, do ponto de vista político e ideológico, como única condição discriminatória a defesa do comunismo. Contudo, se a realidade fosse *meramente* essa, por que razão um cientista de méritos reconhecidos nacional e internacionalmente como Abel Salazar, um crítico dos regimes fascista e comunista, não tomaria parte nos trabalhos? A resposta parece-nos evidente e não surpreende – embora critique o comunismo ainda antes de 1940, a crítica ao fascismo, a entrada na Maçonaria em 1933 e a defesa da ideia de que a universidade deveria contribuir para a formação democrática dos cidadãos, também em 1933, entre outras posições públicas de natureza semelhante, são razões de sobra para explicar o seu afastamento³.

Deste modo, na perspectiva dos organizadores, concretamente Júlio Dantas, Manuel Múrias e Joaquim Leitão, estariam em 1940 Mário Augusto da Silva e Hernâni Cidade de certo modo *redimidos*, o mesmo não acontecendo com Abel Salazar? E em que consistiria essa suposta *redenção*? Consistiria num maior afastamento das lutas políticas e ideológicas? E se assim fosse, seria absurdo supor que, caso o houvesse, os

¹ De facto, embora em 1940 estejamos perante um intelectual que cumpre todas as competências científicas necessárias à participação no congresso, este é um militante político reivindicado pelo Partido Comunista Português, cuja intensa colaboração em publicações próximas desse partido terá certamente contribuído para a sua exclusão do evento (<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/bentojesuscaraca.html>, por nós consultado em 02/02/10. Vd. também [Nóvoa], 2003: 269-272. Vd. também Caraça, 1996: 121).

² De Mário Augusto da Silva sabemos que ainda antes do Estado Novo, concretamente no início dos anos vinte, publica artigos de carácter científico e filosófico-científico em que não fazendo referência à origem divina da vida lhe custam desde logo a animosidade de Salazar (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p13.html>, por nós consultado em 12/09/09); relativamente a Hernâni Cidade é de mencionar o facto de ter sido um dos directores do *Diário Liberal* (1934-35), vindo mesmo em 1935 a ingressar a lista dos professores universitários a demitir, o que não lhe sucedeu graças à intervenção directa, junto de Salazar, do Professor Cordeiro Ramos (http://www.coloquio.gulbenkian.pt/historia/hernani_cidade.htm, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também Moura, 1996: 145-146).

³ Não esqueçamos que as mencionadas tomadas de posição de Abel Salazar já haviam contribuído para a sua expulsão da universidade em 1935 (Castelo, 1996: 860-861. Vd. também Lisboa, 2003: 1235-1236. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/abelsalazar.html>, por nós consultado em 02/02/10. Vd. também Cunha, 1997).

organizadores poderiam ter vindo a nomear um cientista comunista ou anarquista também entretanto *redimido*?

As questões são múltiplas e as hipóteses de resposta não nos parecem esgotar-se na percepção de uma realidade totalmente linear, no sentido de que qualquer intervenção pública contrária aos valores do regime inevitavelmente conduziu ao afastamento do seu autor da celebração científica em causa. Apesar disso, o funcionamento normal de uma ditadura não deixou de prevalecer, pois a evidente meritocracia na nomeação dos cientistas para o VIII Congresso do Mundo Português não apagou o óbvio menosprezo a que outros méritos intelectuais foram votados fruto de motivações políticas e ideológicas.

Capítulo 4

Oradores da I Secção do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Físico-Matemáticas e Militares

4.1 Formação Académica – Instituições

Nesta secção deparamo-nos com vinte e um comunicadores cuja data de conclusão da licenciatura ocorreu nos mais variados períodos políticos – Monarquia, 1.^a República, Ditadura Militar e Estado Novo¹. São os comunicadores licenciados na Monarquia e 1.^a República que constituem a maioria dos que intervêm no congresso, sendo que em ambos esses períodos a Universidade de Coimbra desempenhou um papel fundamental na sua formação². Para o caso concreto das formações académicas finalizadas no decorrer da Monarquia é ainda de destacar a Escola do Exército, a qual vai, daí em diante, progressivamente perdendo importância³.

¹ Entre os comunicadores formados na Monarquia contam-se Belisário Pimenta (*QA*: 518), Aquiles Alfredo da Silveira Machado (*GEPB XV*: 753-754), Pedro José da Cunha (*GEPB VIII*: 269), Henrique Pires Monteiro (*GEPB XXI*: 956), Álvaro Rodrigues Machado (*GEPB XV*: 751) e Eduardo Augusto de Azambuja Martins, para o qual, embora não tenhamos informação da data concreta de conclusão do Curso do Estado Maior, atribuímos a este período a sua formação dada a sua data de nascimento – 1877 (*GEPB III*: 888. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09). José Vicente Martins Gonçalves ([Nóvoa], 2003: 641), Diogo Pacheco de Amorim (*GEPB XIX*: 899), Mário Augusto da Silva (*GEPB XXVIII*: 828), Herculano Amorim Ferreira (*GEPB II*: 410), Elísio Milheiro (*GEPB XVII*: 235) e Branca Edmée Marques (*GEPB XVI*: 393) findaram a licenciatura durante a 1.ª República. Concluindo a licenciatura durante a Ditadura Militar, embora não em Portugal, temos o caso de Kurt Paulo Jacobsohn (tendo nascido em Berlim em 1904, este cientista veio a adquirir a nacionalidade portuguesa em 1935) (*QA*: 384. Vd. também <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09) e, finalmente, contamos com Manuel Barbedo de Magalhães, que se formou já em 1933 (*GEPB XV*: 904). De referir ainda que para os restantes comunicadores desta secção, Tancredo Octávio Faria de Moraes, Gumersindo Sarmiento da Costa Lobo, Luís da Costa Sousa de Macedo, Ernesto Florêncio da Cunha, Aníbal Scipião Gomes de Carvalho, D. António Pereira Forjaz e A. V. Pais de Figueiredo, não encontramos dados que nos permitissem afirmar com segurança a data de conclusão dos seus estudos superiores.

² Excluindo os já referidos cientistas para os quais não possuímos informação precisa da sua formação escolar, ao todo, nesta secção, entre os comunicadores formados na Monarquia e 1.^a República, contabilizamos cinco licenciaturas ocorridas na Universidade de Coimbra. Referimo-nos aos casos de Belisário Pimenta (*QA*: 518), Álvaro Machado (*GEPB XV*: 751), José Gonçalves ([Nóvoa], 2003: 641), Diogo P. de Amorim (*GEPB XIX*: 899) e Mário A. da Silva (*GEPB XXVIII*: 828).

³ Se durante a Monarquia três comunicadores frequentaram esta escola, sendo eles Belisário Pimenta (*QA*: 518), Pedro J. da Cunha (*GEPB VIII*: 269) e Henrique Monteiro (*GEPB XXI*: 956), na 1.^a República só Diogo P. de Amorim o fez (*GEPB XIX*: 899). Kurt Jacobsohn não o faz e, deste modo, só já possuímos registo de frequência desta instituição de ensino por parte de Manuel B. de Magalhães (como foi mencionado, licenciado em 1933) (*GEPB XV*: 904) e de Luís de Macedo (*GEPB XV*: 737).

Esta formação escolar, em mais de um caso, pauta-se também pelo facto de se prolongar por mais de um dos diferentes períodos políticos considerados¹. Mais interessante, contudo, atendendo à nossa hipótese de trabalho, é a constatação de, por vezes, esses estudos ocorrerem fora de Portugal, nomeadamente no Instituto do Rádio da Universidade de Paris. Nesta secção, essa é uma realidade que se pode verificar nos casos de Mário Augusto da Silva² e de Branca Edmée Marques³, o que significa que estes investigadores usufruem da possibilidade de frequentar um dos maiores centros mundiais de investigação na área da Física Atómica da sua época⁴.

4.2 Bolsas de Estudo

Se atendermos ao facto de os dois cientistas mencionados atenderem tamanha instituição parisiense enquanto bolseiros, respectivamente, da Faculdade de Ciências de Coimbra e do principal organismo estatal, criado na Ditadura Militar, para a promoção da actividade científica nacional – a Junta de Educação Nacional⁵, verificamos como ambos os investigadores têm um valor acrescido para a nossa tese.

De facto, é enquanto bolseiro da Faculdade de Ciências de Coimbra que Mário A. da Silva inicia em 1925 o seu doutoramento no Instituto do Rádio de Paris. Mais tarde, em 1928, recebeu a bolsa Arconati-Visconti, instituída pela Faculdade de Ciências de Paris, para trabalhos de investigação científica. Em 1930 foi-lhe ainda

¹ São exemplificativos disso os casos de Pedro J. da Cunha que, tendo concluído em 1888 o Curso Geral da Escola Politécnica de Lisboa e, em 1891, o Curso de Engenharia Militar da Escola do Exército, obteve o grau de Doutor em 1913 (Leal, 2003: 454-457), e ainda de Herculano A. Ferreira, que se licenciou em Ciências na Universidade de Lisboa, em 1923, e doutorou-se apenas em 1930 (*GEPB* II: 410).

² Mário A. da Silva, entre 1918 e 1922, licenciou-se e doutorou-se na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, e em 1925 iniciou um outro doutoramento, agora no Instituto do Rádio de Paris, o qual concluiu em 1928 (*GEPB* XXVIII: 828. Vd. também <http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09).

³ Branca E. Marques, por seu lado, tendo-se licenciado em 1925 em Ciências Físico-Químicas na Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1931 estagiou no Instituto do Rádio de Paris, tendo sido doutorada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris em 1935 (*GEPB* XVI: 393. Vd. também *QA*: 441).

⁴ Vd. <http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09.

⁵ “Tal como ficava disposto no decreto da sua criação (n.º 16 381, de 16 de Janeiro de 1929), a Junta de Educação Nacional, cuja organização e missões encontraram inspiração no modelo espanhol..., surgia como um organismo permanente e autónomo, integrado no Ministério da Instrução Pública. Como missões, são-lhe cometidas as funções, entre outras: fundar, melhorar ou subsidiar instituições destinadas a trabalhos de investigação e propaganda científica; organizar e fiscalizar um serviço de bolsas de estudo; promover o intercâmbio cultural, a expansão da cultura portuguesa... Os tempos passaram, alterando-se profundamente os contextos políticos, económicos, sociais. A Junta, criada em 1929, foi transformada em Instituto para a Alta Cultura, mantendo-se como tal entre 1936 e 1952, quando a sua designação foi alterada para Instituto de Alta Cultura.” (http://www.wonderingdog.com/Inst_camoes.html, por nós consultado em 22/10/09).

atribuída a bolsa da Junta de Educação Nacional para trabalhos de investigação científica no país¹.

Branca E. Marques, por seu lado, em 1931, é como bolsreira da Junta de Educação Nacional que estagia no Instituto do Rádio da Universidade de Paris, sendo que, como já se referiu, em 1935, depois de defender tese, foi doutorada por essa universidade².

Outros cientistas a usufruírem de subsídios do Estado português, nomeadamente por intermédio do Instituto para a Alta Cultura, foram José Gonçalves³ e Elísio Milheiro⁴, embora nestes casos não tenhamos informação sobre os objectivos concretos de tais apoios.

Dotados de uma formação diversa, todos os cientistas bolsreiros referenciados partilhavam uma licenciatura numa das seguintes universidades – Coimbra, Lisboa ou Porto⁵.

4.3 Cargos de Docência

Enquanto detentores de *saber*, os comunicadores desta secção vão desenvolver, no decorrer da sua vida, uma intervenção pública variada, mas com determinados traços comuns.

Um desses traços consiste na docência do ensino superior português. De facto, independentemente do período político em que se licenciaram, e das instituições em que tal ocorreu, a maioria destes intelectuais exerceu professorado, sobretudo nas universidades de Lisboa, Porto ou Coimbra⁶.

¹ Vd. <http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09. Vd. também *GEPB* XXVIII: 828.

² Vd. *QA*: 441.

³ Foi equiparado a bolsreiro pelo Instituto para a Alta Cultura em 1939 (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09).

⁴ Além de bolsreiro do Instituto para a Alta Cultura, Elísio Milheiro foi-o também da Faculdade de Medicina do Porto (*QA*: 465-466).

⁵ Mário A. da Silva licenciou-se em Física na Universidade de Coimbra (<http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09), Branca E. Marques, como já foi atrás referido, fez a licenciatura em Ciências Físico-Químicas na Universidade de Lisboa (*GEPB* XVI: 393), José Gonçalves diplomou-se em Ciências Matemáticas na Universidade de Coimbra ([Nóvoa], 2003: 641) e Elísio Milheiro formou-se em Medicina na Universidade do Porto (*GEPB* XVII: 235).

⁶ Dos vinte e um comunicadores em causa temos informação sobre o desempenho de cargos de docência para catorze deles. Foram professores da Universidade de Lisboa Aquiles Machado (*GEPB* XV: 753-754), Pedro J. da Cunha, desde 1913 professor na Faculdade de Ciências (*GEPB* VIII: 269), Herculano A. Ferreira, catedrático da Faculdade de Ciências entre 1930 e 1965 (*ELBC* 8: 640-641), Branca E. Marques,

Para alguns casos o magistério ocorreu em mais de uma instituição de ensino superior¹, registando-se mesmo, nos primórdios do Estado Novo, com Herculano Amorim Ferreira, a docência numa universidade estrangeira – o Colégio Imperial da Universidade de Londres².

4.4 Cargos Científicos e Políticos

Outra característica que identifica esta comunidade científica é a detenção de cargos de direcção ou presidência das mais variadas organizações. Referimo-nos a sociedades científicas³, academias científicas ou suas secções – onde se destacam Pedro J. da Cunha e Herculano A. Ferreira, enquanto presidentes da Academia das Ciências de Lisboa⁴, observatórios⁵, institutos¹, laboratórios², centros de estudo³, bibliotecas⁴,

em 1924 assistente e em 1966 catedrática da Faculdade de Ciências (*GEPB XVI*: 393. Vd. também <http://marcasciencias.fc.ul.pt/pagina/fichas/sujeitos/todos?id=593>, por nós consultado em 10/09/09), Kurt Jacobsohn, assistente em 1935 e catedrático em 1955 da Faculdade de Ciências (<http://infocienciasdigital.fc.ul.pt/antigo/noticia.aspx?id=1206&info=139&seccao=documento>, por nós consultado em 11/09/09) e D. António P. Forjaz (*GEPB XI*: 625-627). Álvaro R. Machado (*GEPB XV*: 751) e Elísio Milheiro, catedrático em 1944 (*QA*: 465-466), foram professores da Universidade do Porto. Desempenharam as mesmas funções na Universidade de Coimbra Diogo P. de Amorim, catedrático desde 1919 (*QA*: 68. Vd. também *GEPB XIX*: 899), Mário A. da Silva, 2.º assistente em 1922 e catedrático em 1931 da Faculdade de Ciências (*GEPB XXVIII*: 828), e José Gonçalves, professor catedrático desde 1927 até 1942 (Freitas, 1969: 748-749). Dos restantes três, Henrique P. Monteiro (*GEPB XXI*: 956), Luís de Macedo (*GEPB XV*: 737) e Tancredo de Moraes (*QA*: 473), os dois primeiros foram professores da Escola do Exército e o último foi docente da Escola Naval (1925).

¹ Atenda-se, por exemplo, a José Gonçalves, professor catedrático da Universidade de Coimbra desde 1927 até 1942, ano em que, a seu pedido, foi transferido para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, onde trabalhou até se jubilar em 1967. Além disso, entre 1947 e 1960, acumulou funções docentes no Instituto de Ciências Económicas e Financeiras (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também Freitas, 1969: 748-749).

² Além do já mencionado magistério na Universidade de Lisboa, Herculano A. Ferreira foi professor catedrático da Escola do Exército (1928-37) e professor visitante do Colégio Imperial da Universidade de Londres em 1933-34 (*ELBC* 8: 640-641).

³ Aquiles Machado foi presidente da Sociedade Portuguesa de Química e Física (*GEPB XV*: 753-754), tendo Branca E. Marques também feito parte da direcção da mesma sociedade (*GEPB XVI*: 393); Pedro J. da Cunha presidiu à Sociedade de Geografia de Lisboa e à Sociedade de Estudos Pedagógicos (Leal, 2003: 454-457); Eduardo de Azambuja Martins foi, entre 1930 e 1932, presidente da Direcção da Sociedade de Estudos da Colónia de Moçambique (*GEPB III*: 888); Kurt Jacobsohn foi secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Biologia e presidente da já referida Sociedade Portuguesa de Química e Física (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também Leal, 1971: 273).

⁴ Pedro J. da Cunha foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa em 1924, 1926, 1930 e 1934 (*GEPB I*: 170), e Herculano A. Ferreira desempenhou as mesmas funções em 1963, 1965 e 1967 (*ELBC* 8: 640-641); D. António P. Forjaz, em 1956, foi eleito secretário-geral da mesma academia (Oliveira, 1969: 1246); finalmente, Aquiles Machado foi presidente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa (*GEPB XV*: 753-754).

⁵ Pedro J. da Cunha foi director do Observatório Astronómico da Escola Politécnica de Lisboa desde 1905 (Leal, 2003: 454-457); Álvaro R. Machado, em 1920, foi investido na direcção interina do Observatório Meteorológico da Serra do Pilar, anexo à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, e,

publicações periódicas⁵, faculdades e outras instituições de ensino. No respeitante à direcção destas últimas organizações novamente se destaca Pedro J. da Cunha, enquanto reitor da Universidade de Lisboa entre 1916 e 1928⁶.

A estes cargos de direcção em instituições nacionais junta-se, em alguns casos, o desempenho de cargos científicos em órgãos internacionais. Veja-se o exemplo de Aquiles Machado, o qual, em 1935, em Paris, foi eleito presidente do Office International de Chimie⁷. Atenda-se também a Herculano A. Ferreira, vice-presidente da Organização Meteorológica Mundial entre 1955 e 1959⁸, e Kurt Jacobsohn, a partir de 1945 editor do periódico holandês *Enzymologia* e, desde 1947, conselheiro científico do periódico norte-americano *Archives of Biochemistry*⁹.

Se, como se verifica, o desempenho de muitas das funções científicas mencionadas ocorreu na Ditadura Militar e Estado Novo, também foi nesses períodos que alguns destes comunicadores fundaram laboratórios, institutos e museus¹⁰.

posteriormente, na direcção efectiva (*GEPB XV*: 751); Herculano A. Ferreira foi director do Observatório do Infante D. Luís desde 1937 (*QA*: 68-69).

¹ Diogo P. de Amorim, em 1956, foi eleito presidente do Instituto de Coimbra (Moreira, 2003: 94); Herculano A. Ferreira foi director do Instituto Geofísico do Infante D. Luís, da Universidade de Lisboa (1937-64) (*ELBC* 8: 640-641).

² Mário A. da Silva foi director do Laboratório de Física da Universidade de Coimbra (*GEPB XXVIII*: 828); Herculano A. Ferreira chefiou o Laboratório de Física do Rádio, no Instituto Português de Oncologia (*GEPB II*: 410); D. António P. Forjaz (*QA*: 514) e Kurt Jacobsohn foram directores do Laboratório de Química da Faculdade de Ciências de Lisboa, este último em 1964 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

³ Branca E. Marques foi coordenadora do Centro de Estudos de Radioquímica, criado em 1953 (<http://marcasciencias.fc.ul.pt/pagina/fichas/sujeitos/todos?id=593>, por nós consultado em 10/09/09).

⁴ Tancredo F. de Moraes foi director da Biblioteca da Marinha (1935) (*QA*: 473).

⁵ Henrique P. Monteiro foi director da *Revista Militar* (*GEPB XXI*: 956); Kurt Jacobsohn pertenceu, desde 1929, à direcção dos *Archives Portugaises des Sciences Biologiques* (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

⁶ Anteriormente, entre 1913 e 1916, Pedro J. da Cunha havia sido director da Faculdade de Ciências de Lisboa (Leal, 2003: 454-457); Kurt Jacobsohn foi vice-reitor da Universidade de Lisboa entre 1966 e 1970 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09); D. António P. Forjaz, em 1944, foi nomeado director da Faculdade de Ciências de Lisboa (*GEPB XI*: 625-627); Luís de Macedo foi director do Colégio Militar entre 1943 e 1946 (*GEPB XV*: 737).

⁷ Vd. Oliveira, 1971: 895-896.

⁸ Vd. *ELBC* 8: 640-641.

⁹ Vd. <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09.

¹⁰ Referimo-nos particularmente a Branca E. Marques, que em 1939 fundou o Laboratório de Radioquímica da Faculdade de Ciências de Lisboa (*GEPB XVI*: 393), e a Mário A. da Silva, que em 1931 criou o Instituto do Rádio da Universidade de Coimbra (embora Salazar não tivesse permitido a aprovação do Decreto-Lei criando tal instituto) e que, em meados dos anos 30, reconstruiu o Museu pombalino de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (<http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09). Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p13.html>, por nós consultado em 12/09/09).

Finalmente, encontramos algumas referências ao desempenho de cargos políticos, as quais apontam, normalmente, para deputados nacionais, embora outros cargos também surjam, todos eles exercidos na 1.^a República ou no Estado Novo¹.

4.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais

Dos vinte e um comunicadores que integram esta secção apenas não temos informação sobre a participação em congressos, além daquele por nós analisado, para Elísio Milheiro e Tancredo de Moraes. Mesmo que considerássemos que não os haviam atendido, o que se nos afigura muito pouco provável², os dados recolhidos para os restantes comunicadores são elucidativos de como também nesta manifestação do seu percurso pessoal estes cientistas interagiam com o estrangeiro.

Efectivamente, se todos os restantes cientistas participaram em diversos congressos nacionais, desses dezanove sabemos que pelo menos dez frequentaram congressos internacionais, muitos deles realizados durante a Ditadura Militar e o Estado Novo, e ocorridos quer em Portugal, quer noutros países europeus³.

¹ Henrique P. Monteiro foi governador civil do Porto (1919), deputado ao Congresso da República (1920), e ministro do Comércio e Comunicações (1924) (*QA*: 528-529); Eduardo de Azambuja Martins, entre 1922-24, foi governador do distrito de Inhambane (Moçambique) (*GEPB* III: 888); Diogo P. de Amorim foi eleito deputado em 1919, tendo voltado a desempenhar essa função nas legislaturas de 1935-38 e de 1945-49 (*GEPB* XIX: 899); Herculano A. Ferreira também foi deputado em diversas legislaturas (1925-26 e 1942-57), além de subsecretário de estado da Educação Nacional (1944-46) e de procurador à Câmara Corporativa desde 1963 (*ELBC* 8: 640-641); finalmente, é de referir D. António P. Forjaz, que também foi deputado nacional, embora não tenhamos dados que nos indiquem em que legislatura isso ocorreu (*GEPB* XI: 625-627).

² Basta recordar-se que Elísio Milheiro foi, desde 1944, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (*QA*: 465-466) e que Tancredo de Moraes desempenhou, entre outras, as funções de docente da Escola Naval e director da Biblioteca da Marinha (1935) (*QA*: 473).

³ Atenda-se aos seguintes exemplos: Pedro J. da Cunha teve parte preponderante nos congressos das Associações (Portuguesa e Espanhola) para o Progresso das Ciências em 1921 (Porto), 1923 (Salamanca), 1925 (Coimbra), 1927 (Cádiz), 1932 (Lisboa), 1934 (Santiago de Compostela) e 1942 (Porto) (*GEPB* VIII: 269); Gumersindo S. da Costa Lobo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09) e Henrique P. Monteiro também participaram nos congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, estando este último presente, nomeadamente, no XIII (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); Álvaro R. Machado tomou parte no Congresso da União Internacional de Investigação Científica (*GEPB* XV: 751); Herculano A. Ferreira, além de convidado a pronunciar conferências na Universidade de Madrid em 1935, foi delegado ao Congresso Internacional de Electricidade em Paris, em 1932 (*GEPB* II: 410. Vd. também *QA*: 68-69); Kurt Jacobsohn frequentou o Congresso Internacional de Química em Madrid, em 1934 (*GEPB* XIV: 126); José Gonçalves (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09), Diogo P. de Amorim (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09), Branca E. Marques (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09) e Mário A. da Silva (<http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09) também participaram em congressos internacionais, contudo não possuímos dados que nos indiquem quais foram.

Entre os congressos internacionais mencionados verificamos que são os Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências que contam com mais participações de cientistas portugueses.

4.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais

Além dos já mencionados cargos de direcção/presidência em diferentes agremiações científicas, frequentemente estes comunicadores foram apenas sócios ordinários de diversas associações científicas nacionais e, muito regularmente, internacionais.

Normalmente as ligações em causa registavam-se para com agremiações dedicadas às áreas de formação e investigação de cada um. Assim, encontramos sobretudo sociedades de Física e Química¹, de Geografia, sendo sócios destas alguns dos comunicadores que, tendo frequentado a Escola do Exército, fizeram carreira militar², e de Matemática. Neste caso, um exemplo paradigmático do que pretendemos mostrar é o do matemático Pedro J. da Cunha, o qual, entre outras associações científicas, foi membro da Academia de las Ciencias Exactas de Madrid, do Circolo Matematico di Palermo e da Mathematical Association of America, além do Instituto de

¹ Atenda-se aos seguintes casos: Mário A. da Silva, formado em Física, foi convidado para sócio da Société de Chimie-Physique em 1925 e da Société Française de Physique em 1926. Mais tarde, em 1941, é eleito membro da American Physical Society (<http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/pl3.html>, por nós consultado em 12/09/09); Herculano A. Ferreira, chefe do laboratório de Física do Rádio no Instituto Português de Oncologia, também foi membro da Société Française de Physique, além da Sociedade Portuguesa de Química e Física, da Sociedad Española da Física e Química, e ainda, entre outras, da The Physical Society of London (*GEPB* II: 410); Branca E. Marques, sendo formada em Ciências Físico-Químicas, foi sócia da American Chemical Society, além das já atrás referidas Société de Chimie-Physique e Société Française de Physique, sendo que destas duas últimas sociedades sabemos que era sócia no ano de 1947 (*GEPB* XVI: 393. Vd. também *QA*: 441); Kurt Jacobsohn, também ele formado em Ciências Físico-Químicas, foi sócio da Sociedade Portuguesa de Química e Física e da Société de Chimie-Biologique de Paris, além da Sociedade Portuguesa de Biologia e da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, sendo que das três primeiras agremiações enunciadas temos dados que nos indicam ser membro em 1947 (*GEPB* XIV: 126. Vd. também *QA*: 384. Vd. também <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09); finalmente, atendamos a D. António P. Forjaz, o qual, também sendo formado em Ciências Físico-Químicas, foi sócio, entre outras agremiações, da Sociedade Química Alemã, da Sociedade Química do Brasil e do Instituto de Coimbra (novamente os dados ao nosso dispor permitem-nos apenas concluir que estas ligações ocorriam, pelo menos, em 1947) (Oliveira, 1969: 1246. Vd. também *GEPB* XI: 625-627. Vd. também *QA*: 514).

² De facto, Manuel B. de Magalhães (membro da National Geographic Society de Washington) (*GEPB* XV: 904), Pedro J. da Cunha (*GEPB* VIII: 269) e Henrique P. Monteiro (sócios da Sociedade de Geografia de Lisboa), tendo cursado a Escola do Exército, comungaram de uma carreira militar no exército português (*GEPB* XXI: 956).

Coimbra, o que sabemos ter sido uma realidade pelo menos na primeira metade da década de quarenta¹.

No que concerne especificamente às sociedades e academias internacionais de que estes cientistas eram membros, embora encontremos algumas associações de países do continente americano, mais uma vez constatamos que a ligação destes intelectuais ao exterior, neste caso desde as vésperas da Ditadura Militar até aos anos quarenta, ocorria sobretudo com outros países europeus. Esta é uma conclusão a que chegamos pelo número de sociedades europeias envolvidas, pelo número de países a que estas pertencem e ainda pelo facto de algumas delas terem vários associados portugueses².

Apesar desta significativa ligação a agremiações internacionais, de acordo com as informações recolhidas, a Academia das Ciências de Lisboa, contabilizando sete associados, foi a associação científica com o maior número de sócios³.

4.7 Publicações em Periódicos

Naturalmente estes intelectuais publicam maioritariamente em periódicos da sua especialidade, o que se verifica desde a 1.^a República até aos anos sessenta. Assim, constatamos que quem tem formação em Física e Química publica, sobretudo, na *Revista de Química Pura e Aplicada* e na *Revista Portuguesa de Química*⁴. Quem é

¹ Vd. *GEPB* VIII: 269.

² Efectivamente, como se verifica pelos dados apresentados, nesta secção apenas encontramos referência a cinco diferentes sociedades científicas de dois países fora do continente europeu – os Estados Unidos da América e o Brasil. Por outro lado, se à listagem em causa acrescentarmos ainda a Société Astronomique de France e a Société Belge d'Études et d'Expansion, de que sabemos ser membro Pedro J. da Cunha na primeira metade da década de quarenta (*GEPB* VIII: 269), deparamo-nos com dez diferentes agremiações científicas internacionais de seis países europeus – Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, Itália e Bélgica. Se a esta realidade juntarmos a constatação de que, por exemplo, da Société de Chimie-Physique pertencem dois comunicadores e da Société Française de Physique pertencem três, não nos restam dúvidas da conclusão retirada.

³ Foram eles Aquiles Machado, eleito sócio correspondente em 1897 (*GEPB* XV: 753-754); Pedro J. da Cunha, membro desde 1916 (*GEPB* VIII: 269. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 12/11/09); Mário A. da Silva, eleito sócio correspondente em 1938 (*GEPB* XXVIII: 828); Herculano A. Ferreira, membro desde 1938 (*ELBC* 8: 640-641); José Gonçalves, que em 1941 foi eleito sócio correspondente, passando a sócio efectivo em 1945 (*GEPB* XII: 559. Vd. também Freitas, 1969: 748-749); Diogo P. de Amorim, sócio desde 1947 (*GEPB* XIX: 899); D. António P. Forjaz (*GEPB* XI: 625-627).

⁴ Entre os muitos comunicadores que já foram por nós apresentados como sendo especializados nas áreas em causa e que publicam nestes periódicos contam-se Aquiles Machado, embora este apenas durante a 1.^a República (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Álvaro R. Machado, com um artigo de 1935, na *Revista de Química Pura e Aplicada*, intitulado “Questão de nomenclatura físico-química: sinonímia científica: velocidade, rapidez, celeridades” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Branca E. Marques, com trabalhos nas décadas de cinquenta e sessenta, alguns deles em colaboração e abordando questões de Radioactividade (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); Kurt Jacobsohn, com artigos de Bioquímica desde 1940 até à década de

especializado em Matemática publica usualmente nos periódicos *Portugaliae Mathematica*, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências* e *O Instituto*¹. Finalmente, aqueles que se dedicaram aos estudos militares, o que apenas ocorreu entre cientistas que fizeram carreira militar, encontraram na *Defesa Nacional* e, sobretudo, na *Revista Militar* os principais periódicos divulgadores dos seus trabalhos².

Se recordarmos que a maioria dos cientistas desta secção tinha cargos de docência no ensino superior português, não nos surpreenderá que os periódicos das instituições de ensino em que leccionavam também fossem usados como suporte. Entre os que exerceram magistério na Universidade de Lisboa deparamo-nos com publicações nos *Arquivos da Universidade de Lisboa*³ e na *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa*⁴. Os dois professores da Universidade do Porto publicaram nos *Anais da*

sessenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09) e D. António P. Forjaz, com um trabalho de 1951, na *Revista de Química Pura e Aplicada*, intitulado “Doseamentos espectrofométricos” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

¹ São os casos de Pedro J. da Cunha, com muitos trabalhos na década de trinta e na primeira metade da década de quarenta abordando questões sobre divisão das séries matemáticas e teoria dos conjuntos, além de História do ensino das ciências e História do ensino na Escola Politécnica de Lisboa (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB* VIII: 269. Vd. também Leal, 2003: 454-457), de José Gonçalves, com diversos artigos de Análise Matemática editados sobretudo nos anos quarenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB* XII: 559) e de Diogo P. de Amorim, o qual possui, nestes periódicos, artigos nas décadas de trinta, cinquenta e sessenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09. Vd. também *GEPB* XIX: 899).

² São exemplificativos disso os casos de Belisário Pimenta, que possui um artigo de 1967 na *Revista Militar* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09. Vd. também *GEPB* XXI: 657-658), de Henrique P. Monteiro, com trabalhos nas décadas de trinta e cinquenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB* XXI: 956), de Eduardo de Azambuja Martins, que escreveu sobre História militar e colonial, nomeadamente na década de trinta (*GEPB* III: 888), de Manuel B. de Magalhães (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também *GEPB* XV: 904) e de Tancredo de Moraes, com um artigo de 1941 na *Revista Militar*. Sobre este autor há que referir que se debruçou sobre História naval portuguesa, tendo publicado ao longo dos anos quarenta, sobretudo, na *Revista de Marinha* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também *GEPB* XVII: 815. Vd. também http://www.fl.ul.pt/nautica/DIC_HIST_MAR/MORAIS_Tancredo.htm, por nós consultado em 12/09/09).

³ É o que acontece com Pedro J. da Cunha (*GEPB* VIII: 269), Branca E. Marques, com um artigo de 1932 intitulado “A água termal do Estoril: contribuição para o seu estudo físico-químico, acompanhado duma breve notícia geo-hidrológica” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09) e D. António P. Forjaz, com um trabalho de 1934 designado de “A fluoroscopia do tabaco” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

⁴ Além de ser um outro suporte usado por Branca E. Marques, onde edita, por exemplo, em 1952 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09), esta revista contou ainda com trabalhos de Bioquímica da autoria de Kurt Jacobsohn, que aí publicou nos anos cinquenta e sessenta, normalmente em colaboração com Maria Deodata Azevedo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09) e de José Gonçalves, que aí editou artigos de Álgebra, Análise Matemática e Investigação Operacional, sobretudo na década de cinquenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

*Faculdade de Ciências do Porto*¹ e os docentes da Universidade de Coimbra editaram trabalhos na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*².

A identidade desta comunidade científica assenta ainda no recurso aos periódicos de organizações científicas de que é dirigente/presidente ou simplesmente membro ordinário. É nessa perspectiva que devem ser entendidos os artigos surgidos, por exemplo, no *Boletim da Academia das Ciências*³.

A nível internacional esta última constatação assume uma particularidade resultante da frequente falta de dados que nos apontem o ano em que um cientista se torna membro de uma determinada agremiação científica internacional. Este facto, já descrito no ponto anterior, deixa-nos agora antever a dificuldade em concluir se a publicação num periódico internacional ocorre antes ou apenas depois de o cientista se associar à organização científica que o edita.

Independentemente de esse problema residir na análise efectuada aos cientistas desta secção, o fundamental consiste em constatar como a ligação a uma agremiação científica internacional, estando associada à publicação de artigos nas páginas do seu periódico, se assume como um outro meio ao dispor destes cientistas nacionais na internacionalização da sua intervenção pública.

A título exemplificativo atendamos aos trabalhos editados por Pedro J. da Cunha no *The American Mathematical Monthly*⁴, por Branca E. Marques no *Journal de*

¹ Referimo-nos a Álvaro R. Machado, que aí publicou, por exemplo, em 1935, o artigo “O Curso de Física Geral Experimental numa projectada reorganização das cadeiras do grupo de Física das Faculdades de Ciências” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09) e a Elísio Milheiro, que aí editou em 1943 o trabalho “Substâncias corantes dos tubérculos do ‘Asphodelus albus’” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

² São eles os já inicialmente referidos José Gonçalves (*GEPB* XII: 559), Diogo P. de Amorim, que sabemos ter publicado nesse periódico nomeadamente na década de trinta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09) e Mário A. da Silva, que aí publicou em 1931, 1933, 1939, 1940 e 1942, entre outros, artigos sobre Radioactividade em Portugal e sobre o Museu Pombalino de Física da Faculdade de Ciências de Coimbra (*GEPB* XXVIII: 828. Vd. também <http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09).

³ Um dos órgãos da Academia das Ciências de Lisboa onde Pedro J. da Cunha, membro desde 1916 e presidente pela primeira vez em 1924 (*GEPB* I: 170. Vd. também Leal, 2003: 454-457. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 28/10/09) e Herculano A. Ferreira, sócio desde 1938 e presidente pela primeira vez em 1963, publicaram trabalhos – aquele em 1931 e 1942, e este em 1957, 1958 e 1960 (*ELBC* 8: 640-641. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁴ Um dos periódicos da Mathematical Association of America onde Pedro J. da Cunha, que veio a ser membro dessa mesma sociedade, publicou trabalhos, embora em data desconhecida (*GEPB* VIII: 269. Vd. também http://www.maa.org/subpage_2.html, por nós consultado em 26/10/09).

*Chimie-Physique*¹ e por Kurt Jacobsohn no *Bulletin de la Société de Chimie Biologique*², nos *Archives of Biochemistry*³ e na revista *Enzymologia*⁴.

Para além destas publicações ocorridas sobretudo nas décadas de trinta e quarenta, sobre as quais sabemos haver uma ligação dos cientistas portugueses aos organismos que as editam e onde verificamos que as redes de comunicação desta comunidade não se limitam à escala nacional, encontramos também outras colaborações noutros periódicos internacionais, embora nestes casos não tenhamos dados que nos confirmem qualquer forma de associação aos órgãos editores. Referimo-nos a Mário A. da Silva, D. António P. Forjaz e Branca E. Marques, os quais colaboram ainda nos *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, o primeiro em 1926, 1927 e 1928, D. António P. Forjaz em 1921, 1928, 1929 e 1933, e Branca E. Marques em 1933, 1934 e 1939⁵.

D. António P. Forjaz, em 1935, e Kurt Jacobsohn, entre 1928 e 1935, publicaram também na *Biochemische Zeitschrift*, sendo que Kurt Jacobsohn foi ainda colaborador regular, desde 1949, do periódico suíço *Vitamine, Fermente, Hormone*, do *Experimental Medicine and Surgery* e do *Biological Abstracts*⁶.

¹ Publicação da Société de Chimie Physique de France onde esta investigadora, que veio a ser sócia dessa sociedade, publicou diversos estudos, como sejam “Contribution à l'étude du fractionnement des sels de baryum radifère”, em 1936, e “Distribution du radium dans les cristaux des sels de baryum radifère”, também em 1936 (*GEPB* XVI: 393. Vd. também *QA*: 441).

² Periódico da Société de Chimie Biologique de Paris onde Kurt Jacobsohn, que sabemos ser sócio dessa sociedade pelo menos no ano de 1947, editou artigos de Bioquímica em 1934, 1938, 1940, 1966 e 1971 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

³ Periódico norte-americano onde Kurt Jacobsohn publica um artigo intitulado “On the Enzymatic Destruction of Thiamine” no ano em que aí assume as funções de conselheiro científico – 1947 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

⁴ Como se mencionou anteriormente, esta é uma revista holandesa em que Kurt Jacobsohn desempenha, desde 1945, as funções de editor. Contudo, verifica-se que o autor já publica trabalhos nas suas páginas em 1936, 1938, 1939 e 1940, portanto, ainda antes de assumir o cargo científico enunciado (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

⁵ Para a referência a Mário A. da Silva vd. <http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>, por nós consultado em 12/09/09; para D. António P. Forjaz vd. *GEPB* XI: 625-627; para Branca E. Marques vd. *QA*: 441. Vd. também *GEPB* XVI: 393.

⁶ Para a referência a D. António P. Forjaz vd. *GEPB* XI: 625-627; para Kurt Jacobsohn vd. <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09. Relativamente a José Gonçalves (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09), Álvaro R. Machado (*GEPB* XV: 751) e Elísio Milheiro sabemos que também publicaram em revistas científicas estrangeiras, contudo não possuímos informação que nos indique quais foram, de que assuntos versaram os artigos ou quando ocorreram essas publicações (*GEPB* XVII: 235).

4.8 Editoras

À imagem do verificado nos periódicos, muitos destes intelectuais-cientistas publicam sobre assuntos da sua especialidade nas editoras das instituições de ensino superior em que leccionam. O destaque vai para a Imprensa da Universidade de Coimbra que, entre outros, editou trabalhos dos três docentes desta instituição – José Gonçalves, Diogo P. de Amorim e Mário A. da Silva¹. No entanto, também alguns dos professores das Universidades de Lisboa e Porto publicaram obras nas respectivas editoras².

A mesma realidade se manifesta no que respeita aos organismos científicos de que os comunicadores são directores/presidentes ou investigadores ou apenas membros ordinários, assumindo-se as editoras de tais organizações meios privilegiados na divulgação dos trabalhos dos seus associados. Os exemplos são vários e cobrem diferentes organizações como sejam observatórios³, institutos⁴, academias⁵ e sociedades¹.

¹ Nesta editora José Gonçalves publicou em 1921, 1926 e 1930, abordando, nomeadamente, Cálculo e Geometria (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09); Diogo P. de Amorim publicou, entre outros, o trabalho *Nomenclatura dos grandes números*, em 1933 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09); por fim, Mário A. da Silva teve trabalhos seus publicados por esta editora em 1930, 1931 e 1937, tratando, por exemplo, questões de Radioactividade e História da ciência (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09). Relativamente a Belisário Pimenta, Álvaro R. Machado e Gumersindo S. da Costa Lobo, embora não tenhamos dados que nos indiquem a docência na Universidade de Coimbra sabemos que publicaram na sua editora – Belisário Pimenta em 1929, versando temáticas de História militar (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09), Álvaro R. Machado também em 1929 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09) e Gumersindo S. da Costa Lobo em 1933, com uma obra intitulada *Instrumentos espectroheliográficos e sua aplicação ao estudo da Atmosfera Solar* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

² Entre os docentes da Universidade de Lisboa que recorreram à editora da Faculdade de Ciências contam-se Pedro J. da Cunha, em 1937 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09), José Gonçalves, em 1960/61 (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>, por nós consultado em 11/09/09), Herculano A. Ferreira, em 1931 e 1935 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09) e Kurt Jacobsohn, em 1953 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09). No que concerne aos professores da Universidade do Porto, apenas Álvaro R. Machado publicou na editora da Faculdade de Ciências, o que aconteceu em 1927 com o estudo *Unificação da nomenclatura físico-química* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

³ Álvaro R. Machado, que dirige desde 1920 o Observatório Meteorológico da Serra do Pilar, tem estudos editados pelas Publicações do Observatório da Serra do Pilar em 1927, 1933 e 1943 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09. Vd. também *GEPB* XV: 751).

⁴ Kurt Jacobsohn, investigador no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral desde 1929, publicou dois trabalhos na editora desse instituto em 1934 (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *QA*: 384).

⁵ Aquiles Machado, sócio da Academia das Ciências de Lisboa desde 1897, publica na editora dessa academia um pequeno trabalho em 1940 intitulado *As aplicações da fotografia à química e à físico-*

Relativamente a editoras estrangeiras que tenham publicado estudos destes cientistas temos conhecimento da londrina Pergamon Press, que em 1958 publica um trabalho de Kurt Jacobsohn em colaboração com Maria Deodata Azevedo², de Les Presses Universitaires de France, que em 1935 edita a tese de doutoramento apresentada por Branca E. Marques à Faculdade de Ciências de Paris³, e das editoras da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, que publica em Espanha um discurso de Pedro J. da Cunha sobre as Matemáticas em Portugal na época dos descobrimentos e conquistas⁴, e do Instituto Geográfico y Catastral, onde Herculano A. Ferreira, em colaboração com o investigador espanhol J. Rodríguez-Navarro de Fuentes, publica em 1960 um trabalho sobre o mapa magnético da Península Ibérica⁵.

4.9 Consagração Intelectual

Enquanto intelectuais, estes cientistas procuram a sua consagração. Nesse processo de consolidação da legitimidade em intervir publicamente desempenham um papel importante os mencionados cargos de direcção e presidência de agremiações científicas nacionais e internacionais⁶.

À detenção desses cargos juntam-se as condecorações e prémios nacionais atribuídos a Aquiles Machado, condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da

química (GEPB XV: 753-754. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09). Pedro J. da Cunha, presidente da mesma academia em 1924, 1926, 1930 e 1934, edita trabalhos na sua editora em 1933 e 1935 (GEPB I: 170. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09). Herculano A. Ferreira, também ele membro da Academia das Ciências de Lisboa, no seu caso desde 1938, publicou em 1943, na editora da academia, o estudo *Relações científicas entre Portugal e a Grã-Bretanha* (ELBC 8: 640-641. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

¹ Kurt Jacobsohn, que sabemos ser sócio da Sociedade Portuguesa de Biologia em 1947, publica nesse ano, na editora dessa sociedade, o estudo *Isótopos estáveis e radioactivos em bioquímica* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também QA: 384).

² Vd. <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09.

³ Vd. <http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 30/10/09.

⁴ Publicação ocorrida em data desconhecida (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

⁵ Vd. <http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 30/10/09.

⁶ Os exemplos são inúmeros e na medida em que foram anteriormente apresentados lembraremos apenas o facto de lidarmos com presidentes da Academia das Ciências de Lisboa, directores de publicações periódicas, reitores e vice-reitores da Universidade de Lisboa, além de presidentes de sociedades científicas internacionais, cargos estes que foram desempenhados nomeadamente na Ditadura Militar e no Estado Novo (vd. ponto 4.4 do nosso trabalho).

Espada em 1930 e com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública em 1931¹, Pedro J. da Cunha, Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública em 1927², Henrique P. Monteiro, Oficial de Santiago da Espada em 1919 e Oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito em 1923³, Eduardo de Azambuja Martins, que obteve em 1945 o prémio “Moçambique”, atribuído pela *Revista Militar*⁴, Diogo P. de Amorim, Grande-Oficial da Ordem de Santiago da Espada em 1967⁵, Herculano A. Ferreira, a quem foi atribuído o grau de Grande-Oficial da Ordem de Santiago da Espada em 1945 e o grau de Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique em 1971⁶, Elísio Milheiro, que em 1939 obteve a arbitragem científica ao prémio “Artur Malheiros”, da Academia das Ciências de Lisboa⁷, Luís de Macedo, Cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada desde 1928 e Grande-Oficial da Ordem de Cristo em 1957⁸, e Ernesto F. da Cunha, Oficial da Ordem de Santiago da Espada em 1943⁹.

A estas consagrações nacionais juntam-se, por sua vez, a atribuição da Comenda de S. Gregório Magno a Diogo P. de Amorim¹⁰, o reconhecimento académico de D. António P. Forjaz, proporcionado pela atribuição de um doutoramento *honoris causa*, em 1943, pela Universidade de Bucareste¹¹ e a condecoração de Kurt Jacobsohn, em 1963, com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha¹².

¹ Ordem da Instrução Pública – Ordem de Mérito Civil que tem por intuito galardoar altos serviços prestados à causa da educação e do ensino (*GEPB* XV: 753-754. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 02/11/09).

² Vd. *GEPB* VIII: 269. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 02/11/09.

³ De referir que a Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito é a mais alta condecoração portuguesa, podendo ser conferida em três casos: por méritos excepcionalmente relevantes demonstrados no exercício de funções dos cargos supremos que exprimem a actividade dos órgãos de soberania ou no comando de tropas em campanha; por feitos de heroísmo militar e cívico; ou por actos excepcionais de abnegação e sacrifício pela pátria e pela humanidade (<http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 23/01/10. Vd. também *GEPB* XXI: 956).

⁴ Vd. *QA*: 447.

⁵ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 23/01/10.

⁶ A Ordem do Infante D. Henrique é uma atribuição que visa distinguir os que houverem prestado serviços de expansão da cultura portuguesa ou serviços para conhecimento de Portugal, sua história e seus valores (<http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 23/01/10).

⁷ Vd. *QA*: 465-466. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 02/11/09.

⁸ Vd. *GEPB* XV: 737. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 23/01/10.

⁹ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>, por nós consultado em 24/01/10.

¹⁰ Comenda atribuída pela Santa Sé (Andrade, 1964: 6-7. Vd. também <http://www.portal.ecclesia.pt/pub/19/noticia.asp?jornalid=19¬iciaid=29650>, por nós consultado em 03/11/09).

¹¹ De facto, foi em plena II Grande Guerra, mais precisamente em Outubro de 1943, que D. António Pereira Forjaz foi eleito doutor *honoris causa* da Universidade de Bucareste, recebendo o seu diploma das mãos do rei Miguel alguns meses depois (*GEPB* XI: 625-627).

¹² Vd. <http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09.

Estas duas últimas consagrações são particularmente interessantes, na medida em que, embora distem duas décadas, são reveladoras de como por intermédio da ciência somos transportados para campos dúbios, onde nada parece ser totalmente linear. Concretizando, se o doutoramento *honoris causa* de D. António P. Forjaz lhe é concedido pela universidade de um país, na altura, pró-Alemanha nazi¹, já Kurt Jacobsohn é agraciado por uma Alemanha política e ideologicamente distinta da Roménia de 1943.

No seguimento desta ordem de ideias, esta última condecoração torna-se ainda mais interessante se nos lembrarmos que em 1963 estaríamos, supostamente, “orgulhosamente sós”². Esse não parece ser o entendimento mais correcto da realidade nacional face à posição assumida pelo Estado democrático alemão, que agracia Kurt Jacobsohn por o julgar como um elo fortalecedor da ligação existente, neste caso académica, entre a República Federal da Alemanha e o Portugal salazarista³.

¹ Com o golpe de estado de Setembro de 1940 Ion Antonescu tornou-se ditador da Roménia e “...alinhou a sua política pela dos países do Eixo, arrastando o seu país à guerra contra os Aliados. Consentiu que fosse nomeado marechal, aceitando as perseguições aos judeus, principalmente na Bessarábia (onde havia povos de cultura eslava e povos de cultura latino-romena e onde os judeus eram numerosos).” (*GEPB Actualização I*: 451).

² Embora Salazar só tivesse efectivamente pronunciado esta célebre expressão em 18 de Fevereiro de 1965, o facto é que esse momento marcou tanto o posterior discurso oficial relativo à política externa portuguesa ao longo da década de sessenta – o de uma nação orgulhosamente isolada internacionalmente na defesa dos seus valores – como o discurso de grande parte da historiografia nacional pós-25 de Abril. Não deixando de reconhecer a existência de alguns apoios externos à posição colonial portuguesa nos anos sessenta, a tese de Fernando Rosas assume-se, ainda assim, como um bom exemplo da realidade descrita (Rosas, 1994: 539-543. Para uma análise mais recente sobre o equívoco das teses defensoras do isolacionismo português nos anos sessenta vd. o trabalho de Luís Nuno Rodrigues em <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=8&ida=140>, por nós consultado em 24-01-10).

³ De facto, reconhecendo a existência de relações académicas entre os dois países, a República Federal da Alemanha, em 1963, condecora o cientista naturalizado português em 1935 pela sua acção no desenvolvimento e fortalecimento dessas mesmas relações (<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>, por nós consultado em 11/09/09).

Capítulo 5

Oradores da II Secção (1.^a Parte) do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Naturais e Biológicas

5.1 Formação Académica – Instituições

Neste grupo há quinze comunicadores, os quais, à imagem do verificado na I Secção, licenciaram-se na Monarquia, 1.^a República, Ditadura Militar e Estado Novo¹. O período político em que mais comunicadores se formaram foi a Monarquia, durante a qual houve duas instituições de ensino superior que praticamente monopolizaram a formação desses intelectuais – a Escola Médica de Lisboa e a Faculdade de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra². Já para os períodos da Ditadura Militar e do Estado Novo, onde contabilizamos cinco licenciaturas, verificamos que todos os diplomas foram atribuídos ou pela Universidade de Coimbra³ ou pela Universidade do Porto⁴.

Por vezes esta formação académica prolongou-se por mais de um dos períodos políticos considerados⁵ e registou-se não apenas em universidades nacionais, mas

¹ Marck Athias (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09), Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira (Fróis, 2003: 550-551), Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação (*GEPB* XXX: 607-609), António Luís Machado Guimarães (*GEPB* XV: 774), Antero Frederico Ferreira de Seabra (*GEPB* XXVII: 913-914) e Augusto Pires Celestino da Costa (Moreira, 2003: 422-423) formaram-se durante a Monarquia. Américo Pires de Lima (Ramos do Ó, 2003: 747-748) e Alberto Carlos Germano da Silva Correia (*GEPB* XXVIII: 856-857) concluíram a licenciatura na 1.^a República. Entre os comunicadores formados na Ditadura Militar contam-se Luís José de Pina Guimarães (*GEPB* XXI: 680-682) e José Ramos Bandeira (*GEPB* XXIV: 356-357), tendo José Antunes Serra já terminado a sua licenciatura no início do Estado Novo, em 1936 (*GEPB* XXVIII: 483-484). Relativamente a Jorge Alberto Martins d'Alte, Luís Augusto Duarte Santos, Alberto Cupertino Pessoa e António Augusto Esteves Mendes Correia não temos dados precisos que nos indiquem quando se formaram. Contudo, com base noutros dados é possível concluir que os dois primeiros cientistas mencionados ter-se-ão licenciado no final da Ditadura Militar ou no início do Estado Novo – J. A. Martins d'Alte nasceu em 1912 e em 1939 é nomeado assistente da Universidade do Porto (*GEPB* XVI: 466. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); L. A. Duarte Santos, por seu lado, tendo nascido em 1911, sabemos ter-se doutorado em 1942 (*GEPB* XXVII: 371. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

² Dos seis comunicadores formados na Monarquia temos informação de que Marck Athias (*GEPB* II: 649-650), J. G. Bettencourt Ferreira (Fróis, 2003: 550-551) e A. P. Celestino da Costa (Moreira, 2003: 422-423) o fizeram pela Escola Médica de Lisboa, enquanto E. Tamagnini (*GEPB* XXX: 607-609) e A. L. Machado Guimarães ([Nóvoa], 2003: 824) se diplomaram pela Faculdade de Filosofia Natural da Universidade de Coimbra.

³ Referimo-nos a José R. Bandeira (*GEPB* XXIV: 356-357), José A. Serra (*GEPB* XXVIII: 483-484) e L. A. Duarte Santos (*GEPB* XXVII: 371).

⁴ Neste grupo contam-se Luís de Pina (*GEPB* XXI: 680-682) e J. A. Martins d'Alte (*GEPB* XVI: 466).

⁵ Veja-se o caso de José R. Bandeira, que tendo terminado o curso de Farmacêutico-Químico em 1927, na Universidade de Coimbra, prestou provas de doutoramento em Farmácia, pela Faculdade de Farmácia do Porto, em 1945 (*GEPB* XXIV: 356-357. Vd. também *QA*: 96-97).

também em instituições de ensino superior estrangeiras. Integram-se neste grupo J. G. Bettencourt Ferreira, que após concluir o curso de Medicina da Escola Médica de Lisboa, visando o aperfeiçoamento didático no âmbito das Ciências Físico-Químicas, estagia em Bruxelas, cerca de 1908¹; Marck Athias que, além da referida formação na Escola Médica de Lisboa em 1905, sabemos ter em 1897 concluído o curso de Medicina na Faculdade de Medicina de Paris²; Antero F. de Seabra, que frequentou em Paris, entre 1894 e 1897, a Sorbonne e a Escola Prática dos Altos Estudos³; A. P. Celestino da Costa, que depois de se diplomar em 1905 pela Escola Médica de Lisboa realizou estágios de laboratório em diversas instituições estrangeiras, como sejam o Anatomisch-Biologisches Institut, da Universidade de Berlim, em 1906-07, e o Hygienisches Institut, também da Universidade de Berlim, em 1908⁴; Alberto Carlos G. da Silva Correia, que possuindo os cursos da Faculdade de Medicina do Porto, concluído em 1911, e da Escola de Medicina Tropical de Lisboa tem ainda o curso de Especialização Antropológica da École d'Anthropologie de Paris⁵; Luís de Pina, que em 1930 partiu para o estrangeiro, onde estudou durante cinco meses – em França (Tolosa e Paris) dedicou-se à Antropologia e Anatomia Comparativa, e na Polónia, concretamente em Varsóvia, estudou Antropologia das Partes Moles e Anatomia Comparativa. Em 1931 estudou ainda, em Bolonha e Roma, Antropologia Física e Biométrica⁶. Finalmente, integra também este grupo L. A. Duarte Santos, o qual, tendo-se doutorado em Coimbra em 1942, estagia, em 1947-48, nas clínicas psiquiátricas universitárias da Suíça⁷.

Concluindo, fora das fronteiras nacionais, os sete intelectuais acima mencionados frequentam exclusivamente instituições europeias, o que se regista desde a Monarquia até ao Estado Novo, e fazem-no, nomeadamente, aquando da sua especialização.

5.2 Bolsas de Estudo

Entre os comunicadores que frequentaram instituições de ensino superior no estrangeiro, apenas Luís de Pina e L. A. Duarte Santos o fizeram com o apoio do

¹ Vd. Fróis, 2003: 550-551.

² Vd. *GEPB* III: 649-650. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09.

³ Vd. *GEPB* XXVII: 913-914.

⁴ Vd. *GEPB* VI: 411-412. Vd. também Moreira, 2003: 422-423.

⁵ Vd. *GEPB* XXVIII: 856-857.

⁶ Vd. *GEPB* XXI: 680-682.

⁷ Vd. *GEPB* XXVII: 371.

Estado. Por outras palavras, mais uma vez a Ditadura Militar e o Estado salazarista subsidiaram, por intermédio da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura, a prossecução de estudos fora de Portugal.

Efectivamente, se a publicação da tese de doutoramento de Luís de Pina já havia sido subsidiada pela Junta de Educação Nacional, a frequência em França, Polónia e Itália dos Serviços de Anatomia Comparativa e Antropologia, em 1930-31, também ocorreu enquanto bolseiro desse organismo. Além disso, até 1937 foi ainda bolseiro no país, estudando Anatomia e Antropologia Física e Criminal, sendo que nesse ano de 1937, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, trabalhou em Lisboa, no Arquivo Histórico Colonial¹.

Relativamente a L. A. Duarte Santos, se já desde 1941 que o Instituto para a Alta Cultura o tinha tornado seu bolseiro no país para estudos Biotipológicos, em 1947-48 foi subsidiado pelo mesmo organismo que este cientista estagiou nas referidas clínicas psiquiátricas universitárias da Suíça².

Estes dois casos mostram-nos uma realidade que se vem a delinear desde a I Secção e que consiste no facto de os apoios governamentais em causa promoverem a continuação da formação académica em regimes políticos de natureza diversa, nomeadamente em países de ditadura fascista, em ditaduras militares e em regimes democráticos europeus. O exemplo de Luís de Pina é paradigmático, pois entre 1930 e 1931 tanto se encontra na França, que apesar de todas as dificuldades do pós-guerra, agravadas pela crise de 1929, mantém o regime democrático, como prossegue estudos na Ditadura Militar polaca do marechal Pilsudski, como ainda na Itália fascista de Mussolini³.

Outros comunicadores subsidiados pelo Instituto para a Alta Cultura foram J. A. Martins d'Alte e José A. Serra⁴, sendo que os quatro cientistas mencionados, à imagem do ocorrido entre os bolseiros reunidos nas Ciências Físico-Matemáticas e Militares, partilhavam uma licenciatura numa universidade portuguesa, neste caso em Coimbra ou no Porto⁵.

¹ Vd. *GEPB XXI*: 680-682.

² Vd. *GEPB XXVII*: 371.

³ Vd. *GEPB XXI*: 680-682. Para uma caracterização sucinta da realidade francesa e italiana no período entre guerras vd. Dreyfus, 1996: 385-392, 399-404. Para uma caracterização da Ditadura Militar polaca do marechal Pilsudski, entre 1926 e 1935, vd. Droz, 1988: 222.

⁴ Deste último sabemos ter sido bolseiro desde 1940, embora com diversas interrupções (*GEPB XXVIII*: 483-484. Para a referência a J. A. Martins d'Alte Vd. *GEPB XVI*: 466).

⁵ Luís de Pina licenciou-se em Medicina pela Universidade do Porto (*GEPB XXI*: 680-682); L. A. Duarte Santos também se diplomou em Medicina, mas em Coimbra (*GEPB XXVII*: 371); J. A. Martins d'Alte

Apesar de subsidiar quatro cientistas desta secção, o Estado salazarista não deteve o monopólio dessa actividade, na medida em que no ano de 1934 A. P. Celestino da Costa foi bolseiro da Fundação Rockefeller, organização esta que tendo sido legalmente constituída em 1913 pelo grande industrial, financeiro e filantropo norte-americano John Rockefeller, tem por intuito melhorar o bem-estar da humanidade¹.

5.3 Cargos de Docência

Todos os comunicadores que integram este painel exercem magistério no ensino superior português, sobretudo na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, nas Faculdades de Medicina de Coimbra e Porto, nas Faculdades de Ciências de Lisboa e Porto, e ainda na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra².

Como se verifica, o desempenho destas funções teve lugar em todos os períodos políticos considerados, tendo alguns dos comunicadores exercido, por vezes de modo cumulativo, o professorado em diversas faculdades³.

formou-se em Medicina e em Ciências Biológicas no Porto (*GEPB XVI*: 466); por fim, José A. Serra licenciou-se em Ciências Biológicas pela Universidade de Coimbra (*GEPB XXVIII*: 483-484).

¹ Em Portugal esta fundação “...fez sentir a sua acção no auxílio prestado à organização da ‘Escola Técnica de Enfermeiras’, em Palhavã, Lisboa, quando da sua fundação em 1940; além de Bolsas de Estudo, que lhe tem fornecido. Também auxiliou financeiramente os estudos da malária, e [a] fundação do Centro de Saúde de Lisboa, etc.” (*GEPB XXV*: 867. Vd. também http://www.rockfound.org/about_us/history/timeline.shtml, por nós consultado em 06/11/09. Vd. também *GEPB VI*: 411-412).

² Foram professores da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa Marck Athias, que sendo nomeado preparador de Histologia e Fisiologia em 1903, foi catedrático de Fisiologia em 1910 (*GEPB III*: 649-650) e ainda A. P. Celestino da Costa, preparador de Histologia e Fisiologia em 1910 (*GEPB VI*: 411-412). Entre os docentes da Faculdade de Medicina de Coimbra contam-se L. A. Duarte Santos (*GEPB XXVII*: 371) e Alberto C. Pessoa, desde 1941 professor extraordinário (*GEPB XXI*: 481-482). Na Faculdade de Medicina do Porto foram professores Luís de Pina, desde 1944 catedrático de História da Medicina e Deontologia Profissional (*GEPB XXI*: 680-682) e J. A. Martins d’Alte, em 1939 nomeado assistente de Anatomia (*GEPB XVI*: 466). Os docentes da Faculdade de Ciências de Lisboa foram Antero F. de Seabra, assistente entre 1912 e 1917 (*GEPB XXVII*: 913-914) e José A. Serra, professor desta faculdade desde 1953 (*GEPB XXVIII*: 483-484). Entre os professores da Faculdade de Ciências do Porto encontram-se J. G. Bettencourt Ferreira (Fróis, 2003: 550-551), A. L. Machado Guimarães, desde 1921 catedrático de Zoologia e Antropologia (*GEPB XV*: 774), A. Pires de Lima, em 1913 nomeado assistente de Ciências Biológicas (*GEPB XXI*: 952-953) e A. A. Mendes Correia, desde 1921 professor catedrático (*GEPB XVI*: 881-883). Relativamente à docência na Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra é de mencionar José R. Bandeira, nomeado assistente de História Natural e Farmácia em 1930 (*GEPB XXIV*: 356-357).

³ Um exemplo elucidativo do referido é o caso de A. Pires de Lima, o qual, como foi mencionado, em 1913 foi nomeado assistente de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências do Porto, passando a professor de Botânica em 1921, sendo que desde 1920 também começou a leccionar na Faculdade de Farmácia, o que aconteceu até 1942, quando se viu forçado a optar pelo seu lugar de lente catedrático da Faculdade de Ciências (*GEPB XXI*: 952-953). Outro exemplo a apontar é o de E. Tamagnini, que tendo sido nomeado lente substituto de Ciências Histórico-Naturais da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra em 1905, e promovido a lente catedrático da mesma faculdade em 1907, foi ainda colocado como professor ordinário da Faculdade de Ciências de Coimbra, onde regeu as seguintes cadeiras e

5.4 Cargos Científicos e Políticos

No que concerne ao exercício de cargos científicos nacionais destacamos a direcção/presidência de institutos¹, museus², faculdades e outras instituições de ensino³, laboratórios⁴, centros de estudo⁵, sociedades científicas⁶, academias científicas ou suas secções¹ e publicações periódicas².

cursos: Metodologia das Ciências Naturais, do Curso de Habilitação ao Magistério Secundário (1914); Curso de Etnologia da Faculdade de Letras (1912-1950); Teoria da Ciência, da Escola Normal Superior (1915-1932) (*GEPB XXX*: 607-609).

¹ Marck Athias foi desde 1919 director do Instituto de Fisiologia e em 1923 foi nomeado membro da comissão directora do Instituto do Cancro (*GEPB III*: 649-650); E. Tamagnini era em 1926 director do Instituto de Antropologia de Coimbra (Tamagnini, 1926); A. L. Machado Guimarães foi desde 1935 director do Instituto de Zoologia da Universidade do Porto (*GEPB XV*: 774); A. P. Celestino da Costa, falecido em 1956, sabemos ter sido na última década da sua vida director do Instituto de Investigações Endocrinológicas do Instituto para a Alta Cultura (Moreira, 2003: 422-423); A. Pires de Lima dirigiu o Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio (*GEPB XXI*: 952-953); Alberto Carlos G. da Silva Correia foi em 1921 director interino do Instituto Bacteriológico de Nova-Goa (*QA*: 228); em 1937 Luís de Pina foi nomeado director do Instituto de Criminologia do Porto (*GEPB XXI*: 680-682); L. A. Duarte Santos foi director do Instituto de Medicina Legal de Coimbra (Andrade, 1967: 1819-1820); A. A. Mendes Correia, em 1923, assume o cargo de director do Instituto de Investigação Científica de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto (*GEPB XVI*: 881-883).

² J. G. Bettencourt Ferreira foi director do Museu Bocage de História Natural (Fróis, 2003: 550-551); E. Tamagnini dirigiu o Museu Antropológico de Coimbra entre 1926 e 1950, e foi ainda director do Museu Zoológico da mesma cidade desde 1931 até 1950 (*GEPB XXX*: 607-609); Luís de Pina foi desde 1944 director do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos (*QA*: 519); José A. Serra foi um outro director dos Museus Zoológico e Antropológico de Coimbra (*GEPB XXVIII*: 483-484).

³ A. P. Celestino da Costa foi director da Faculdade de Medicina de Lisboa de 1946 a 1949 (Morato, 1967: 133-134); A. Pires de Lima foi director da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto entre 1935 e 1945 (*GEPB XXI*: 952-953); E. Tamagnini foi vice-reitor da Universidade de Coimbra entre 1916 e 1919, e director da Escola Normal Superior de Coimbra entre 1925 e 1932 (*GEPB XXX*: 607-609); Alberto Carlos G. da Silva Correia foi nomeado director da Escola Médica de Goa em 1946 (*GEPB XXVIII*: 856-857); Luís de Pina foi director da Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 1961 e 1966 (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09); finalmente, A. A. Mendes Correia assumiu a direcção da Escola Superior Colonial em 1946 (Teixeira, 1967: 4-5).

⁴ A. P. Celestino da Costa dirigiu o Laboratório Central do Hospital de S. José em 1919 (*GEPB VI*: 411-412); E. Tamagnini foi desde 1926 até 1950 director do Laboratório Antropológico de Coimbra e entre 1931 e 1950 desempenhou ainda as funções de director do Laboratório Zoológico da mesma cidade (*GEPB XXX*: 607-609); José R. Bandeira foi director do Laboratório de Farmácia Galénica da Escola de Farmácia de Coimbra, em 1940 (*GEPB XXIV*: 356-357).

⁵ Desde 1941 que E. Tamagnini dirigiu o Centro de Estudos de Ciências Naturais, criado pelo Instituto para a Alta Cultura. Além disso, em 1946 integrou a direcção do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística (*GEPB XXX*: 607-609); Luís de Pina presidiu à direcção do Centro de Estudos Humanísticos, o qual, estando anexo à Universidade do Porto, foi criado em 1947 (*GEPB XXI*: 680-682); A. A. Mendes Correia pertenceu à direcção do Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística, sendo ainda director do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular (*GEPB XVI*: 881-883); relativamente a A. Pires de Lima temos conhecimento de no ano de 1947 ser presidente do Centro de Estudos de Ciências Naturais do Porto (*QA*: 526).

⁶ Antero F. de Seabra foi presidente da Sociedade de Ciências Biológicas (*GEPB XXVII*: 913-914); E. Tamagnini presidiu desde 1938 à Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, a qual foi fundada em 9 de Dezembro de 1937 (*GEPB XXX*: 607-609). Vd. também <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799127Z7uLZ4su1Vg14KQ1.pdf>, por nós consultado em 12/11/09); A. P. Celestino da Costa presidiu à Sociedade de Estudos Pedagógicos (*GEPB VI*: 411-412); A. Pires de Lima, em 1948, foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (*GEPB*

Face à nossa tese, os nomes de A. A. Mendes Correia, Luís de Pina, A. P. Celestino da Costa e E. Tamagnini destacam-se, não somente pelos cargos directivos desempenhados em organizações científicas nacionais, mas inclusivamente por serem reveladores de contactos mantidos com o mundo exterior.

A. A. Mendes Correia, Luís de Pina e A. P. Celestino da Costa apresentam-nos essas ligações numa perspectiva já na I Secção analisada, isto é, enquanto detentores de cargos directivos em agremiações científicas internacionais – A. A. Mendes Correia foi membro da direcção do Instituto Internacional de Antropologia de Paris e do Instituto Internacional Africano de Londres³, Luís de Pina foi presidente da direcção do Grupo Português de Estudos Lígures, com sede em Itália, o que sabemos ser uma realidade nos anos cinquenta⁴ e A. P. Celestino da Costa foi vice-presidente da Association des Anatomistes em 1927 e presidente de secção da Société Anatomique de Paris em 1933⁵.

E. Tamagnini, por seu lado, nos anos em que foi director do Museu e do Laboratório Antropológicos de Coimbra, teve duas missões oficiais à Europa – a primeira em 1938, onde foi encarregado de estudar a organização da secção Antropológica do Instituto Kaiser Wilhelm, de Berlim, e a segunda em 1948, na qual foi encarregado pela Comissão Administrativa das Obras da Cidade Universitária de Coimbra de visitar os Museus de Antropologia e Etnologia de Paris, Bruxelas, Copenhaga, Amesterdão, Oslo e Estocolmo, com o objectivo de colher elementos para o plano das novas instalações do Instituto de Antropologia a construir na Cidade Universitária de Coimbra⁶.

Portanto, E. Tamagnini revela-nos uma nova variável. Referimo-nos às missões oficiais ao estrangeiro, ocorridas nomeadamente nas duas primeiras décadas de vigência do Estado Novo, de modo a obter informações científicas que pudessem ser usadas a nível interno.

XXI: 952-953); A. A. Mendes Correia foi presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, e desde 1951 até à sua morte, em 1960, foi presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa (*GEPB XVI*: 881-883. Vd. também Roque, 2003: 389-392).

¹ Sabemos que em 1956, quando faleceu, A. P. Celestino da Costa era presidente da Classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa (Morato, 1967: 133-134. Vd. também Moreira, 2003: 422-423).

² Luís de Pina dirigiu o jornal *Porto Académico* (*GEPB XXI*: 680-682); L. A. Duarte Santos foi director de *Coimbra Médica* (Andrade, 1967: 1819-1820); A. A. Mendes Correia, por seu lado, foi director dos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* (*GEPB XVI*: 881-883).

³ Vd. *GEPB XVI*: 881-883.

⁴ Vd. *GEPB XXI*: 680-682.

⁵ Vd. *GEPB VI*: 411-412.

⁶ Vd. *GEPB XXX*: 607-609.

Estas missões assumem particular importância para a nossa tese se nos detivermos ainda na reputação que usufruíam as instituições de destino. Atendamos tão-somente à deslocação de E. Tamagnini, em 1938, ao Instituto de Antropologia Kaiser Wilhelm, de Berlim, e constatemos como esse exemplo nos mostra como o Estado salazarista, pelo menos em alguns casos, apadrinhou deslocações às instituições científicas mais conceituadas¹.

Relativamente às fundações de organismos científicos promovidas por este grupo de intelectuais encontramos sociedades científicas², publicações periódicas³, centros de estudo⁴ e museus⁵.

Finalmente, no que concerne ao desempenho de cargos políticos é de destacar que as relativamente poucas referências ao exercício deste tipo de funções apontam-nos, usualmente, para ministros, deputados nacionais e presidentes de câmaras municipais, destacando-se três personalidades ligadas ao regime salazarista – E. Tamagnini, ministro da Instrução Pública entre 1934 e 1936⁶, Luís de Pina, deputado nacional nas legislaturas de 1938/42 e 1942/45, e presidente da Câmara Municipal do Porto entre 1945 e 1949⁷, e A. A. Mendes Correia, presidente da Câmara Municipal do Porto entre 1936 e 1942, e deputado à Assembleia Nacional de 1945 a 1956⁸.

Tendo os cargos políticos referidos sido exercidos entre os anos trinta e cinquenta, procurámos aferir, para esse período, se a direcção de uma agremiação científica internacional, enquanto manifestação de consagração intelectual, contribuiria para a legitimação, do ponto de vista do regime salazarista, da nomeação destes

¹ Para uma interpretação recente da história do Instituto de Antropologia Kaiser Wilhelm, dos seus programas de investigação, da sua importância no panorama científico alemão e internacional, e das suas relações com o poder político nazi vd. Schmuhl, 2008.

² Em 1907 Marck Athias fundou, juntamente com A. P. Celestino da Costa e Abel Salazar, a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e, em 1920, a Sociedade Portuguesa de Biologia (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09); A. A. Mendes Correia, em 1918, foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, da qual, como anteriormente mencionámos, veio a ser presidente (*GEPB XVI*: 881-883); Luís de Pina foi um dos fundadores do Grupo Português de História das Ciências (*GEPB XXI*: 680-682).

³ E. Tamagnini foi fundador do *Arquivo Pedagógico*, órgão oficial da Escola Normal Superior de Coimbra e das *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, órgão oficial do Instituto de Antropologia de Coimbra (*GEPB XXX*: 607-609); Luís de Pina criou, em 1931, o *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto* (*GEPB XXI*: 680-682).

⁴ Luís de Pina colaborou, em 1947, na fundação do Centro de Estudos Humanísticos, do qual, como foi anteriormente mencionado, veio a ser director (*GEPB XXI*: 680-682. Vd. também Silva, 1973: 100).

⁵ Em 1933 Luís de Pina fundou o Museu de História da Medicina Maximiano Lemos, do qual veio a ser director em 1944, como atrás se enunciou (*QA*: 519. Vd também http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09).

⁶ Vd. *GEPB XXX*: 607-609.

⁷ Vd. *GEPB XXI*: 680-682. Vd. também *QA*: 519.

⁸ Vd. Roque, 2003: 389-392.

comunicadores para a presidência de alguma das três grandes câmaras municipais do país – Lisboa, Porto e Coimbra.

Atendendo aos dois únicos cientistas nomeados presidentes de câmaras municipais, A. A. Mendes Correia e Luís de Pina, verificamos que, de facto, ambos partilham o exercício de cargos directivos em associações científicas internacionais¹. Tal constatação confirma a pertinência da hipótese colocada. Contudo, neste momento os dados são inconclusivos, na medida em que, não nos permitindo saber com precisão quando foram os cargos científicos desempenhados, impossibilitam-nos a confirmação da hipótese.

5.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais

Todos os comunicadores participaram em congressos nacionais e internacionais, tendo em diversos deles apresentado comunicações. Muitos dos congressos internacionais realizaram-se durante o Estado Novo e ocorreram tanto em Portugal como no estrangeiro, inclusive na União Soviética, em 1962, onde o cientista português presente, José A. Serra, interveio com uma comunicação². Este episódio é ainda mais

¹ Vd. Roque, 2003: 389-392. Vd. também *GEPB XXI*: 680-682.

² Referimo-nos ao VIII International Cancer Congress realizado na Universidade Pública de Moscovo, entre 22 e 28 de Julho de 1962, onde José A. Serra proferiu a comunicação “Progressiv genetic changes in the origin of cancer”. Outros congressos internacionais que contaram com intervenções deste intelectual foram o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências de Saragoça, em 1941, no qual apresentou a comunicação “Sobre a determinação do índice orbitário e a assimetria da órbita”, o X International Congress of Genetics, realizado em Montreal (Canadá), em 1958, e o X International Cancer Congress, o qual teve lugar em Houston (EUA), no ano de 1970 (*GEPB XXVIII*: 483-484. Vd. também <http://cancerres.aacrjournals.org/cgi/reprint/21/5/714.pdf>, por nós consultado em 16/11/09. Vd. também <http://www.worldcancercongress.org/>, por nós consultado em 16/11/09. Vd. também <http://www.triplov.com/biblos/serraj.htm>, por nós consultado em 16/11/09). Outros cientistas a participar em congressos internacionais, nomeadamente nas décadas de trinta e quarenta, foram os seguintes: J. G. Bettencourt Ferreira participou no Congresso Internacional de História das Ciências em Coimbra, em 1934, no Congresso Internacional de Antropologia em Bruxelas, em 1935, e no XII Congresso Internacional de Zoologia em Lisboa, também em 1935 (*GEPB IV*: 620); E. Tamagnini participou, entre outros, nos Congressos Internacionais das Ciências Antropológicas e Etnológicas, em Londres, em 1934, em Copenhaga, em 1938, onde pronunciou três comunicações, e em Bruxelas, em 1948, além de ter tomado parte no XIX Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências em San Sebastián, em 1947, e de ter dado uma conferência, em 1946, na sede do Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland, designada por “L’Anthropologie au Portugal” (*GEPB XXX*: 607-609. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); Alberto Carlos G. da Silva Correia frequentou o Congresso Internacional de Antropologia e Etnologia de Londres, em 1934 e o Congresso Internacional de Bandung, em 1937 (*GEPB XXVIII*: 856-857); Alberto C. Pessoa participou no Congresso Internacional de História das Ciências em Coimbra, em 1934 (*GEPB XXI*: 481-482); Antero F. de Seabra frequentou o 4.º Congresso Internacional de Entomologia, em Madrid, em 1940, tendo intervindo com a comunicação “Considérations sur l’entomologie du blé” (*GEPB XXVII*: 913-914); A. A. Mendes Correia tomou parte, entre outros, no Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa, em 1935 e no Congresso Luso-Brasileiro de 1940, também em Lisboa, tendo ainda organizado o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências do Porto, em 1942. Além disso, este cientista

interessante se pensarmos que em 1963 José A. Serra, de volta a Portugal, publica novos estudos na *Revista Portuguesa de Zoologia e Biologia Geral*¹. Ou seja, sem dados que nos apontem para o facto de estarmos perante um intelectual afastado da vida pública por motivações políticas, verificamos como o cosmopolitismo científico lhe permitiu viajar legalmente do Estado *orgulhosamente só* para o monumental edifício gótico-estalinista, a fim de, sob as suas foices e martelos, fazer ouvir a sua voz.

Duas outras notas de referência são a presidência, em 1965, do XXX Congresso Internacional de Medicina Legal e Social a cargo de L. A. Duarte Santos² e o facto de, mais uma vez, serem os Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências os congressos internacionais a contarem com mais presenças de cientistas nacionais³.

5.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais

Estes intelectuais foram maioritariamente sócios ordinários de várias corporações científicas nacionais e internacionais, ocorrendo estas ligações, geralmente, para com associações dedicadas às áreas de especialização de cada um. Deparamo-nos, assim, com agremiações de Antropologia e Etnologia⁴, de Ciências Médicas, Naturais e Biológicas¹, e de Ciências Farmacêuticas¹.

ainda deu conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo, em 1934 e 1937, em Barcelona e Nice, em 1941, e na Universidade de Madrid, em 1946 (*GEPB XVI*: 881-883); José R. Bandeira participou no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências em Córdova, em 1944 (*QA*: 96-97).

¹ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09.

² Vd. Andrade, 1967: 1819-1820.

³ Além das referências atrás mencionadas, contam-se ainda as participações nestes congressos de E. Tamagnini (Coimbra, 1925) (*GEPB XXX*: 607-609), Luís de Pina (Coimbra, 1956) (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09), Alberto C. Pessoa (Coimbra, 1925; Lisboa, 1932) (*GEPB XXI*: 481-482) e A. A. Mendes Correia (Porto, 1921) (*GEPB XVI*: 881-883).

⁴ J. G. Bettencourt Ferreira, assistente na Faculdade de Ciências do Porto e, mais tarde, professor auxiliar dos Institutos de Zoologia e Antropologia do Porto, foi membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, e do Institut International d'Anthropologie de Paris (Fróis, 2003: 550-551. Vd. também *QA*: 122-123. Vd. também *GEPB IV*: 620); E. Tamagnini, director do Museu e Laboratório Antropológicos de Coimbra desde 1926, pertenceu à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia desde 1926, ao Institut International d'Anthropologie também desde 1926, ao Núcleo Português do Instituto Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas desde 1930, à Berliner Gesellschaft für Anthropologie und Ethnologie desde 1938, ao Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la Sintesi in Antropologia, Eugenica e Biologia desde 1943, ao Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland desde 1946, e à Société d'Anthropologie de Paris também desde 1946 (*GEPB XXX*: 607-609); Alberto Carlos G. da Silva Correia, possuidor do curso de Especialização Antropológica da École d'Anthropologie de Paris, pertenceu ao Institut International d'Anthropologie de Paris desde 1922 e ao International Council of the Anthropological and Ethnological Sciences de Londres desde 1934 (*GEPB XXVIII*: 856-857); Luís de Pina, desde 1929 chefe dos Serviços da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto, foi sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Institut International d'Anthropologie de Paris e da Société d'Anthropologie de Paris (*QA*: 519. Vd. também *GEPB XXI*: 680-682); A. A. Mendes Correia, um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia em 1918, além dos já referidos cargos directivos

Uma análise mais detalhada dos dados apresentados revela-nos que, no que concerne à associação deste grupo de comunicadores a agremiações científicas internacionais entre os anos trinta e cinquenta, as corporações de Antropologia e Etnologia são exclusivamente europeias, as de Ciências Médicas, Naturais e Biológicas são oriundas quer da Europa, quer da América e as de Ciências Farmacêuticas são apenas americanas³. Portanto, como se havia constatado na análise efectuada na I

exercidos em diversos organismos dedicados aos estudos Antropológicos e Etnológicos, foi ainda membro da Sociedade Espanhola de Antropologia, Etnologia e Pré-História, da Associação para o Estudo das Ciências Antropológicas de Paris e das Sociedades de Antropologia de Barcelona, Paris, Roma, Florença e Viena, sendo destas cinco últimas sociedades antropológicas sócio em 1947 (*GEPB XVI*: 881-883. Vd. também *QA*: 460. Vd. também ponto 5.4 do nosso trabalho).

¹ Marck Athias, médico, catedrático de Fisiologia e fundador das Sociedades Portuguesas de Ciências Naturais e de Biologia, pertenceu desde 1930 à União Internacional das Ciências Biológicas (*GEPB III*: 649-650. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09); A. L. Machado Guimarães, catedrático de Zoologia, foi sócio da Sociedade Portuguesa de Biologia, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e da Sociedade de Ciências Naturais e Matemáticas de Cherbourg (França), sendo que a estas duas últimas organizações sabemos que pertencia em 1947 (*GEPB XV*: 774. Vd. também *QA*: 432); Antero F. de Seabra, naturalista do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra desde 1922, além de presidente da Sociedade de Ciências Biológicas, foi membro da Sociedade Zoológica de Londres (*GEPB XXVII*: 913-914); A. P. Celestino da Costa, médico dos Hospitais Cíveis de Lisboa em 1906, professor de Histologia e Fisiologia em 1910 e sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, pertenceu ainda, desde o seu início, em 1920, à Sociedade Portuguesa de Biologia, ao Instituto Internacional de Biologia e à Sociedade Anatómica Portuguesa desde 1933, à Sociedade Anatómica Argentina desde 1935 e à Société de Biologie de Paris desde 1936, além de ter sido membro da Association for the Study of Internal Secretions, correspondente da Academia Real de Medicina da Bélgica, desde 1939, e membro de honra da Société d'Endocrinologie, também a partir de 1939 (*GEPB VI*: 411-412); A. Pires de Lima, médico e director do Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, além de presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais desde 1948, foi ainda membro da Associação Internacional de Medicina, do Instituto Brasileiro de História da Medicina e sócio honorário da Sociedade Broteriana, o que sabemos ser uma realidade no ano de 1950 (*GEPB XXI*: 952-953); Luís de Pina teve diversos campos de estudo e assim, além da já referida pertença a associações de Antropologia, a sua ligação à Medicina, nomeadamente enquanto historiógrafo da mesma, levou-o a ser membro da Académie Internationale de Médecine Légale et Sociale (Roma), da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, da Sociedade Anatómica Portuguesa, da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, do Instituto de História da Medicina do Rio de Janeiro (membro honorário) e da Sociedade de Psiquiatria e Medicina Legal de la Plata, na Argentina (sócio honorário) (*GEPB XXI*: 680-682); L. A. Duarte Santos, professor universitário, psiquiatra, biotipologista e médico-legista, foi membro da Sociedade Anatómica Portuguesa, da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, da Société de Biotypologie e da Sociedad Argentina de Sexologia, Biotipologia y Eugenia (*GEPB XXVII*: 371. Vd. também Andrade, 1967: 1819-1820); A. A. Mendes Correia, tal como Luís de Pina, investigou sobre diversas temáticas e a sua ligação à Medicina explica a associação à Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e à Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, tendo sido ainda sócio honorário da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e da Liga Brasileira de Higiene Mental (*GEPB XVI*: 881-883).

² José R. Bandeira, doutorado em Farmácia pela Faculdade de Farmácia do Porto em 1945, foi sócio da Academia Nacional de Farmácia do Brasil, da Associação dos Farmacêuticos Brasileiros, do Instituto de Coimbra e da Sociedade Farmacêutica Lusitana, sendo que das três primeiras agremiações sabemos ser sócio no ano de 1947 (*GEPB XXIV*: 356-357. Vd. também *QA*: 96-97).

³ Pelas informações contidas nas três últimas notas de pé de página verificamos que estamos perante agremiações de Antropologia e Etnologia da Espanha, França, Alemanha, Áustria, Itália e Reino Unido; de organizações de Ciências Médicas, Naturais e Biológicas da França, Bélgica, Inglaterra, Itália, Brasil, Argentina e Estados Unidos da América (referimo-nos à Association for the Study of Internal Secretions. Vd. <http://www.endo-society.org/about/history.cfm>, por nós consultado em 12/11/09); e de organizações de Ciências Farmacêuticas brasileiras.

Secção, nas primeiras décadas de vigência do regime salazarista havia muitas ligações a corporações científicas internacionais, as quais, embora ocorrendo maioritariamente com a Europa (ocidental), não deixavam de se registar com o restante mundo ocidental – Estados Unidos da América e América latina.

Apesar desta realidade, também entre este grupo de comunicadores foi a Academia das Ciências de Lisboa que contou com o número mais elevado de associados¹.

5.7 Publicações em Periódicos

Os cientistas associados a agremiações de Antropologia e Etnologia recorrem aos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*, *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, *Revue Anthropologique*, *L'Anthropologie*, *Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la Sintesi in Antropologia, Eugenica e Biologia*, *Scientia* e ainda recorrem aos periódicos das faculdades de ciências em que leccionam².

¹ Referimo-nos a J. G. Bettencourt Ferreira, membro correspondente desde 1899 (Fróis, 2003: 550-551); A. A. Mendes Correia, membro desde 1918 (QA: 460. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 12/11/09); A. P. Celestino da Costa, sócio efectivo desde 1929 (GEPB VI: 411-412); Antero F. de Seabra, sócio efectivo em 1934 (GEPB XXVII: 913-914); Alberto Carlos G. da Silva Correia, sócio correspondente desde 1935 (GEPB XXVIII: 856-857).

² J. G. Bettencourt Ferreira publicou, por exemplo, em 1941, “Le culte du feu à la Península Ibérique”, nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, “Índice crânio-mandibular”, no *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*, e “Contribuição para o estudo das representações da serpo no culto ofiolátrico”, nos anais da sua Faculdade de Ciências (Porto), em 1939 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também GEPB IV: 620); E. Tamagnini tem muitos trabalhos de investigação científica editados entre 1926 e 1947 nas *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, periódico este que, pertencendo ao Instituto de Antropologia de Coimbra (Museu e Laboratório Antropológicos), aparece pela primeira vez em 1914, sendo que as publicações deste autor nestas páginas começam precisamente no ano em que assume as funções de director do Museu e Laboratório Antropológicos de Coimbra – 1926. Este autor publica também um trabalho no *Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la Sintesi in Antropologia, Eugenica e Biologia*, o que acontece em 1949, portanto, seis anos depois de se ter tornado sócio da organização científica italiana a que este periódico pertence – o Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la Sintesi in Antropologia, Eugenica e Biologia. E. Tamagnini edita ainda, por exemplo, “Les groupes sanguins (systeme A B O) et la pigmentation (couleur des yeux et des cheveux)”, em 1948, na *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, a faculdade em que então era docente (GEPB XXX: 607-609. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09. Vd. também <http://www.uc.pt/en/cia/people/pdfs/ContAntropPtSumarios>, por nós consultado em 14/11/09); Alberto Carlos G. da Silva Correia editou trabalhos na *Revue Anthropologique*, publicação do Institut International d'Anthropologie de Paris, organização da qual o autor foi sócio desde 1922 (GEPB XXVIII: 856-857. Vd. também http://openlibrary.org/b/OL20464736M/Revue_anthropologique, por nós consultado em 15/11/09); Luís de Pina tem diversos estudos publicados na década de trinta no periódico que fundou em 1931 – *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e*

Os comunicadores formados em Medicina publicam na *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia*, *Lisboa Médica*, *Jornal do Médico*, *O Médico*, *Acção Médica*, *Journal of Anatomy*, *Archives de Médecine des Enfants* e *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*¹.

Identificação Civil do Porto. Referimo-nos, entre outros, aos trabalhos “A orelha dos criminosos portugueses: índice auricular” e “Delinquência, alienação mental e morfologia craniana”. Além disso, este cientista publica ainda nos anos trinta e quarenta outras investigações de Antropologia nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Fora de Portugal edita em 1932, no periódico *L'Anthropologie*, o estudo intitulado “L'indice céphalique et la stature chez les portugais” e em 1940, no periódico *Scientia*, de Milão, o trabalho “Le Folklore Médical Africain” (*GEPB XXI*: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); tendo sido um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, A. A. Mendes Correia é mais um destes comunicadores a recorrer ao periódico dessa sociedade, o que acontece sobretudo nos anos vinte. Além disso, estamos perante um outro cientista nacional a publicar investigações na *Revue Anthropologique*, em 1928, e em *L'Anthropologie*, em 1926, tal como fizeram os já referidos Alberto Carlos G. da Silva Correia e Luís de Pina, respectivamente. Finalmente, é de destacar o facto de também este comunicador recorrer aos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, por outras palavras, de publicar no periódico da faculdade em que exerce magistério, e do qual vem a ser director, situação esta que se regista com trabalhos editados entre 1928 e 1951, como sejam “Antigos escravos africanos em Portugal e no Brasil” e “Investigação científica no Ultramar” (*GEPB XVI*: 881-883. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

¹ Atenda-se aos seguintes casos: Marck Athias editou muitos artigos, alguns em colaboração, desde os finais da monarquia aos anos quarenta, abordando questões Neurologia, Oncologia e Endocrinologia, o que se verificou, sobretudo, em *A Medicina Contemporânea*, mas também na *Revista Portuguesa de Medicina e Cirurgia*, *Imprensa Médica* e *Lisboa Médica* (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09); entre a 1.ª República e o início dos anos cinquenta, A. P. Celestino da Costa publicou trabalhos de Histologia e didácticos, o que se verificou nos periódicos *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Lisboa Médica*, *Jornal do Médico* e *O Médico*. Em termos internacionais este cientista publicou o estudo “Paraganglia and carotid body”, em 1935, no *Journal of Anatomy*, periódico da Sociedade Anatómica da Grã-Bretanha e Irlanda (Morato, 1967: 133-134. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09. Vd. também <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>, por nós consultado em 13/09/09. Vd. também <http://www.wiley.com/bw/journal.asp?ref=0021-8782>, por nós consultado em 16/11/09 – este site disponibiliza on-line o artigo “Paraganglia and carotid body”); A. Pires de Lima, com trabalhos nos periódicos *O Médico*, *Jornal do Médico* e *A Medicina Contemporânea*, na sua maioria nos anos quarenta e cinquenta, abordou questões de nutrição. Fora de Portugal publicou em 1928, no periódico *Archives de Médecine des Enfants* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Luís de Pina publicou trabalhos de Psicologia, Psiquiatria, Deontologia profissional e, fundamentalmente, História da Medicina na *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Jornal do Médico*, *Acção Médica* e, sobretudo, em *O Médico*, o que aconteceu na maioria das vezes entre os anos quarenta e sessenta. Antes, em 1930, 1931 e 1932, teve vários trabalhos seus editados nos *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*, publicação da Société Anatomique de Paris (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também <http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 18/11/09); J. A. Martins d'Alte tem, por exemplo, um artigo de 1943 no periódico *Imprensa Médica*, intitulado “Amputação congénita de alguns dedos das mãos observados numa mulher” (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); L. A. Duarte Santos, além de ter um trabalho na *Acção Médica*, em 1944, publicou muitos estudos no *Jornal do Médico*, nos anos quarenta, e em *O Médico*, sobretudo nas décadas de cinquenta e sessenta, trabalhos esses que se debruçaram maioritariamente sobre Medicina Legal (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); A. A. Mendes Correia também tem artigos editados nos periódicos *Jornal do Médico* e *O Médico*, o que se verifica nas décadas de quarenta e cinquenta, abordando assuntos como o Ensino da Medicina em Portugal (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

A alguns dos médicos enunciados, concretamente a Marck Athias, A. P. Celestino da Costa e J. A. Martins d'Alte, junta-se José A. Serra, os quais, enquanto cientistas com investigações ou mesmo formação, como acontece nos dois últimos casos, na área na Biologia, publicam nas *Actualidades Biológicas*, *Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas*, *Revista Portuguesa de Zoologia e Biologia Geral*, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, *Comptes Rendus de la Société de Biologie de Paris*, *Revista de la Sociedad Argentina de Biología*, *Genetica*, *Naturwiss*, *Nature*, *Stain Technology*, *Canadian Journal of Genetics and Cytology* e *Revue Roumaine de Biologie*¹.

Exceptuando o facto de não possuímos informação comprovativa da sua colaboração em periódicos internacionais, verificamos que o caso de José R. Bandeira, o único cientista licenciado e doutorado em Farmácia, se assume como um prolongamento da lógica que tem vindo a ser enunciada. Isto é, também este comunicador publica no periódico da instituição de ensino superior em que lecciona e nas publicações das organizações de que é membro ordinário ou onde exerce cargos científicos. Referimo-nos ao *Boletim da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra*, *O Instituto* e à revista *Notícias Farmacêuticas*².

¹ Marck Athias publica no *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles* de 1908 a 1915 e, mais tarde, nas décadas de trinta e quarenta, nas *Actualidades Biológicas* trabalhos sobre Fisiologia Reprodutiva e Sistema Neuro-hormonal. No que concerne a estudos editados internacionalmente encontramos-os em grande número nas páginas do periódico *Comptes Rendus de la Société de Biologie de Paris*, desde 1895 até 1938, os quais versam essencialmente sobre Fisiologia Animal. Além disso, este cientista ainda faz publicar o artigo “Les Ergots du Dindon”, em 1934, na *Revista de la Sociedad Argentina de Biología* (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09); A. P. Celestino da Costa tem um trabalho de 1947 sobre o professor Marck Athias editado nos *Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas*, sendo esta uma publicação da Sociedade Portuguesa de Biologia, da qual este comunicador é sócio desde o seu início, em 1920 (<http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>, por nós consultado em 13/09/09. Vd. também <http://catalogolx.cm-lisboa.pt>, por nós consultado em 14/11/09. Vd. também *GEPB* VI: 411-412); J. A. Martins d'Alte, como Marck Athias, publica no *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, no seu caso em 1945 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); José A. Serra tem muitos estudos publicados na *Revista Portuguesa de Zoologia e Biologia Geral* entre 1957 e 1963 (período de existência da publicação), sendo este um periódico da Faculdade de Ciências de Lisboa, na qual este cientista lecciona desde 1953. Incidindo esses estudos sobre Genética e Hereditariedade, é ainda de referir que muitos deles foram realizados em colaboração, nomeadamente com Maria Madalena Pinto Seixas, Maria Manuela J. Vicente e P. G. C. Picciochi. Em termos internacionais, e no que respeita aos anos da II Grande Guerra e do pós-guerra, este cientista presenteia-nos com colaborações em *Genetica* (Haia), em 1943, *Naturwiss* (Berlim), em 1944, *Nature* (Londres), entre 1945 e 1959, *Stain Technology* (Baltimore), em 1946 e 1947, *Canadian Journal of Genetics and Cytology*, em 1966 e 1967, e na *Revue Roumaine de Biologie*, revista de Bucareste onde este cientista português publica um artigo de Genética em 1970 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB* XXVIII: 483-484. Vd. também <http://www.triplov.com/biblos/serraj.htm>, por nós consultado em 16/11/09).

² Sendo em 1938 nomeado professor efectivo da Escola de Farmácia (Universidade de Coimbra), editou muitos estudos a partir de então no boletim dessa instituição, os quais se debruçavam sobre temas como esterilização, problemas da farmácia em Portugal e regulamentação dos laboratórios de análises clínicas,

Concluindo, estes cientistas participam desde o período da Monarquia até aos fins do Estado Novo nas redes de comunicação transnacionais proporcionadas pelos periódicos. Casos há em que vários cientistas portugueses escrevem nas páginas das mesmas publicações periódicas internacionais. Noutras situações deparamo-nos apenas com um comunicador nacional a publicar investigações da sua área de especialização num determinado periódico estrangeiro, fazendo-o durante períodos mais ou menos longos de tempo. No caso da colaboração de E. Tamagnini no *Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la Sintesi in Antropologia, Eugenica e Biologia*, os dados apenas nos indicam um trabalho publicado, em 1949. Contudo, referenciámo-lo, na medida em que, ao ocorrer depois de o comunicador se associar ao organismo científico a que o boletim pertence, acrescenta uma nova informação a uma questão que ficou em aberto na análise da I Secção¹. Já com Marck Athias verificamos que a colaboração no periódico francês *Comptes Rendus de la Société de Biologie de Paris*, que vem desde a Monarquia, não é findada pelo advento do Estado Novo, pelo menos até 1938.

Esta intervenção pública em estados de direito democrático nos anos trinta e quarenta já não nos surpreende, mas é José A. Serra quem volta a elevar a fasquia, na medida em que, se na II Grande Guerra publica na Alemanha nazi, durante a Guerra-Fria não apenas colabora em diversas revistas internacionais do bloco ocidental, como inclusivamente o faz no bloco de leste².

5.8 Editoras

As editoras das instituições de ensino superior em que estes comunicadores leccionam assumem novamente lugar de destaque enquanto meio divulgador de trabalhos científicos. Essa é a imagem que apreendemos da realidade pela análise

entre outros. Sendo sócio do Instituto de Coimbra, embora não saibamos a partir de que ano, verificamos que em 1943 publica um trabalho no seu periódico – *O Instituto*. Finalmente, tendo sido de 1934 a 1941 editor da revista *Notícias Farmacêuticas*, temos informação de ter publicado nos anos de 1934 e seguintes muitos trabalhos nesse periódico, os quais abordavam assuntos como o ensino de farmácia no estrangeiro, preparação de vacinas e o poder germicida de determinadas substâncias químicas (*GEPB XXIV*: 356-357. Vd. também *QA*: 96-97. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

¹ Como é óbvio, este exemplo não invalida que haja quem inicie a sua colaboração num determinado periódico internacional ainda antes de se tornar sócio da organização científica a que essa publicação pertença.

² Não esqueçamos que a publicação do seu artigo de Genética na *Revue Roumaine de Biologie*, ao ter lugar em 1970, ocorre numa Roménia já liderada pelo ditador comunista Ceausescu (Oliveira, 1987: 562-564. Para uma caracterização do regime de Ceausescu vd. *GEPB Atualização de História Universal...* VI: 290-294).

efectuada às publicações de instituições inicialmente destacadas, como sejam a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa¹, as Faculdades de Medicina de Coimbra e Porto², e a Faculdade de Ciências do Porto³.

Igualmente importante é o papel desempenhado por algumas das editoras das agremiações científicas a que estes cientistas pertencem, quer seja como simples membros ordinários, quer seja como investigadores ou mesmo como directores. Referimo-nos, concretamente, às editoras da Academia das Ciências de Lisboa⁴, do Instituto de Zoologia da Universidade do Porto⁵, do Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio⁶, do Instituto de Criminologia do Porto⁷, do Centro de Estudos Humanísticos do Porto⁸, do Instituto de Medicina Legal de Coimbra⁹ e do Instituto de Investigação Científica de Antropologia da Universidade do Porto¹⁰.

¹ Sendo docentes desde o início do século XX nesta escola, a qual, em 1911, dá lugar à Faculdade de Medicina de Lisboa, é na editora desta nova instituição que Marck Athias (*GEPB* III: 649-650. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>, por nós consultado em 12/09/09) e A. P. Celestino da Costa editam trabalhos, aquele, por exemplo, em 1912 e 1934, e este em 1911 e 1925 (*GEPB* VI: 411-412. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09. Para a referência à criação da Faculdade de Medicina de Lisboa vd. Serrão, 1993: 317-320).

² Um dos docentes da Faculdade de Medicina de Coimbra, Alberto C. Pessoa, publica obras na editora dessa instituição entre 1913 e 1931, nomeadamente abordando assuntos de Psicologia Judiciária (*GEPB* XXI: 481-482. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09). Já Luís de Pina, um dos professores da Faculdade de Medicina do Porto, publica na editora da sua faculdade, por exemplo, em 1965 (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

³ Entre os docentes da Faculdade de Ciências do Porto contamos A. A. Mendes Correia, catedrático desde 1921, o qual publica na editora da sua faculdade, por exemplo, o estudo *L'art et la morphologie humaine*, em 1934 (*GEPB* XVI: 881-883. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

⁴ Entre os sócios desta academia atenda-se aos casos de J. G. Bettencourt Ferreira, membro correspondente desde 1899, que publica na editora da academia, por exemplo, em 1935 (Fróis, 2003: 550-551. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09) e de A. A. Mendes Correia, membro desde 1918, o qual recorre à editora desta academia, por exemplo, em 1933, com o estudo *Introdução à antropobiologia* (<http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 12/11/09. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

⁵ A. L. Machado Guimarães, desde 1935 director do Instituto de Zoologia da Universidade do Porto, publica pela editora desse organismo, em 1937, a obra *Formações esqueléticas dos vertebrados* (*GEPB* XV: 774. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁶ A. Pires de Lima, tendo sido director deste instituto, embora não saibamos quando isso ocorreu, publicou na sua editora diversos estudos, nomeadamente em 1945, 1948 e 1951 (*GEPB* XXI: 952-953. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

⁷ Luís de Pina, enquanto director desta organização, o que acontece desde 1937, publica na sua editora, nos anos sessenta, investigações sobre temas como seja a delinquência juvenil (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁸ Luís de Pina dirigiu este centro de estudos criado em 1947 e aí publicou, por exemplo, em 1955, 1959 e 1960 (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁹ L. A. Duarte Santos dirigiu este instituto e na sua editora publicou, em 1965, o trabalho *L'Institut de Médecine Légale de Coimbra et les accidents de la route au Portugal* (Andrade, 1967: 1819-1820. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

¹⁰ É enquanto director deste instituto, o que é uma realidade desde 1923, que A. A. Mendes Correia edita na sua editora os seguintes estudos: *Contribuição para a antropologia da idade do ferro em Portugal*, em

No respeitante a editoras estrangeiras que durante a Ditadura Militar e o Estado Novo tenham publicado investigações destes cientistas contabilizamos as francesas Librairie Union, que em 1932 publica o estudo de Luís de Pina *Le développement de la tête chez les portugais en rapport avec la taille et l'âge*¹ e Librairie E. Nourry, que em 1933 publica o trabalho *Étude sur la morphologie des crânes égyptiens*, também da autoria de Luís de Pina, além de diversas obras de A. A. Mendes Correia, nomeadamente em 1928, 1931 e 1933, as quais abordam, entre outros, estudos antropológicos da Guiné portuguesa². A estas casas editoriais juntam-se a londrina Academic Press, que entre 1965 e 1968 editou em três volumes a obra de José A. Serra *Modern genetics*³ e a germânica Springer Verlag, que publicou em 1955 a obra *Handbuch der Pflanzenphysiologie*, na qual José A. Serra colaborou com três capítulos⁴.

5.9 Consagração Intelectual

Aos mencionados cargos directivos exercidos em organizações científicas nacionais e internacionais⁵ junta-se o reconhecimento académico proporcionado pela atribuição de prémios, condecorações e doutoramentos *honoris causa*.

Entre os comunicadores agraciados dentro e fora de Portugal contam-se E. Tamagnini, Grã-Cruz da Ordem de Cristo em 1936, e Comendador da Ordem da Coroa da Bélgica e da Ordem da Cruz Vermelha Alemã⁶, A. P. Celestino da Costa, condecorado com a medalha de ouro dos Hospitais Civis de Lisboa, e com a Ordem da Cruz Vermelha Alemã e Águia Branca Alemã, sendo ainda doutor *honoris causa* pelas Faculdades de Medicina de Bordéus e Tolosa⁷, Alberto Carlos G. da Silva Correia, Comendador das Ordens de Cristo, em 1934, de Santiago da Espada, em 1936, e do

1931; *Da raça e do espírito*, em 1940; *A escola antropológica portuense*, em 1941 (GEPB XVI: 881-883. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

¹ Editora de Estrasburgo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

² Editora de Paris. (Para a referência a Luís de Pina vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Para a referência a A. A. Mendes Correia vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 04/09/09).

³ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09.

⁴ Editora de Berlim (<http://www.triplov.com/biblos/serraj.htm>, por nós consultado em 18/11/09).

⁵ Entre a diversidade de cargos enunciados recordaremos apenas que somos confrontados com directores de institutos, faculdades e sociedades científicas nacionais, além de presidentes e presidentes de secção de sociedades científicas internacionais, cargos esses que foram exercidos, em termos internacionais, nomeadamente no Estado Novo (vd. ponto 5.4 do nosso trabalho).

⁶ Vd. GEPB XXX: 607-609. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

⁷ Vd. GEPB VI: 411-412.

Infante D. Henrique, em 1962, além de Comendador da Ordem Pontifícia de S. Gregório Magno¹, e Luís de Pina, que recebeu os seguintes prémios: em 1937 obteve o prémio “António Ennes”, do Secretariado de Propaganda Nacional, pelo seu livro *Em Verdade Vos Digo...* O seu trabalho de 1938, *Contribuições dos Portugueses Quinhentistas para a História da Medicina do Oriente*, recebeu o prémio “Maximiano Lemos”, da Faculdade de Medicina do Porto. Em 1945, o seu trabalho *Biotipograma no Estudo da Proporcionalidade Corpórea dos Portugueses* teve o prémio “Alvarenga”, da Academia das Ciências de Lisboa. Luís de Pina é ainda Grande-Oficial da Ordem Militar de Cristo, em 1947, Comendador de número da Ordem do Mérito Civil de Espanha e possui a medalha de prata da Legião Portuguesa².

Finalmente, foram agraciados Alberto C. Pessoa, Oficial da Ordem de Instrução Pública de França³ e A. A. Mendes Correia, o qual é Grande-Oficial da Ordem de Cristo em 1937, Grã-Cruz da Ordem de Instrução Pública em 1941, Grande-Oficial da Ordem de Santiago da Espada em 1957, Grande-Oficial de Cristo e do Cruzeiro do Sul, do Brasil, Comendador da Coroa da Itália, da Coroa da Bélgica e de Afonso X, o Sábio, de Espanha, Oficial da Legião de Honra e da Instrução Pública de França, e Cavaleiro de Afonso XII, de Espanha. A. A. Mendes Correia possui ainda a medalha de prata da Cruz Vermelha e a medalha de ouro da Sociedade Dante Alighieri, além de ser doutor *honoris causa* pelas Universidades de Lyon e Montpellier⁴.

Na ausência de dados que nos localizem cronologicamente as consagrações académicas internacionais e, conseqüentemente, que nos permitam aferir a natureza dos regimes políticos envolvidos, destacamos Luís de Pina, pelo número de prémios nacionais auferidos e seu significado. Atenda-se tão-somente ao prémio “António Ennes”, que recebeu em 1937 pelo seu livro *Em Verdade Vos Digo...* Consistindo num prémio literário do Secretariado de Propaganda Nacional, isso significa, segundo Luís Reis Torgal, que lhe foi atribuído por estarmos perante uma obra e um escritor que se integravam no regime, ou seja, que estavam “...de acordo com a consciência

¹ Vd. *GEPB* XXVIII: 856-857. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

² Vd. *GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

³ Vd. *GEPB* XXI: 481-482.

⁴ Vd. *GEPB* XVI: 881-883. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

corporativista da conciliação de classes, com o nacionalismo, com o imperialismo colonial, com a divisa ‘Deus, Pátria, Família’...”¹.

¹ Vd. Torgal, 1999: 408.

Capítulo 6

Oradores da II Secção (2.^a Parte) do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Médicas

6.1 Formação Académica – Instituições

Neste grupo estão reunidos dezasseis comunicadores licenciados nos mais diversos períodos políticos – Monarquia, 1.^a República, Ditadura Militar e Estado Novo¹. É entre os cientistas formados durante a Monarquia e a 1.^a República que encontramos o maior número de intervenções, sendo que se neste último período não há uma instituição de ensino superior que se destaque, já durante a Monarquia encontramos três comunicadores diplomados pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa – Henrique J. de Vilhena, A. Silva Carvalho e Manuel R. F. Gião².

Como se tem vindo a verificar nos casos até ao momento analisados, há diversos cientistas a prolongar a sua formação académica em instituições fora das fronteiras nacionais. Além do já mencionado Luís de Pina³, encontram-se nesta situação José L. Dias, que sendo formado em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1923, frequentou os hospitais Hotel Dieu e Charité, em Paris, no ano de 1925, especializando-

¹ Indalêncio Froilano de Melo (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09), Henrique Jardim de Vilhena (*GEPB* XXXVI: 113-115), Augusto da Silva Carvalho (Pina, 1966: 1254-1255), Pedro Capparoni (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 12/09/09) e Manuel Rosado Fernandes Gião (*QA*: 354) licenciaram-se durante a Monarquia. De notar que relativamente aos três últimos cientistas referidos não dispomos de dados precisos sobre a sua formação, inserindo-os nós neste período político motivados pela sua data de nascimento – A. Silva Carvalho nasceu em 1861 (Pina, 1966: 1254-1255), Pedro Capparoni nasceu em 1868 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 12/09/09) e Manuel R. F. Gião nasceu no ano de 1878 (*QA*: 354). Vítor Hugo Moreira Fontes (Costa, 1969: 1207-1208), José Lopes Dias (*GEPB* XV: 448), Hernâni Bastos Monteiro (*GEPB* XVII: 723-724), Fernando da Silva Correia (Abreu, 2003: 392-397), Américo Pires de Lima (Ramos do Ó, 2003: 747-748) e Joaquim Barradas da Silva Fiadeiro ([Nóvoa], 2003: 564) diplomaram-se durante a 1.^a República. Este último comunicador é mais um para o qual não dispomos da data precisa da sua formação, no entanto, sabemos ter nascido em 1901 e ter iniciado funções docentes em 1926, daí considerarmos ter-se diplomado, muito provavelmente, nos finais da 1.^a República ([Nóvoa], 2003: 564). Entre os cientistas formados durante a Ditadura Militar contam-se Luís José de Pina Guimarães (*GEPB* XXI: 680-682) e Aloísio José de Carvalho Fernandes Costa (*GEPB* XI: 114). De Henrique de Oliveira sabemos ter nascido em 1910, por isso, consideramos que terá concluído a sua licenciatura já durante o Estado Novo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09). Relativamente a Luís Figueira e Augusto de Esaguy não temos dados que nos permitam afiançar com um mínimo de certeza qual o período político em que se diplomaram.

² Para a referência a Henrique J. de Vilhena vd. *GEPB* XXXVI: 113-115; para A. Silva Carvalho vd. *GEPB* XXVIII: 852-853; para Manuel R. F. Gião vd. *QA*: 354.

³ Como foi referido no ponto 5.1 do nosso trabalho, este comunicador, em 1930, partiu para o estrangeiro, onde estudou durante cinco meses – em França (Tolosa e Paris) dedicou-se à Antropologia e Anatomia Comparativa, e em Varsóvia estudou Antropologia das Partes Moles e Anatomia Comparativa. Em 1931 estudou ainda, em Bolonha e Roma, Antropologia Física e Biométrica (*GEPB* XXI: 680-682).

se em Radiologia, realizando ainda viagens de estudo a Espanha em 1923 e 1928, e à Itália em 1931¹, Augusto de Esaguy, sobre o qual embora não saibamos quando frequentou as Faculdades de Medicina de Lisboa e de Paris, temos conhecimento de em 1943 ter realizado um estágio em hospitais de Nova Iorque² e Luís Figueira, que cursou Medicina Sanitária e Malariologia no Instituto de Medicina Tropical, de Hamburgo, e na Scuola Superiore di Malariologia, de Roma³.

Portanto, a frequência de instituições internacionais ocorre, nomeadamente, aquando de especializações, estágios e viagens de estudo. Novamente essa realidade tem lugar em diversos períodos políticos, sendo que se no respeitante à Ditadura Militar as instituições de destino são exclusivamente europeias, no Estado Novo encontramos ligações aos Estados Unidos da América.

6.2 Bolsas de Estudo

Ao já mencionado caso de Luís de Pina⁴ juntam-se as bolsas do Instituto para a Alta Cultura atribuídas a Vítor H. M. Fontes⁵, José L. Dias, bolseiro com vista à apresentação de um relatório sobre Saúde Pública e Segurança na Inglaterra, França e Espanha⁶, e F. Silva Correia, que sendo bolseiro deste instituto desde 1939, é nessa qualidade que publica a obra *Origens e Formação das Misericórdias Portuguesas*⁷. Todos estes cientistas, independentemente de terem sido subsidiados de modo diverso, eram formados em Medicina pelas Universidades de Lisboa, Coimbra ou Porto⁸.

Embora nos deparemos novamente com esta presença da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura na promoção da actividade científica portuguesa, mais uma vez outras bolsas foram conferidas. Referimo-nos ao Fundo Sá Pinto, da

¹ Vd. *GEPB* XV: 448. Vd. também Abreu, 2003: 484-486.

² Vd. *GEPB* IX: 981. Vd. também *QA*: 289.

³ Vd. *GEPB* XI: 286-287.

⁴ Recordemos que se a publicação da sua tese de doutoramento já havia sido subsidiada pela Junta de Educação Nacional, a frequência em França, Polónia e Itália dos Serviços de Anatomia Comparativa e Antropologia, em 1930-31, também ocorreu enquanto bolseiro desse organismo. Além disso, até 1937 foi ainda bolseiro no país, estudando Anatomia e Antropologia Física e Criminal, sendo que nesse ano de 1937, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, trabalhou em Lisboa, no Arquivo Histórico Colonial (*GEPB* XXI: 680-682).

⁵ Vd. *GEPB* XI: 597-598.

⁶ Vd. Abreu, 2003: 484-486.

⁷ Vd. *QA*: 230. Vd. também Abreu, 2003: 392-397.

⁸ Luís de Pina licenciou-se pela Faculdade de Medicina do Porto, em 1927 (*GEPB* XXI: 680-682); Vítor H. M. Fontes diplomou-se em 1916 na Faculdade de Medicina de Lisboa (Costa, 1969: 1207-1208); José L. Dias diplomou-se em 1923 pela Universidade de Coimbra (*GEPB* XV: 448); finalmente, F. Silva Correia também concluiu o curso de Medicina na Universidade de Coimbra, no seu caso em 1917 (Abreu, 2003: 392-397).

Universidade de Coimbra¹, que subsidiou três estudos de Aloísio Fernandes Costa, em 1945, 1952 e 1958², e à Sociedade das Nações, que patrocinou Luís Figueira na área da higiene³.

6.3 Cargos de Docência

Dos dezasseis comunicadores presentes neste grupo temos informação de que doze exerceram cargos de docência no ensino superior português. O destaque vai para a Faculdade de Medicina de Lisboa, onde quatro destes cientistas leccionaram, e para a Faculdade de Medicina do Porto, que contou com o magistério de três outros⁴.

¹ Alexandre de Sá Pinto foi um benemérito da Universidade de Coimbra. Após a sua morte, ocorrida em Buenos Aires a 2 de Abril de 1926, o legado que deixou à instituição referida veio a constituir o Fundo Sá Pinto, por decisão do Senado tomada em 16 de Junho de 1930. Sobre esse fundo decidiu o mesmo Senado dever ser aplicado, prioritariamente, na aquisição de material indispensável para a realização de trabalhos de investigação e em outras despesas que comportasse a sua execução, inclusivamente as de publicação, trabalhos esses que os professores catedráticos, auxiliares, agregados e assistentes ou pessoal dos Institutos Universitários se tivessem proposto levar a efeito (http://books.google.pt/books?id=sVWOddR5Zr4C&pg=PA255&lpg=PA255&dq=Fundo+S%C3%A1+Pinto+Universidade+Coimbra&source=bl&ots=RK5m6BwKWu&sig=5M4xdKjoiRNZCHE1SvXlvGdd26Q&hl=pt-PT&ei=udhdS7KaHc2TjAeY7pikAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CBcQ6AEwBA#v=onepage&q=Fundo%20S%C3%A1%20Pinto%20Universidade%20Coimbra&f=false, por nós consultado em 25/01/10).

² Esses trabalhos são: *Subsídios para o estudo das plantas aromáticas portuguesas: essência de Lavandula Viridis L'Hérit*, editado em 1945; *Subsídios para o estudo das plantas aromáticas portuguesas: essência de Mentha Pulegium L.*, editado pelo Laboratório de Farmacognosia da Escola de Farmácia de Coimbra, em 1952; *Subsídios para o estudo das plantas aromáticas portuguesas: características microscópicas e químicas dos frutos do Juncho*, editado em 1958 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

³ Vd. *GEPB* XI: 286-287. Para uma análise sucinta focando os objectivos que nortearam a criação da Sociedade das Nações, alguns dos meios a que se recorreu para os procurar alcançar e as razões do seu rotundo fracasso vd. Briggs, 1997: 245-247.

⁴ Relativamente aos professores da Faculdade de Medicina de Lisboa contabilizamos Henrique J. de Vilhena, nomeado professor ordinário dessa faculdade em 1911 (*GEPB* XXXVI: 113-115), A. Silva Carvalho, professor de História da Medicina (http://acpc.bn.pt/espelhos_autores/e13_carvalho_augusto_silva.html, por nós consultado em 09/09/09), Vítor H. M. Fontes, catedrático entre 1951 e 1963 (Costa, 1969: 1207-1208), e Luís Figueira, nomeado assistente da faculdade em causa ainda no decorrer da sua licenciatura (*GEPB* XI: 286-287). Quem exerceu professorado na Faculdade de Medicina do Porto foi I. Froilano de Melo (*QA*: 456), Hernâni B. Monteiro, desde 1924 catedrático de Anatomia Topográfica (*GEPB* XVII: 723-724), e Luís de Pina, desde 1944 catedrático de História da Medicina e Deontologia Profissional (*GEPB* XXI: 680-682). Os restantes comunicadores que também foram docentes do ensino superior português foram F. Silva Correia, professor do Instituto de Higiene Dr. Ricardo Jorge (1934-36) e do Instituto de Serviço Social de Lisboa desde 1935 (*QA*: 230), Manuel R. F. Gião, professor da Escola Militar (*QA*: 354), A. Pires de Lima, professor ordinário da Faculdade de Farmácia (1920) e da Faculdade de Ciências (1921) do Porto (*QA*: 526), Joaquim B. S. Fiadeiro, catedrático da Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa em 1935 ([Nóvoa], 2003: 564), e Aloísio Fernandes Costa, que sendo nomeado assistente da Faculdade de Farmácia de Coimbra em 1930, ascendeu a agregado em 1933 e a professor extraordinário em 1943 (*GEPB* XI: 114).

No que respeita à docência durante o Estado Novo, os casos de Joaquim B. S. Fiadeiro e de Hernâni B. Monteiro são particularmente interessantes. O primeiro pelo facto de exercer essas funções não apenas em Lisboa, mas também em África, concretamente em Luanda, Nova Lisboa e Lourenço Marques¹. O segundo porque, em 1944, se tornou professor honorário de uma faculdade fora do espaço português – a Faculdade de Medicina de Santiago de Compostela².

6.4 Cargos Científicos e Políticos

Exceptuando Pedro Capparoni e Henrique de Oliveira, para os quais não dispomos de informação, todos os outros cientistas desempenham cargos directivos em instituições científicas nacionais, nomeadamente em institutos³, faculdades e outras instituições de ensino – onde se destaca Henrique J. de Vilhena, enquanto reitor da Universidade de Coimbra entre Junho de 1925 e Maio de 1926⁴, sociedades científicas⁵, publicações periódicas¹, centros de estudo² e museus³.

¹ Efectivamente, além do já mencionado professorado na Escola Superior de Medicina Veterinária de Lisboa, este intelectual foi ainda docente convidado em Luanda, Nova Lisboa e Lourenço Marques entre 1963 e 1973 ([Nóvoa], 2003: 564).

² Vd. http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1b.html, por nós consultado em 11/09/09.

³ I. Froilano de Melo dirigiu o Instituto Bacteriológico entre 1914 e 1945 (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); Henrique J. de Vilhena foi director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa (*QA*: 644-645); Vítor H. M. Fontes também foi director do Instituto de Anatomia de Lisboa, além de em 1935 ter sido nomeado para director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira (Gomes, 2003: 581-590); Hernâni B. Monteiro dirigiu desde 1947 o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1b.html, por nós consultado em 11/09/09); F. Silva Correia dirigiu entre 1946 e 1961 o Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge (*ELBC* 6: 7-8); A. Pires de Lima foi director do Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio (*GEPB XXI*: 952-953); em 1937 Luís de Pina foi nomeado director do Instituto de Criminologia do Porto (*GEPB XXI*: 680-682).

⁴ A. Pires de Lima foi director da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto entre 1935 e 1945 (*GEPB XXI*: 952-953); Luís de Pina dirigiu a Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 1961 e 1966 (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09); I. Froilano de Melo foi director da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa (*GEPB XVI*: 806); para a referência a Henrique J. de Vilhena vd. *GEPB XXXVI*: 113-115.

⁵ Henrique J. de Vilhena presidiu à Sociedade Anatómica Portuguesa, fundada em 1933 (*GEPB XXXVI*: 113-115), assim como Vítor H. M. Fontes (Gomes, 2003: 581-590); A. Silva Carvalho foi presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, o que sabemos ser uma realidade pelo menos desde 1928 (*GEPB XXVIII*: 852-853); Hernâni B. Monteiro foi um outro presidente da Sociedade Anatómica Portuguesa, no seu caso entre 1941 e 1945, além de também ter presidido à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*GEPB XVII*: 723-724. Vd. também Portela-Gomes, 1972: 1278-1279); em 1948 A. Pires de Lima foi eleito presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (*GEPB XXI*: 952-953); Joaquim B. S. Fiadeiro presidiu à Sociedade Portuguesa de Medicina Veterinária, partindo nós

Em termos de relações mantidas, durante o salazarismo, com instituições científicas internacionais, deparamo-nos com novos casos exemplificativos de uma realidade já descrita. Isto é, por um lado, entre este grupo de cientistas verificamos haver mais presidentes e vice-presidentes de agremiações científicas internacionais. Referimo-nos a Hernâni B. Monteiro, eleito presidente da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana em 1946⁴ e a Vítor H. M. Fontes, desde 1948 vice-presidente da International Association to Child Psychiatry e desde 1963 presidente de honra da União Europeia de Pedopsiquiatras⁵.

Por outro lado, reafirmamos a ideia de que a própria detenção de cargos directivos em organizações científicas nacionais se poderia assumir como um meio promovedor de contactos directos com instituições estrangeiras. A título exemplificativo atendamos às palavras de Rui Gomes, quando defende que Vítor H. M. Fontes, após ser nomeado director do Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, em 1935, “...desdobra-se em contactos e visitas a países europeus de modo a conhecer o que se faz nos países com maior tradição médico-pedagógica: em 1936 visita a Espanha, França, Alemanha, Suíça e Itália; em 1937 regressa a França”⁶.

Embora esta não seja mais uma situação patrocinada pelo Estado salazarista, à imagem de outras já anteriormente enunciadas, a realidade é que a argumentação de Rui Gomes reafirma ainda a nossa tese de que, durante o Estado Novo, há contactos científicos com o exterior cuja ocorrência depende da suposta qualidade das instituições em causa. Daqui resulta que à excepção de regimes comunistas, para com os quais não temos qualquer informação de relações deste género, a natureza do regime político dos países de destino não parece ser um obstáculo. Só assim se compreende que Vítor H. M. Fontes, em 1936, a fim de adquirir conhecimentos que possa usar a nível interno, se

do princípio que esse cargo já foi exercido no Estado Novo, dado que este médico veterinário nasceu em 1901 (QA: 320).

¹ A. Silva Carvalho foi director da revista *Medicina Contemporânea* (GEPB XXVIII: 852-853); Vítor H. M. Fontes dirigiu desde a sua fundação, em 1942, a revista *A Criança Portuguesa* (Gomes, 2003: 581-590. Vd. também Costa, 1969: 1207-1208); F. Silva Correia foi director do *Boletim de Assistência Social* entre 1943 e 1946 (QA: 230); Luís de Pina dirigiu o jornal *Porto Académico* (GEPB XXI: 680-682).

² Hernâni B. Monteiro, entre 1940 e 1961, foi director do Centro de Estudos de Medicina Experimental da Faculdade de Medicina do Porto (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1b.html, por nós consultado em 11/09/09); A. Pires de Lima era no ano de 1947 presidente do Centro de Estudos de Ciências Naturais do Porto (QA: 526); Luís de Pina foi presidente do Centro de Estudos Humanísticos do Porto, o qual foi criado em 1947 (GEPB XXI: 680-682).

³ Luís de Pina foi desde 1944 director do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos (QA: 519).

⁴ Vd. GEPB XVII: 723-724.

⁵ Vd. Gomes, 2003: 581-590.

⁶ Vd. Gomes, 2003: 583.

desloque legalmente a países política e ideologicamente tão distintos quanto sejam a Alemanha nazi e a França democrática¹.

A acção desta comunidade científica é ainda marcada pela fundação de periódicos², instituições de ensino³, laboratórios⁴, clínicas⁵, centros de estudo⁶, museus⁷ e sociedades científicas, tendo mesmo três delas um cariz internacional – a Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, fundada em 1930 por Henrique J. de Vilhena em colaboração com o professor Rodriguez Cadarso, de Santiago de Compostela, a Sociedade para o Estudo das Formas Humanas de Paris, de que Henrique J. de Vilhena também foi sócio fundador⁸ e o Grupo Português de História das Ciências, que estando integrado na Académie Internationale d’Histoire des Sciences teve Luís de Pina como um dos seus fundadores⁹.

Por fim, refira-se que entre estes comunicadores, para as duas primeiras décadas de vigência do Estado Novo, encontramos deputados nacionais e presidentes de câmaras municipais. Referimo-nos a I. Froilano de Melo, Luís Figueira e Luís de Pina¹⁰. No que respeita a Luís Figueira é ainda de destacar ter sido comissário nacional adjunto da Mocidade Portuguesa entre 1936 e 1939, partindo nós do princípio que foi enquanto

¹ Para uma caracterização genérica da realidade destes países na época em causa vd. Dreyfus, 1996: 385-392, 405-418.

² I. Froilano de Melo foi um dos fundadores do *Boletim Geral de Medicina* (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); Henrique J. de Vilhena lançou, em 1912, a revista *Arquivo de Anatomia e Antropologia* (Oliveira, 1976: 1218-1219); Vítor H. M. Fontes fundou a revista *A Criança Portuguesa*, que iniciou a sua publicação em 1942 (*GEPB* XI: 597-598); em 1961 José L. Dias participou na fundação da *Revista de Estudos de Castelo Branco* (Abreu, 2003: 484-486); Luís de Pina criou, em 1931, o *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto* (*GEPB* XXI: 680-682).

³ José L. Dias fundou a Escola de Enfermagem de Castelo Branco em 1948 (Abreu, 2003: 484-486. Vd. também http://www.esald.ipcb.pt/esc_historia.html, por nós consultado em 27/11/09).

⁴ Hernâni B. Monteiro, em 1928, criou os laboratórios de Cirurgia Experimental e de Radiologia do Porto (Portela-Gomes, 1972: 1278-1279).

⁵ Vítor H. M. Fontes fundou a Clínica Psicológica Infantil em 1949 (Gomes, 2003: 581-590).

⁶ Luís de Pina colaborou em 1947 na fundação do Centro de Estudos Humanísticos do Porto (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também Silva, 1973: 100).

⁷ Em 1933 Luís de Pina fundou o Museu de História da Medicina Maximiano Lemos da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09).

⁸ Vd. *GEPB* XXXVI: 113-115.

⁹ Vd. *GEPB* XXI: 680-682. Vd. também Nunes, 2008: 221-222. Outra sociedade científica criada por membros do grupo agora analisado foi a Sociedade Anatómica Portuguesa, fundada em 1933 por Henrique J. de Vilhena e por A. P. Celestino da Costa (*GEPB* XXXVI: 113-115).

¹⁰ I. Froilano de Melo foi entre 1938 e 1945 presidente da Câmara da cidade de Pangim (Índia), além de ter sido eleito deputado nacional pelo círculo da Índia em 1945 (*GEPB* XVI: 806. Vd. também <http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); Luís Figueira foi deputado à Assembleia Nacional entre 1938 e 1942 (*GEPB* XI: 286-287); relativamente a Luís de Pina já sabemos ter sido deputado nacional nas legislaturas de 1938/42 e 1942/45, além de ter presidido à Câmara Municipal do Porto desde 1945 a 1949 (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também *QA*: 519).

titular desse cargo que manteve contacto com as realidades da Alemanha hitleriana e da Itália de Mussolini, o que ocorreu no âmbito da comissão de estudo da organização médica da Reichsjugend e da Opera Balilla a que pertenceu¹.

6.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais

Dos dezasseis comunicadores em análise apenas não dispomos de informação para Pedro Capparoni. Os restantes quinze participaram em outros congressos nacionais além daquele por nós analisado e entre esses encontramos onze cientistas que frequentaram congressos internacionais².

Novamente verificamos que muitos destes últimos congressos tiveram lugar no período do Estado Novo – embora também os haja desde a 1.^a República – dentro e fora

¹ Vd. *GEPB* XI: 286-287. Para mais informações sobre a relação entre as organizações de enquadramento do Estado Novo e aquelas criadas pelo nacional-socialismo alemão e pelo fascismo italiano vd. Pimentel, 2006/2007: 19-43.

² Referimo-nos aos seguintes comunicadores: I. Froilano de Melo, que entre outros participou nos Indian Science Congresses, em Lahore, em 1917, e em Bangalore, em 1932, nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências reunidos no Porto, em 1921, e em Coimbra, em 1925, nos Congressos de Medicina Tropical reunidos em Luanda, no ano de 1923, e no Cairo, em 1928, no IX Congresso Internacional de História da Medicina de Bucareste, em 1932, no XII Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa, em 1935, e no XI Congresso Internacional de Dermatologia de Budapeste, também em 1935, sendo que em todos estes congressos I. Froilano de Melo proferiu comunicações (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); A. Silva Carvalho, que entre outros participou nos Congressos Internacionais de História da Medicina em Leyde (Holanda), em 1927, em Roma, em 1930-31, e em Madrid, em 1935, tendo em todos eles apresentado comunicações (*GEPB* XXVIII: 852-853); Vítor H. M. Fontes, o qual tomou parte no I Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil, em Paris, em 1937, nos Congressos de Protecção à Infância ocorridos em Lisboa, em 1930, e em Paris, em 1937, na XI Sessão da Associação Internacional de Protecção à Infância, em Bruxelas, em 1935, onde sabemos ter pronunciado uma comunicação, e no XII Congresso Internacional de Zoologia de Lisboa, em 1935, onde também proferiu uma conferência (*GEPB* XI: 597-598); José L. Dias, de quem sabemos ter participado sobretudo nos Congressos Internacionais de História da Medicina e de Protecção à Infância (*GEPB* XV: 448); Hernâni B. Monteiro, que frequentou o Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências do Porto, em 1921, o Congresso da Associação dos Anatomistas, em Basileia, em 1938, e esteve ainda presente nos “Dias Médicos de Bruxelas”, em 1938 e 1939 (*GEPB* XVII: 723-724); F. Silva Correia, o qual participou, por exemplo, na XI Sessão da Associação Internacional de Protecção à Infância, em Bruxelas, em 1935, onde proferiu a comunicação “La Protection de l’Enfance à la Campagne au Point de Vue Médico-Pédagogique”, e ainda no Congresso Luso-Brasileiro de Hidrologia e no Congresso Brasileiro de História da Medicina, ambos ocorridos em 1950 (Abreu, 2003: 392-397); A. Pires de Lima, de quem apenas temos indicação de ter participado em diversos congressos científicos internacionais (*GEPB* XXI: 952-953); Joaquim B. S. Fiadeiro, sobre o qual também somente dispomos da indicação de ter tomado parte em vários congressos internacionais (*QA*: 320); Luís de Pina, que participou, por exemplo, no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Portugal, em 1930, e ainda nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, no Porto, em 1942, e em Coimbra, em 1956, tendo em todos eles apresentado comunicações (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Henrique de Oliveira, que apresentou várias comunicações nas Jornadas Internacionais de Ginecologia, realizadas em Coimbra, em 1973 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); finalmente, referimo-nos ainda a Luís Figueira, o qual tomou parte no Congresso Internacional de Medicina Desportiva, em Berlim, em 1936, e no Congresso Internacional de Ginástica, em Estocolmo, em 1939 (*GEPB* XI: 286-287).

das fronteiras nacionais, registando-se em qualquer dos casos a apresentação de comunicações por parte de diversos destes cientistas. Esta capacidade manifestada por esses comunicadores para intervir na cena internacional pauta-se ainda, por vezes, como já anteriormente verificámos¹, pela presidência de algumas destas celebrações científicas. Estamo-nos a referir concretamente a Hernâni B. Monteiro, presidente das Primeiras Jornadas Médicas Galaico-Portuguesas, realizadas em Ourense, em 1935², e a Vítor H. M. Fontes, o qual organizou e presidiu ao IV Congresso Internacional de Psiquiatria Infantil, ocorrido em Lisboa, no ano de 1958³.

6.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais

Além dos mencionados cargos directivos exercidos em diversas agremiações científicas⁴, estes comunicadores foram ainda, na sua maioria, sócios ordinários de muitas outras organizações científicas nacionais e internacionais. Estando nós perante um grupo de cientistas que integra um painel de Medicina, naturalmente que as agremiações de Ciências Médicas, Naturais e Biológicas imperam, contudo verificamos que alguns destes médicos também têm estudos de Antropologia, daí ingressarem simultaneamente em organizações desta natureza⁵.

¹ Vd. ponto 5.5 do nosso trabalho.

² Vd. *GEPB* XVII: 723-724.

³ Vd. Costa, 1969: 1207-1208.

⁴ Vd. ponto 6.4 do nosso trabalho.

⁵ Atenda-se aos seguintes casos: I. Froilano de Melo era no ano de 1947 membro da Sociedade de Patologia Exótica de Paris e da Academia Indiana de Ciências, além de também ter pertencido, por exemplo, à Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, à Sociedade de Biologia de Paris e à Sociedade de Etnologia e Antropologia do Porto (QA: 456. Vd. também <http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); Henrique J. de Vilhena, tendo falecido em 1958, era na década de cinquenta sócio honorário do Instituto de Coimbra, sócio honorário da Sociedade Argentina de Anatomia Normal e Patológica, e membro da Academia de Letras e Ciências de São Paulo, da Sociedade Anatómica de Paris, da Associação Francesa dos Anatomistas, da Sociedade de Biologia de Barcelona, da Sociedade Internacional de História das Ciências (Bélgica e Estados Unidos da América), da Sociedade de Antropologia de Paris, do Instituto Internacional de Antropologia de Paris e ainda pertencia à Academia das Ciências de Lisboa, da qual era sócio efectivo desde 1934 (Oliveira, 1976: 1218-1219. Vd. também *GEPB* XXXVI: 113-115); Vítor H. M. Fontes era em 1944 membro da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, da Associação Francesa dos Anatomistas, do Bureau International de Protection à l'Enfance e do Instituto Internacional de Antropologia. Além disso, foi ainda membro do Comité Permanente de l'Association Internationale de Psychotechnique, desde 1949, da Deutsche Gesellschaft für Neurologie und Psychiatrie, do Instituto Internazionale per gli Studi di Difesa Sociale, membro correspondente da Deutsche Vereinigung für Jugendpsychiatrie, sendo ainda em 1969 admitido como efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (*GEPB* XI: 597-598. Vd. também Gomes, 2003: 581-590); Hérnani B. Monteiro era nos anos cinquenta membro da Associação Francesa dos Anatomistas, da Sociedade Anatómica de Paris, da Academia Internacional de História das Ciências (secção do Porto), da Sociedade Internacional de Cirurgia, da Sociedade Portuguesa de Biologia, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica, da Sociedade de Antropologia de Paris, do Instituto Internacional de

Uma análise mais cuidada dos casos enunciados, aferindo o número de organizações científicas internacionais envolvidas, os países a que pertencem e o número de associados nacionais, reafirma-nos a tese de que esta comunidade científica presente no congresso está indubitavelmente ligada, nos anos quarenta e cinquenta, ao mundo ocidental – Europa ocidental, Estados Unidos da América e América Latina, novamente representada pelo Brasil e Argentina¹.

Apesar de tudo, volta a ser uma organização científica nacional quem contabiliza mais associados portugueses, neste caso o Instituto de Coimbra².

6.7 Publicações em Periódicos

Integrando estes comunicadores a mesma secção dos cientistas presentes no painel das Ciências Naturais e Biológicas, não surpreende que os periódicos em que publicam sejam em grande número exactamente os mesmos. Referimo-nos concretamente ao *Jornal do Médico*, *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Lisboa Médica*, *Acção Médica*, *O Médico*, *O Instituto*, *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*, *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, *Notícias Farmacêuticas* e *Boletim da Escola de*

Antropologia e da American Anthropological Association, além de ser sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, do Instituto de Coimbra e do Colégio Anatómico Brasileiro (*GEPB* XVII: 723-724); Luís de Pina era na década de cinquenta membro da Académie Internationale de Médecine Légale et Sociale (Roma), da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, da Sociedade Anatómica Portuguesa, da Sociedade Anatómica Luso-Hispano-Americana, do Instituto de Coimbra, da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Instituto Internacional de Antropologia de Paris e da Sociedade de Antropologia de Paris, além de ser membro honorário do Instituto de História da Medicina do Rio de Janeiro e da Sociedade de Psiquiatria e Medicina Legal de la Plata, na Argentina (*GEPB* XXI: 680-682); F. Silva Correia era em 1947 sócio da Sociedade de Ciências Médicas, do Instituto de Coimbra e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia. Além disso, este médico foi ainda eleito membro da International Society of Medical Hydrology (*QA*: 230. Vd. também Abreu, 2003: 392-397); Luís Figueira era em 1947 membro da Sociedade de Ciências Médicas, da Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos, da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e da Società Internazionale di Microbiologia (*QA*: 320-321); Augusto de Esaguy era no ano de 1947 sócio do Instituto de Coimbra e da Sociedade de História da Medicina Hebraica de Paris (*QA*: 289); José L. Dias foi sócio do Instituto de Coimbra, da Sociedade de Endocrinologia, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Internacional de História da Medicina, associações estas que partimos do princípio terem ocorrido no salazarismo, na medida em que este médico nasceu em 1900 (Abreu, 2003: 484-486).

¹ Atenda-se tão-somente ao facto de estarmos perante um universo de três dezenas de agremiações científicas internacionais, as quais, por vezes, como acontece com a Associação Francesa dos Anatomistas e o Instituto Internacional de Antropologia de Paris, contabilizam três ou quatro membros portugueses nos anos quarenta e cinquenta.

² Referimo-nos aos seis membros atrás enunciados.

Farmácia da Universidade de Coimbra, sendo estes dois últimos periódicos novamente usados por quem tem formação em Farmácia¹.

¹ Constatemos os seguintes casos: I. Froilano de Melo tem artigos publicados entre 1937 e 1946 no *Jornal do Médico* e em *A Medicina Contemporânea*, nomeadamente sobre Medicina Tropical e Saúde Pública. Além disso, possui estudos no *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles* editados ainda na 1.ª República, em 1920 e 1922 (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09). Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); Henrique J. de Vilhena publica vários trabalhos entre 1935 e 1939 em *A Medicina Contemporânea*, além de editar na *Imprensa Médica*, o que ocorre, por exemplo, em 1938 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); A. Silva Carvalho publicou numerosos artigos entre os anos trinta e cinquenta em *A Medicina Contemporânea*, *Lisboa Médica*, *O Instituto*, *Imprensa Médica* e *Acção Médica*, artigos esses que incidiram sobretudo sobre a História da Medicina em Portugal (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); Manuel R. F. Gião tem artigos editados no *Jornal do Médico*, *A Medicina Contemporânea* e *Imprensa Médica* entre 1935 e 1948, os quais abordam, usualmente, questões de Historiografia Médica e Cirúrgica Militar (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Vítor H. M. Fontes publica muitos trabalhos Médico-Pedagógicos e de Psiquiatria Infantil, entre 1936 e 1939, na *Imprensa Médica* e *Acção Médica*, e desde 1946 aos inícios dos anos setenta no *Jornal do Médico* e *O Médico*. Além disso, este é um outro médico a recorrer ao *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09). Vd. também Gomes, 2003: 581-590); José L. Dias recorre aos periódicos *Acção Médica*, entre 1938 e 1951, *Jornal do Médico*, em 1945, 1947 e 1966, *O Médico*, entre 1947 e 1965, e *Imprensa Médica*, desde 1939 até 1961, inserindo-se os trabalhos em causa, sobretudo, nos domínios da Medicina Social e Saúde Pública, e História da Medicina em Portugal (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09). Vd. também Abreu, 2003: 484-486); Hernâni B. Monteiro possui muitos artigos no *Jornal do Médico*, entre 1942 e 1954, *A Medicina Contemporânea*, em 1934, 1937, 1939 e 1942, *O Médico*, entre 1955 e 1962, e *Lisboa Médica*, em 1932, trabalhos estes que abordam questões de Anatomia, Cirurgia Experimental e História da Medicina. Anteriormente, em 1921, 1923 e 1924, este cientista havia ainda publicado no *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles* e em 1926, 1928 e 1930 teve trabalhos editados nos *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); F. Silva Correia publicou muitos estudos nos periódicos *Acção Médica*, *O Médico*, *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea* e *Jornal do Médico*, o que se registou nos anos trinta, quarenta, cinquenta e inícios dos sessenta, constatando-se que muitos desses estudos se debruçavam sobre História da Assistência e da Higiene (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); A. Pires de Lima edita no *Jornal do Médico*, *O Médico* e *A Medicina Contemporânea* trabalhos que abordam, por exemplo, questões de nutrição, o que ocorre sobretudo nas décadas de quarenta e cinquenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Luís de Pina publicou estudos de Psicologia, Psiquiatria, Deontologia profissional e, fundamentalmente, História da Medicina na *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Jornal do Médico*, *Acção Médica*, *O Instituto* e, sobretudo, em *O Médico*, o que aconteceu na maioria das vezes entre os anos quarenta e sessenta. Em termos internacionais, à imagem de Hernâni B. Monteiro, publicou vários trabalhos nos *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*, o que aconteceu em 1930, 1931 e 1932 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Henrique de Oliveira escreve, sobretudo na década de sessenta, no *Jornal do Médico* e *O Médico* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); Luís Figueira publicou em 1933 e 1944 em *A Medicina Contemporânea*, em 1936 na *Imprensa Médica*, e em 1943 no *Jornal do Médico*, abordando, por exemplo, questões de bacteriologia (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09). Vd. também <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>, por nós consultado em 13/09/09); Augusto de Esaguy fez publicar trabalhos em 1929, 1931 e 1932 em *A Medicina Contemporânea*, em 1955 no *Jornal do Médico*, e ao longo de toda a década de cinquenta e início dos anos sessenta (este médico faleceu em 1961) na *Imprensa Médica*, abordando diversos desses estudos questões de História da Medicina (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09); finalmente, Aloísio Fernandes Costa, o único comunicador deste grupo que tinha formação em Farmácia, publicou, maioritariamente nos anos quarenta e cinquenta, estudos químicos e farmacológicos nos periódicos *Notícias Farmacêuticas* e *Boletim da Escola de Farmácia da Universidade de Coimbra* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09). Vd. também GEPB XI: 114).

As revistas *Clínica, Higiene e Hidrologia, Bruxelles Médical, o Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa, o Arquivo de Anatomia e Antropologia* e o *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* são outros suportes usados por este grupo de cientistas, sendo que o recurso aos três últimos periódicos ocorre por parte daqueles que, de algum modo, têm ou vêm a estabelecer relações de natureza científica com os organismos que os editam¹.

A ideia prevaiente nas informações respeitantes às publicações periódicas estrangeiras indicadas é que nas décadas de vinte e trinta estes comunicadores intervinham no espaço público internacional. Esta é uma tese reafirmada por muitos outros dados ao nosso dispor. A título exemplificativo atendamos às publicações de

¹ I. Froilano de Melo publicou na *Clínica, Higiene e Hidrologia* em 1936 e 1937, tendo ainda em 1939 editado na revista *Bruxelles Médical* (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09); Henrique J. de Vilhena, fundador da revista *Arquivo de Anatomia e Antropologia*, editada pelo Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, do qual este cientista veio a ser director, publicou estudos nas suas páginas nomeadamente nos anos trinta e quarenta. Além disso, possui um outro trabalho na revista *Clínica, Higiene e Hidrologia*, em 1947 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também <https://www.ordemdosmedicos.pt/?lop=conteudo&op=e2ef524fbf3d9fe611d5a8e90fefdc9c&id=c7af0926b294e47e52e46cfebe173f20>, por nós consultado em 10/09/09. Vd. também *QA*: 644-645. Vd. também <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>, por nós consultado em 13/09/09); A. Silva Carvalho, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, publica no *Arquivo de Anatomia e Antropologia* em 1946, além de também ter artigos publicados entre 1927 e 1944 no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, portanto, no periódico da sociedade de que sabemos ser presidente pelo menos desde 1928 (<http://acpc.bn.pt/espelhos autores/e13 carvalho augusto silva.html>, por nós consultado em 09/09/09. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09. Vd. também *GEPB XXVIII*: 852-853); Manuel R. F. Gião, de quem sabemos ser sócio da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, embora apenas no decorrer do ano de 1947, publicou no jornal desta sociedade, por exemplo, em 1927 (*QA*: 354. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Vítor H. M. Fontes, assistente de Anatomia na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1927, publicou nessa década, nos anos trinta e nos anos sessenta no *Arquivo de Anatomia e Antropologia*. Também encontramos investigações suas, em 1941, na revista *Clínica, Higiene e Hidrologia* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também *GEPB XI*: 597-598. Vd. também Costa, 1969: 1207-1208); José L. Dias, sócio da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, publica no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa* em 1951, além de ter dois trabalhos anteriores, de 1938 e 1941, editados no periódico *Clínica, Higiene e Hidrologia* (Abreu, 2003: 484-486. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); Hernâni B. Monteiro, tal como I. Froilano de Melo, também publicou nos inícios do Estado Novo, concretamente em 1938, na revista belga *Bruxelles Médical*. Internacionalmente, este cientista contou ainda com um trabalho na década de vinte no *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, sociedade à qual sabemos que pertenceu pelo menos nos anos cinquenta (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB XVII*: 723-724); F. Silva Correia tem trabalhos de História da Assistência na *Clínica, Higiene e Hidrologia*, em 1938, 1943 e 1957, além de outros estudos publicados em 1948, 1956 e 1964 no *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*, tendo nós dados indicativos do facto de este comunicador ser sócio da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa pelo menos desde 1947 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09. Vd. também *QA*: 230); Luís de Pina, à imagem de Hernâni B. Monteiro, também teve uma investigação sua publicada pelo *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, o que no seu caso ocorreu em 1929. De referir ainda que, embora não saibamos a data em que se associou à Sociedade de Antropologia de Paris, também este cientista foi, pelo menos nos anos cinquenta, membro dessa organização (<http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 05/12/09. Vd. também *GEPB XXI*: 680-682).

Hernâni B. Monteiro, em 1921 e 1923, nos *Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*¹; de Vítor H. M. Fontes, em 1924, no parisiense *Monde Médicale*, e em 1934 e 1936 nas *Publicaciones de Clínica y Laboratorio*²; de A. Silva Carvalho, em 1927, no *Bulletin de la Société Française d'Histoire de la Médecine*³; de A. Pires de Lima, em 1928, no periódico parisiense *Archives de Médecine des Enfants*⁴; de Augusto de Esaguy, em 1931, na revista de Barcelona *Medicina, Cirurgia y Especialidades*⁵; e ainda de I. Froilano de Melo, ao longo dos anos vinte e trinta, no *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique de Paris*, em 1928, no periódico berlinense *Die Medizin Welt*, em 1928, 1930 e 1937, no *Giornale di Batteriologia e Immunologia*, em 1935, no *Medical Digest*, de Bombaim e, em 1937, no *Indian Journal of Venereal Diseases*, também de Bombaim⁶.

Concluindo, no período entre guerras, embora Portugal fosse conhecendo novos regimes políticos, a participação destes cientistas em periódicos internacionais manteve-se, permanência esta que, no respeitante aos primeiros anos do Estado Novo, deve ainda ser entendida no sentido de as colaborações em causa não terem sido necessariamente transferidas para periódicos de países política e ideologicamente mais conformes com a *verdade* salazarista. Se no anterior painel já tínhamos constatado esta realidade com a publicação de artigos de Marck Athias, desde 1895 até 1938, nos *Comptes Rendus de la Société de Biologie de Paris*, neste grupo destaca-se I. Froilano de Melo, cuja participação no *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique de Paris*, iniciada em 1921, não conhece interrupções nem com a implementação da Ditadura Militar, nem com o advento do Estado Novo, pelo menos até 1939.

Uma última nota de referência, respeitante à tese de Rui Gomes sobre a importância da revista *A Criança Portuguesa*, afigura-se-nos fundamental no presente momento, pois complementa-nos, pela perspectiva inversa da que temos vindo a mostrar, a defesa da nossa tese. Concretizando, embora nos conduza na percepção de um país periférico, no que à área Médico-Psicopedagógica diz respeito, Rui Gomes

¹ Referimo-nos aos trabalhos “Evolução do aparelho hioideu” e “Importância das anomalias anatómicas em cirurgia”, respectivamente (Portela-Gomes, 1972: 1278-1279).

² Vd. *GEPB* XI: 597-598.

³ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

⁴ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09.

⁵ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

⁶ Relativamente aos estudos editados por este intelectual no *Bulletin de la Société de Pathologie Exotique de Paris*, é de referir que ocorreram em 1921, 1922, 1924, 1926, 1927, 1928, 1929, 1931, 1932, 1935, 1937, 1938 e 1939 (<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>, por nós consultado em 11/09/09).

reafirma-nos o não isolamento nacional no salazarismo, neste caso durante e no pós-guerra, sendo que essa tese é defendida pela capacidade que a revista fundada por Vítor Fontes, no Portugal salazarista, manifesta em atrair a comunidade científica internacional.

As palavras de Rui Gomes são por de mais evidentes do que pretendemos mostrar, por isso, escusando-nos de mais comentários, com elas damos por concluído o presente subcapítulo – “O início da publicação da revista [1942] coincide com a generalização da guerra. Em alguns períodos *A Criança Portuguesa* é o único periódico do género em publicação na Europa, o que explica, parcialmente, o predomínio de estudos estrangeiros: dos 389 artigos publicados, 60% são de autores estrangeiros. Publica cinco volumes temáticos dedicados à medicina pedagógica de outros tantos países: Bélgica, França, Alemanha, Suíça e Holanda. Durante duas décadas revela-se como um dos únicos instrumentos de investigação que rompe com o isolamento dos pedagogos portugueses. As referências em outras publicações estrangeiras tornam-se frequentes. A atestar a rede internacional em que a revista se inclui, mantém permuta com 213 revistas de Espanha, Grã-Bretanha, Suíça, Bélgica, Alemanha, Itália, Finlândia, Dinamarca, Roménia, Brasil, Peru, Argentina, Uruguai, Colômbia, Porto Rico, EUA, África, Filipinas e Japão. As secções de notícias de congressos e de recensão crítica de livros e revistas são material único e imprescindível para quem em Portugal se queria manter informado dos trabalhos da comunidade médico-psicopedagógica internacional”¹.

6.8 Editoras

À imagem do que foi apresentado nos painéis anteriores, também neste grupo de cientistas encontramos diversos casos em que as editoras das instituições de ensino superior onde é exercido magistério, como a Faculdade de Medicina de Lisboa e a Faculdade de Medicina do Porto, assumem papel de destaque na publicação de estudos científicos².

¹ Vd. Gomes, 2003: 588.

² Alguns exemplos da realidade mencionada são os de Henrique J. de Vilhena, que tendo sido em 1911 nomeado professor ordinário da Faculdade de Medicina de Lisboa, aí publicou, por exemplo, em 1930 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também *GEPB XXXVI*: 113-115) e de Luís de Pina, que sendo professor catedrático da Faculdade de Medicina do Porto desde 1944 publica na editora dessa faculdade, por exemplo, em 1965 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também *GEPB XXI*: 680-682).

Outras editoras igualmente importantes são as pertencentes aos vários organismos científicos de que estes comunicadores são directores ou simples membros ordinários. Neste painel destacam-se as editoras da Academia das Ciências de Lisboa¹, do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge², do Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio³ e do Centro de Estudos Humanísticos do Porto⁴.

Relativamente a editoras estrangeiras que tenham publicado obras destes intelectuais encontramos, para os períodos da Ditadura Militar e do Estado Novo, a italiana Stab. V. Lischi e Figli, que em 1931 editou *Les Léproseries Portugaises au Moyen Age*, de A. Silva Carvalho⁵, e as francesas Librairie Union, que em 1932 publicou o trabalho de Luís de Pina *Le Développement de la Tête chez les Portugais en Rapport avec la Taille et l'Âge*⁶, Librairie E. Nourry, que editou em 1931 um estudo de Hernâni B. Monteiro intitulado *L'Anthropologie des Nerfs Périphériques* e que em 1933 publicou *Étude sur la Morphologie des Crânes Égyptiens*, da autoria de Luís de Pina⁷, e ainda Les Presses Universitaires de France, que em 1940 editou a obra *Grandeur et Misère d'Israel*, de Augusto de Esaguy⁸. Finalmente, contabilizamos duas casas editoriais espanholas – Ars Medica, onde Augusto de Esaguy tem um trabalho seu publicado em 1930⁹ e El Eco Franciscano, que em 1934 edita um ensaio de Henrique J. de Vilhena¹⁰.

¹ Henrique J. de Vilhena era sócio efectivo desta academia desde 1934 e aí publicou, por exemplo, nesse mesmo ano (Oliveira, 1976: 1218-1219. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

² F. Silva Correia dirigiu entre 1946 e 1961 o Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge e na sua editora publicou, nomeadamente, em 1960 (*ELBC* 6: 7-8. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

³ A. Pires de Lima, tendo sido director deste instituto, embora não saibamos quando isso ocorreu, publicou na sua editora diversos estudos, nomeadamente em 1945, 1948 e 1951 (*GEPB* XXI: 952-953. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

⁴ Organismo científico criado em 1947, do qual Luís de Pina foi presidente e onde publicou, por exemplo, em 1955, 1959 e 1960 (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁵ Editora de Pisa (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁶ Editora de Estrasburgo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁷ Editora de Paris. (Para a referência a Hernâni B. Monteiro vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09; para Luís de Pina vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁸ Editora da Universidade de Paris (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁹ Editora de Barcelona (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

¹⁰ Editora de Santiago de Compostela (<http://catalogo.loc.gov/>, por nós consultado em 05/12/09).

6.9 Consagração Intelectual

O reconhecimento intelectual proporcionado pelo exercício de cargos directivos nas mais diversas organizações científicas, nacionais e internacionais¹, é novamente complementado pela atribuição de prémios, condecorações e doutoramentos *honoris causa*.

Enquanto cientistas agraciados a nível nacional, no Estado Novo, destacam-se I. Froilano de Melo, Comendador da Ordem de Santiago da Espada em 1938², Manuel R. F. Gião, Comendador da Ordem de Santiago da Espada desde 1936³, Vítor H. M. Fontes, Comendador da Ordem da Instrução Pública desde 1972⁴, Luís Figueira, Cavaleiro da Ordem de Santiago da Espada desde 1933 e Oficial da Ordem da Instrução Pública desde 1941⁵, e Luís de Pina, que recebeu os seguintes prémios: em 1937 obteve o prémio “António Ennes”, do Secretariado de Propaganda Nacional, pelo seu livro *Em Verdade Vos Digo...* O seu trabalho de 1938, *Contribuições dos Portugueses Quinhentistas para a História da Medicina do Oriente*, recebeu o prémio “Maximiano Lemos”, da Faculdade de Medicina do Porto. Em 1945, o seu trabalho *Biotipograma no Estudo da Proporcionalidade Corpórea dos Portugueses* teve o prémio “Alvarenga”, da Academia das Ciências de Lisboa. Luís de Pina é ainda Grande-Oficial da Ordem Militar de Cristo, em 1947 e possui a medalha de prata da Legião Portuguesa⁶.

Em termos internacionais voltamos a deparar-nos com consagrações promovidas por instituições oriundas de países com diferentes regimes políticos. Dois exemplos desta realidade são os de Hernâni B. Monteiro, doutor *honoris causa*, em 1944 e 1954, por duas universidades da Espanha franquista⁷ e Vítor H. M. Fontes, que em 1954 vê ser-lhe atribuída a medalha de ouro Pestalozzi, conferida pela Fundação Pestalozzi de

¹Relembraremos somente estarmos perante directores de institutos, faculdades, centros de estudo e sociedades científicas, algumas delas internacionais, cargos esses que foram exercidos desde a 1.ª República ao Estado Novo (vd. ponto 6.4 do nosso trabalho).

²Vd. QA: 456. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 09/12/09.

³Vd. QA: 354. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 09/12/09.

⁴Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 09/12/09.

⁵Vd. GEPB XI: 286-287. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 09/12/09.

⁶Vd. GEPB XXI: 680-682. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

⁷Referimo-nos aos doutoramentos *honoris causa* atribuídos a este intelectual português pelas universidades de Santiago de Compostela, em 1944, e de Salamanca, em 1954 (GEPB XVII: 723-724. Vd. também http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1b.html, por nós consultado em 11/09/09. Para uma caracterização genérica da realidade espanhola sob a ditadura de Franco vd. Dreyfus, 1996: 478-480).

Nova Iorque¹. Outros casos a destacar são protagonizados por Henrique J. de Vilhena, condecorado em Espanha com a Ordem de Afonso X, o Sábio², Luís de Pina, Comendador de número da Ordem do Mérito Civil de Espanha³, e Luís Figueira, condecorado com a 2.^a classe da Águia Alemã⁴.

¹ Vd. Gomes, 2003: 581-590. Para uma descrição da vida, pensamento e obra do grande pedagogo suíço João Henrique Pestalozzi vd. *GEPB XXI*: 489-493.

² Vd. *QA*: 644-645.

³ Vd. *GEPB XXI*: 680-682.

⁴ Vd. *GEPB XI*: 286-287.

Capítulo 7

Oradores da III Secção do VIII Congresso do Mundo Português – Ciências Sociais e Morais

7.1 Formação Académica – Instituições

Neste último painel intervieram dezasseis comunicadores licenciados na Monarquia, 1.^a República e Ditadura Militar¹. A instituição de ensino superior que se destacou na formação deste grupo foi a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que diplomou Eugénio de Castro², Oliveira Guimarães³, A. Amorim Girão⁴, Armando de Lacerda⁵, Álvaro J. da Costa Pimpão⁶ e Mariana Santos⁷, embora a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra também tenham tido alguma importância, com dois alunos cada⁸.

¹ Eugénio de Castro (*GEPB* VI: 235-237), João António de Matos Romão e José Joaquim de Oliveira Guimarães licenciaram-se na Monarquia. Relativamente aos dois últimos intelectuais mencionados não dispomos da data precisa da sua licenciatura, contudo sabemos que Matos Romão, tendo nascido em 1882, doutorou-se em 1912 (*GEPB* XVI: 610. Vd. também Miranda, 2003: 1218) e que Oliveira Guimarães, nascido em 1877, já era em 1910 director do Colégio Moderno de Coimbra (Castelo, 2003: 671-673). Entre os comunicadores licenciados durante a 1.^a República encontram-se D. Manuel Trindade Salgueiro, mais tarde, em 1955, eleito arcebispo de Évora (Guerreiro, 1974: 1135. Vd. também *GEPB* XXXII: 879-880), Manuel Paulo Mereia (*GEPB* XVI: 988), Luís Cabral de Moncada (Oliveira, 1972: 1182-1183), Aristides de Amorim Girão, João Carrington Simões da Costa e Francisco Lopes Vieira de Almeida. No que respeita a estes três últimos intelectuais não sabemos a data precisa de conclusão da sua licenciatura, no entanto, dispomos dos seguintes dados: A. Amorim Girão, tendo nascido em 1895, doutorou-se em 1922 (Castelo, 2003: 628-629); J. Carrington da Costa nasceu em 1891 e nos inícios da Ditadura Militar, em 1928, já era contratado como naturalista do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade do Porto (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p58.html>, por nós consultado em 11/09/09); Vieira de Almeida julgamos também ter concluído a licenciatura na 1.^a República uma vez que nasceu em 1888 e em 1915 ingressou como docente na Universidade de Lisboa (<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/vieiradealmeida.html>, por nós consultado em 12/09/09). Os cientistas diplomados durante a Ditadura Militar foram Luís de Pina (*GEPB* XXI: 680-682), Armando de Lacerda (*GEPB* XIV: 502) e Álvaro Júlio da Costa Pimpão (*GEPB* XXI: 674-675). Relativamente a Hernâni António Cidade, Joaquim Alves Correia, Mariana Amélia Machado Santos e Rodrigo de Sá Nogueira os dados disponíveis não nos permitem concluir com um mínimo de certeza qual o período político em que se formaram.

² Vd. *GEPB* VI: 235-237.

³ Vd. *GEPB* XIX: 404-405.

⁴ Vd. *GEPB* II: 410.

⁵ Vd. *QA*: 393-394.

⁶ Vd. *GEPB* XXI: 674-675.

⁷ Vd. <http://radix.culturalg.pt/visualizar.html?contexto=106&id=4453>, por nós consultado em 12/09/09.

⁸ Frequentaram a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Vieira de Almeida (<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/vieiradealmeida.html>, por nós consultado em 12/09/09) e Rodrigo de Sá Nogueira (*GEPB* XXVII: 127-128). No que respeita a comunicadores formados pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra contabilizamos Paulo Mereia (Moncada, 1972: 380-381) e L. Cabral de Moncada (Oliveira, 1972: 1182-1183).

Apesar desta importância das instituições de ensino superior nacionais na formação da comunidade científica analisada, novamente verificamos que diversos comunicadores prolongaram os seus estudos no estrangeiro – D. Manuel Trindade Salgueiro, além de ter estudado no Seminário de Coimbra, sendo ordenado presbítero em 1921, frequentou, de 1922 a 1925, a Universidade de Estrasburgo, onde se licenciou em Direito Canónico e se doutorou em Teologia¹, Armando de Lacerda, tendo-se licenciado em Filologia Germânica na Faculdade de Letras do Porto em 1930, especializou-se em Fonética Experimental no Laboratório da Universidade de Hamburgo, em 1930-31, e no Instituto de Fonética da Universidade de Bona, em 1931-33², e Rodrigo de Sá Nogueira, que tendo-se licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa e doutorado em Coimbra na mesma secção, estudou ainda os métodos da Fonética Experimental na Universidade de Paris e, a seguir, continuou estes estudos de Fonética Experimental no Centro de Estudos Históricos de Madrid³.

Matos Romão, por seu lado, além dos diversos cursos obtidos em instituições nacionais, onde se contam, por exemplo, os de Filosofia Natural e de Medicina na Universidade de Coimbra, o curso de Química Analítica na Escola Industrial de Brotero, em Coimbra, e o doutoramento em Filosofia, em 1912, na Faculdade de Letras de Lisboa, estagiou ainda no Laboratório de Psicologia Experimental do professor Henry Piéron, na Sorbonne, em Paris⁴. Finalmente, inclui-se neste grupo Luís de Pina, sobre o qual já sabemos que após concluir a licenciatura em 1927 na Faculdade de Medicina do Porto, partiu para o estrangeiro em 1930, onde estudou durante cinco meses – em França (Tolosa e Paris) dedicou-se à Antropologia e Anatomia Comparativa, e em Varsóvia estudou Antropologia das Partes Moles e Anatomia Comparativa. Em 1931 estudou ainda, em Bolonha e Roma, Antropologia Física e Biométrica⁵.

Em conclusão, a prossecução de estudos no estrangeiro ocorreu nomeadamente nos anos vinte e trinta, tendo-se registado exclusivamente em instituições de ensino europeias, onde cinco membros deste grupo se dirigiram a fim de obter licenciaturas, doutoramentos ou outras especializações.

¹ Vd. Guerreiro, 1974: 1135.

² Vd. *GEPB* XIV: 502. Vd. também *QA*: 393-394.

³ Vd. *GEPB* XXVII: 127-128.

⁴ Vd. *GEPB* XVI: 610. Vd. também Miranda, 2003: 1218.

⁵ Vd. *GEPB* XXI: 680-682.

7.2 Bolsas de Estudo

Se considerarmos que as especializações no estrangeiro de Rodrigo de Sá Nogueira, Armando de Lacerda e Luís de Pina ocorreram sob o enquadramento da Junta de Educação Nacional, isso não apenas nos permite balizar cronologicamente a formação académica em causa de Rodrigo de Sá Nogueira, como ainda nos volta a mostrar como aquele organismo estatal português, em diversos casos, atribuiu mais peso à credibilidade da instituição de destino do que à natureza do regime político do seu país de origem.

De facto, verifica-se que foi enquanto bolseiro da Junta de Educação Nacional que Rodrigo de Sá Nogueira estudou Fonética Experimental na Universidade de Paris e, de seguida, no Centro de Estudos Históricos de Madrid, o que significa que se este organismo português apenas em 1936 foi transformado em Instituto para a Alta Cultura, os estudos em Espanha do cientista em causa tiveram lugar antes de Francisco Franco ter tomado o poder¹. Também Armando de Lacerda foi enquanto bolseiro da Junta de Educação Nacional que se especializou em Fonética Experimental no Laboratório da Universidade de Hamburgo, em 1930-31, e no Instituto de Fonética da Universidade de Bona, em 1931-33, não nos devendo nós esquecer de que apenas em 30 de Janeiro deste último ano é que Hitler assumiu o cargo de chanceler da Alemanha. Armando de Lacerda contou ainda com o auxílio da Junta de Educação Nacional em 1935, aquando da instalação do primeiro Laboratório de Fonética Experimental na Faculdade de Letras de Coimbra².

Finalmente contabilizamos ainda Luís de Pina, acerca do qual já é do nosso conhecimento ter publicado a sua tese de doutoramento com o patrocínio da Junta de Educação Nacional, além da sua frequência dos Serviços de Anatomia Comparativa e Antropologia, em 1930-31, em França, Polónia e Itália, portanto, num regime democrático, numa Ditadura Militar e num regime fascista, respectivamente, também ter ocorrido enquanto bolseiro desse organismo. Por fim, até 1937 foi ainda bolseiro no país, estudando Anatomia e Antropologia Física e Criminal, sendo que nesse ano de

¹ Vd. *GEPB* XXVII: 127-128. Para uma análise sucinta da tomada do poder em Espanha por Franco vd. Dreyfus, 1996: 423-426.

² Vd. *GEPB* XIV: 502. Vd. também *QA*: 393-394. Para uma análise da tomada do poder por Hitler e uma caracterização da Alemanha nacional-socialista vd. Dreyfus, 1996: 405-418.

1937, subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura, trabalhou em Lisboa, no Arquivo Histórico Colonial¹.

Se aos casos enunciados juntarmos J. Carrington da Costa e os seus trabalhos de Paleontologia e Estratigrafia publicados como bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura², constatamos como a protecção da actividade científica portuguesa por parte da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura, no que concerne a este grupo, foi diversificada, abarcando desde o subsídio de obras científicas à instalação de instituições científicas nacionais, além da atribuição de bolsas de estudo em Portugal e no estrangeiro, em regimes fascistas, Ditaduras Militares e mesmo em estados de direito democrático.

7.3 Cargos de Docência

Dos dezasseis comunicadores desta secção temos informação de que todos exerceram professorado, na sua grande maioria no ensino superior português. O destaque vai para a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde seis destes intelectuais leccionaram³.

De referir que Armando de Lacerda, Álvaro J. da Costa Pimpão e Joaquim Alves Correia têm em comum o facto de terem sido docentes, no salazarismo, em

¹ Vd. *GEPB XXI*: 680-682. Para uma caracterização sucinta da realidade francesa e italiana no período entre guerras vd. Dreyfus, 1996: 385-392, 399-404. Para uma caracterização da Ditadura Militar polaca do marechal Pilsudski, entre 1926 e 1935, vd. Droz, 1988: 222.

² Vd. *GEPB VI*: 24-25.

³ Foram professores da Faculdade de Letras de Coimbra Eugénio de Castro, desde 1914 (*GEPB VI*: 235-237), Oliveira Guimarães (*GEPB XIX*: 404-405), D. Manuel Trindade Salgueiro, desde 1937 (*GEPB XXXII*: 879-880), A. Amorim Girão, catedrático de Geografia desde 1925 (Constância, 1969: 548-549. Vd. também *QA*: 69), Álvaro J. da Costa Pimpão, em 1939 nomeado professor auxiliar (*GEPB XXI*: 674-675) e Paulo Mereia, que aí regeu, a título de professor provisório, a cadeira de História de Portugal, em 1920-21. Este comunicador foi ainda catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra em 1915 e professor da Faculdade de Direito de Lisboa, para onde se transferiu a seu pedido em 1923, tendo contudo regressado a Coimbra pouco tempo depois, em 1931, aí ficando até à sua aposentação em 1949 (Moncada, 1972: 380-381). Outro professor da Faculdade de Direito de Coimbra foi L. Cabral de Moncada, catedrático desde 1924 (*QA*: 154). Os outros docentes em instituições de ensino portuguesas foram Matos Romão, desde 1912 professor da Faculdade de Letras de Lisboa (Miranda, 2003: 1218), Vieira de Almeida, que também foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa, no seu caso desde 1915 (*GEPB II*: 48), Rodrigo de Sá Nogueira, um outro docente da mesma Faculdade de Letras (*GEPB XXVII*: 127-128), Hernâni Cidade, em 1919 nomeado professor da Faculdade de Letras do Porto, donde transitou, em 1931, para a de Lisboa (*GEPB VI*: 751), Luís de Pina, desde 1944 professor catedrático da Faculdade de Medicina do Porto (*GEPB XXI*: 680-682), J. Carrington da Costa, a partir de 1936 docente da Faculdade de Ciências do Porto, tendo ascendido a catedrático em 1939 (Assunção, 1967: 145-146) e Mariana Santos, professora liceal (<http://radix.culturalg.pt/visualizar.html?contexto=106&id=4453>, por nós consultado em 12/09/09).

universidades estrangeiras. Esta realidade, aparentemente homogénea, revela-se, contudo, plena de contrastes.

Efectivamente, se Armando de Lacerda foi convidado pela Universidade de Bona para um curso de Introdução à Cromografia em 1933, portanto, partindo-se do princípio de que esse curso não decorreu somente em Janeiro desse ano, numa Alemanha já liderada por Adolf Hitler¹, já Álvaro J. da Costa Pimpão exerceu nos anos lectivos de 1937-38 e 1938-39 o cargo de leitor na Faculdade de Letras de Bordéus, além de ter sido professor visitante, entre 1954 e 1957, nas Universidades da Baía e de São Paulo². Joaquim Alves Correia, por seu lado, também foi docente numa universidade americana, no seu caso nos Estados Unidos da América. Referimo-nos à Universidade de Pittsburgh, onde este sacerdote católico leccionou Sociologia até à data da sua morte, em 1951. A realidade é que tal função foi exercida enquanto exilado político³, o que tornando-a particularmente importante, simultaneamente desvia-a do âmbito do nosso trabalho, pois parte de alguém já afastado pelo regime salazarista.

Finalmente, temos conhecimento de Rodrigo de Sá Nogueira e Hernâni Cidade também terem exercido magistério em universidades estrangeiras, todas elas espanholas, contudo não sabemos quando se registou essa realidade⁴.

7.4 Cargos Científicos e Políticos

No que concerne à direcção/presidência de organizações científicas nacionais encontramos directores/presidentes de faculdades e outras instituições de ensino⁵,

¹ Vd. Elia, 1971: 1282-1283. Para uma análise da tomada do poder por Hitler e uma caracterização da Alemanha nacional-socialista vd. Dreyfus, 1996: 405-418.

² Vd. *GEPB XXI*: 674-675. Vd. também Aguiar e Silva, 1973: 95-96.

³ Vd. Sanches, 1967: 10. Para mais informações sobre as motivações políticas conducentes ao exílio de Joaquim Alves Correia em 1946 vd. Rezola, 1996: 224.

⁴ Rodrigo de Sá Nogueira foi leitor de Português nas Faculdades de Filosofia e Letras das Universidades de Madrid e Salamanca (*GEPB XXVII*: 127-128). De Hernâni Cidade sabemos ter sido encarregado da regência de um curso de Literatura Portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela (*QA*: 213-214).

⁵ Eugénio de Castro dirigiu a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Mendes, 1966: 1449-1450); Matos Romão dirigiu desde 1947 a Faculdade de Letras de Lisboa (Miranda, 2003: 1218); Oliveira Guimarães foi director das Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa, reitor interino da Universidade de Coimbra em 1921 e director do Colégio Moderno, em Coimbra, entre 1910 e 1921 (Castelo, 2003: 671-673); L. Cabral de Moncada foi director da Faculdade de Direito de Coimbra entre 1955 e 1958, tendo ainda sido vice-reitor da Universidade de Coimbra desde 1931 até 1939 (Oliveira, 1972: 1182-1183. Vd. também *QA*: 154); A. Amorim Girão dirigiu a Faculdade de Letras de Coimbra entre 1943 e 1955 (Castelo, 2003: 628-629); Luís de Pina dirigiu a Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 1961 e 1966 (http://museumaximiano.lemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09); Álvaro J. da Costa Pimpão foi um outro director da Faculdade de Letras de Coimbra, no seu caso entre 1963 e 1970 (Aguiar e Silva, 1973: 95-96).

laboratórios¹, institutos², publicações periódicas³, centros de estudo⁴, sociedades científicas⁵ e museus⁶.

Luís de Pina, Armando de Lacerda e Rodrigo de Sá Nogueira são, à excepção do já largamente mencionado Luís de Pina, novos nomes elucidativos de uma imagem do Portugal salazarista pouco comum na nossa memória colectiva. Referimo-nos ao entendimento de um país que, por intermédio de diversos membros da sua elite científica, tinha contactos directos com o mundo ocidental, os quais resultavam quer da detenção de cargos científicos em organizações internacionais, quer das exigências impostas pelo exercício dos próprios cargos directivos nacionais.

No primeiro caso inserem-se Luís de Pina, presidente da direcção do Grupo Português de Estudos Lígures, com sede em Itália, o que sabemos ser uma realidade nos anos cinquenta⁷, e Armando de Lacerda, que tendo sido convidado, em 1938, a integrar a direcção do *Archiv fur Vergleichende Phonetik*, foi em 1940 convidado pelo British Council a fazer investigação na Universidade de Londres, além de em 1950-51 se ter

¹ Matos Romão dirigiu entre 1930 e 1952 o Laboratório de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras de Lisboa (Miranda, 2003: 1218); Armando de Lacerda dirigiu desde 1936 o Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, cargo que em 1970 ainda mantinha (Elia, 1971: 1282-1283).

² Oliveira Guimarães foi director do Instituto de Orientação Profissional na década de quarenta (Castelo, 2003: 671-673); L. Cabral de Moncada era em 1947 vice-presidente do Instituto para a Alta Cultura (*QA*: 154); A. Amorim Girão dirigiu o Instituto de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Coimbra (Castelo, 2003: 628-629); em 1937 Luís de Pina foi nomeado director do Instituto de Criminologia do Porto (*GEPB XXI*: 680-682); Álvaro J. da Costa Pimpão era nos anos cinquenta director do Instituto de Estudos Franceses da Faculdade de Letras de Coimbra (*GEPB XXI*: 674-675); Rodrigo de Sá Nogueira era em 1953 subdirector do Instituto de Línguas Africanas e Orientais (*GEPB XXVII*: 127-128).

³ Oliveira Guimarães dirigiu os periódicos *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública*, entre 1929 e 1936, e *Boletim do Instituto de Orientação Profissional*, entre 1940 e 1946 (Castelo, 2003: 671-673); A. Amorim Girão dirigiu o semanário católico *Correio de Coimbra* e o *Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra* (Castelo, 2003: 628-629. Vd. também Constância, 1969: 548-549); Luís de Pina dirigiu o jornal *Porto Académico* (*GEPB XXI*: 680-682); Álvaro J. da Costa Pimpão foi director da revista *Brasília* (Aguier e Silva, 1973: 95-96); Hernâni Cidade dirigiu, com Joaquim de Carvalho e Mário de Azevedo Gomes, o *Diário Liberal* (1934-35), além de também ter sido um dos directores, entre 1971 e 1975, da revista *Colóquio/Letras* (http://www.coloquio.gulbenkian.pt/historia/hernani_cidade.htm, por nós consultado em 11/09/09); Joaquim Alves Correia dirigiu a revista *Missões de Angola e Congo*, de 1920 a 1932 (*GEPB II*: 223); Rodrigo de Sá Nogueira foi director da revista de Filologia *A Língua Portuguesa*, o que se registou entre 1929 e 1939 (*GEPB XXVII*: 127-128).

⁴ A. Amorim Girão foi director do Centro de Estudos Geográficos da Faculdade de Letras de Coimbra (Castelo, 2003: 628-629); Luís de Pina foi presidente do Centro de Estudos Humanísticos do Porto, o qual foi criado em 1947 (*GEPB XXI*: 680-682).

⁵ J. Carrington da Costa presidiu à primeira direcção da Sociedade Geológica de Portugal, sociedade esta que foi fundada em 1940 (<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p58.html>, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também <http://socgeol.org/sgp/history>, por nós consultado em 16/12/09).

⁶ Luís de Pina foi desde 1944 director do Museu de História da Medicina Maximiano Lemos (*QA*: 519).

⁷ Vd. *GEPB XXI*: 680-682.

dedicado ainda ao estudo da espectrografia sonora nos Estados Unidos da América, na Universidade de Wisconsin¹.

No segundo caso encontramos Rodrigo de Sá Nogueira, o qual, sendo em 1953 subdirector do Instituto de Línguas Africanas e Orientais, foi como representante desse instituto que visitou em Londres, Bruxelas, Antuérpia e Paris os institutos congéneres para melhor orientar o de Lisboa e preparar, na mesma cidade, a reunião da Sociedade Internacional Africana de Londres².

Destaque-se ainda a acção deste grupo na criação de academias científicas³, centros de estudo⁴, museus⁵, sociedades científicas⁶ e publicações periódicas, uma das quais, fundada ainda na Monarquia, com um cariz internacional. Referimo-nos à revista internacional *A Arte* fundada em 1895 por Eugénio de Castro, "...que, anunciando a colaboração de autores como Paul Adam, Gabriele d'Anunzio, Maurice Barrès, Gustave Khan, Maeterlinck, Stéphane Mallarmé, Jean Moréas, Jules Renard, J. H. Rosny ou Verlaine, pretendia constituir, ligando alguma poesia portuguesa (sobretudo a do autor) à poesia europeia, um elo no movimento simbolista internacional, com cujos representantes Eugénio de Castro mantinha, aliás, correspondência"⁷.

Finalmente, deparamo-nos com a criação de laboratórios, um deles, o de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, fundado em 1935 por Armando de Lacerda, da maior importância para o nosso trabalho, na medida em que ao especializar professores estrangeiros, "...encarregados pelos seus respectivos países de

¹ Vd. *QA*: 393-394. Vd. também Elia, 1971: 1282-1283.

² Vd. *GEPB* XXVII: 127-128.

³ Paulo Mereia foi em 1936 um dos sócios fundadores da Academia Portuguesa da História (*GEPB* XVI: 988. Vd. também www.aph.com.pt/, por nós consultado em 18/12/09).

⁴ Luís de Pina colaborou em 1947 na fundação do Centro de Estudos Humanísticos do Porto (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também Silva, 1973: 100).

⁵ Em 1933 Luís de Pina fundou o Museu de História da Medicina Maximiano Lemos da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html, por nós consultado em 11/09/09).

⁶ Luís de Pina foi um dos fundadores do Grupo Português de História das Ciências, o qual já sabemos estar integrado na Académie Internationale d'Histoire des Sciences (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também Nunes, 2008: 221-222).

⁷ Vd. [http://www.infopedia.pt/\\$eugenio-de-castro](http://www.infopedia.pt/$eugenio-de-castro), por nós consultado em 10/09/09. Outros periódicos criados por membros deste painel foram a *Revista dos Homens Livres*, projecto frentista contra a degeneração da República na década de 1920, fundada por Vieira de Almeida (<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/vieiradealmeida.html>, por nós consultado em 12/09/09), o *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*, fundado em 1931 por Luís de Pina (*GEPB* XXI: 680-682), o *Boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra*, fundado por A. Amorim Girão em 1950 (Constância, 1969: 548-549. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 18/12/09), a *Revista do Laboratório de Fonética Experimental*, criada em 1952 por Armando de Lacerda (Elia, 1971: 1282-1283) e a *Revista de História Literária de Portugal*, criada por Álvaro J. da Costa Pimpão em 1962 (Aguiar e Silva, 1973: 95-96. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 18/12/09).

estudarem os novos métodos portugueses de investigação”¹, nos revela como a introdução nas humanidades do método experimental das ciências exactas, desenvolvida por aquele investigador português, não se repercutiu meramente à escala nacional. Mais ainda, o que entendemos ser fruto da sua reputação internacional, Armando de Lacerda instalou no Brasil os dois primeiros laboratórios de Fonética Experimental, na Baía, em 1956, e no Rio de Janeiro, em 1957².

No que concerne ao exercício de cargos políticos, entre os participantes deste painel destacam-se, à excepção de Luís de Pina³, Matos Romão e J. Carrington da Costa, enquanto governadores civis na 1.ª República⁴, e sobretudo L. Cabral de Moncada, pelo facto de entre 1934 e 1936 ter sido juiz internacional do Supremo Tribunal Plebiscitário do Sarre, cargo para que foi nomeado pela Sociedade das Nações, sob proposta do governo português⁵. Referência ainda para Álvaro J. da Costa Pimpão, procurador à Câmara Corporativa na IX legislatura⁶.

7.5 Organização/Participação de Congressos Nacionais e Internacionais

Dos dezasseis comunicadores em causa apenas não dispomos de informação para Paulo Mereia e Vieira de Almeida. Exceptuando esses casos sabemos que a grande maioria dos participantes tomou parte em outros congressos nacionais além do VIII Congresso do Mundo Português e que dez deles frequentaram congressos internacionais⁷.

¹ Vd. *GEPB* XIV: 502.

² Vd. Elia, 1971: 1282-1283. Outro laboratório criado, neste caso por Matos Romão, em 1930, foi o de Psicologia Experimental da Faculdade de Letras de Lisboa (Miranda, 2003: 1218).

³ Vd. referências a este comunicador nos pontos 5.4 e 6.4 do nosso trabalho.

⁴ Matos Romão foi governador civil de Portalegre em 1914 (*GEPB* XVI: 610) e J. Carrington da Costa foi governador civil de Braga em 1923, além de chefe de gabinete do ministro da Instrução Pública em 1925 (*GEPB* VI: 24-25).

⁵ Vd. *GEPB* XVII: 582-583.

⁶ Vd. Aguiar e Silva, 1973: 95-96.

⁷ Atenda-se aos seguintes exemplos: Eugénio de Castro, em 1931, assistiu em Paris ao Congresso Internacional de Escritores promovido pela Societé des Gens de Lettres. Anteriormente havia ainda pronunciado diversas conferências – em 1922, sobre Castilho, em Madrid; em 1923, sobre o Simbolismo e sobre sonetistas portugueses, também em Madrid, além de outras conferências nas universidades de Bordéus, Tolosa, Lyon, Estrasburgo e Paris. Aí, em 1924, concretamente na Sorbonne, voltou a pronunciar uma conferência, neste caso sobre os sonetos camonianos (*GEPB* VI: 235-237); Matos Romão esteve presente, entre outros, no Congresso Internacional de Filosofia, em Oxford, em 1931 e no Congresso Espinosista, em Haia, no ano de 1932 (*GEPB* XVI: 610); de Oliveira Guimarães sabemos ter realizado muitas conferências de carácter científico, nomeadamente no Rio de Janeiro, Pernambuco, Madrid, Barcelona e Genebra (*GEPB* XIX: 404-405); D. Manuel Trindade Salgueiro tomou parte no Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em 1955, e proferiu nessa ocasião uma conferência no Real Gabinete Português de Leitura (*GEPB* XXXII: 879-880); L. Cabral de Moncada

Relativamente a estas últimas celebrações científicas verificamos terem ocorrido sobretudo na Ditadura militar e no Estado Novo, em Portugal e no estrangeiro, não se limitando os nossos cientistas, em diversos casos, somente em presenciá-las, mas inclusivamente em tomar voz activa pela apresentação de comunicações. Esta intervenção pública na arena internacional salda-se ainda pela presidência de secções de congressos ou dos próprios congressos. É o que acontece com Matos Romão, presidente da terceira secção do Congresso Internacional de Educação Moral, reunido em Roma, em 1926, e vice-presidente de uma secção do Congresso Internacional de Educação Moral, reunido em Paris, em 1930¹, e com Oliveira Guimarães, presidente da IX Conferência Internacional da Instrução Pública, realizada em Genebra, em 1946².

7.6 Associações Científicas Nacionais e Internacionais

Os intervenientes do painel analisado foram, frequentemente, sócios ordinários de diversas associações científicas nacionais e internacionais. Deparando-nos com cientistas das mais variadas áreas de formação, naturalmente que as agremiações em causa reflectem essa diversidade. Assim, encontramos, sobretudo, sociedades e academias de Letras³, Direito⁴, Geografia⁵, Física e Química¹, Antropologia e

participou no XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); A. Amorim Girão também participou nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, contudo não temos dados que nos indiquem quais foram (Castelo, 2003: 628-629); J. Carrington da Costa foi um outro cientista a tomar parte nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, embora também não saibamos em quais esteve presente, além de ter participado no Congresso da Union Géodésique et Geophysique Internationale (*GEPB* VI: 24-25); Luís de Pina participou, por exemplo, no XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Portugal, em 1930, e ainda nos Congressos Luso-Espanhóis para o Progresso das Ciências, no Porto, em 1942, e em Coimbra, em 1956, tendo em todos eles apresentado comunicações (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Armando de Lacerda esteve presente, em 1938, no Congresso Internacional de Ciências Fonéticas, em Ghent, onde apresentou o seu primeiro trabalho de Fonologia (*GEPB* XIV: 502); de Hernâni Cidade sabemos ter participado em congressos em Praga e Casablanca, além de ter proferido uma conferência em Madrid na inauguração da *Exposição do Livro Português* (*GEPB* VI: 751).

¹ Vd. *GEPB* XVI: 610.

² Vd. *GEPB* XIX: 404-405. Vd. também Fontes, 1945-46: 319-322.

³ Eugénio de Castro, licenciado em Letras, era em 1924 sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e da Real Academia Espanhola. Já no início dos anos quarenta sabemos que pertencia ainda à Real Academia Galega e à Real Academia da Bélgica, da qual tinha sido eleito sócio em 1935 (*GEPB* VI: 235-237. Vd. também Sampaio, 1924); Hernâni Cidade, doutorado em Filologia Românica, era membro, em 1947, da Commission Internationale d'Histoire Littéraire Moderne (*GEPB* VI: 751. Vd. também *QA*: 213-214).

⁴ L. Cabral de Moncada, doutorado em Direito em 1919, foi membro da Câmara Jurídica Internacional, de Berlim, da Academia de Direito Alemão e da Deutsche Akademie, de Munique, o que sabemos ser uma realidade em 1947 (*QA*: 154. Vd. também *GEPB* XVII: 582-583).

⁵ A. Amorim Girão, doutorado em Ciências Geográficas em 1922, pertencia em 1947 à Sociedade de Geografia de Lisboa (Castelo, 2003: 628-629. Vd. também *QA*: 69); J. Carrington da Costa, tendo

Etnologia², de Ciências Histórico-Filosóficas³ e de Ciências Médicas, Naturais e Biológicas⁴.

No que concerne especificamente às organizações internacionais mencionadas de que estes cientistas eram membros entre meados da década de vinte e os anos cinquenta, atendendo ao número de organizações envolvidas e aos seus países de origem, voltamos a afirmar a tese de que esta comunidade nacional estava invariavelmente ligada ao mundo ocidental – Europa ocidental, principalmente, mas também, embora em termos mais pontuais, aos Estados Unidos da América e à América Latina.

Apesar desta realidade, entre este grupo de comunicadores voltou a ser a Academia das Ciências de Lisboa o organismo científico que contou com o número mais elevado de associados⁵.

chefiado nos anos quarenta as Missões de Estudos Geológicos e Geográficos à Guiné Portuguesa, também era em 1947 sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa (Assunção, 1967: 145-146. Vd. também *QA*: 243).

¹ J. Carrington da Costa, doutorado em 1931 na Faculdade de Ciências do Porto, era nos anos quarenta sócio da Sociedade Portuguesa de Química e Física e da Société de Chimie Industrielle, de Paris (Assunção, 1967: 145-146. Vd. também *GEPB* VI: 24-25).

² A. Amorim Girão, possuindo estudos coloniais, era em 1947 sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (*QA*: 69); Luís de Pina, desde 1929 chefe dos Serviços da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto, era na década de cinquenta membro da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, do Institut International d'Anthropologie de Paris e da Société d'Anthropologie de Paris (*QA*: 519. Vd. também *GEPB* XXI: 680-682).

³ Paulo Mereia, investigador de História do Direito, além de ter sido sócio fundador da Academia Portuguesa de História, em 1936, era nos anos cinquenta sócio correspondente da Academia Real de la Historia, de Madrid (*GEPB* XVI: 988. Vd. também www.aph.com.pt/, por nós consultado em 18/12/09); Luís de Pina foi académico de número (cadeira n.º 12) da Academia Portuguesa de História, para onde foi nomeado como supranumerário em 1938 (*GEPB* XXI: 680-682); Matos Romão, doutorado em Filosofia em 1912, era nos anos cinquenta membro do The British Institute of Philosophy (*GEPB* XVI: 610); L. Cabral de Moncada, possuindo trabalhos de índole Histórico-Filosófica, foi membro honorário do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Società Italiana di Filosofia del Diritto, além de ter sido sócio da Encyclopedia of Social Sciences, de Nova Iorque (*QA*: 154. Vd. também http://www.uc.pt/fduc/galeria_retratos/cabral_moncada, por nós consultado em 11/09/09).

⁴ Matos Romão, tendo como uma das suas licenciaturas a de Medicina, era nos anos cinquenta membro de La Ligue d'Hygiène Mentale (*GEPB* XVI: 610); Luís de Pina teve diversos campos de estudo e a sua ligação à Medicina levou-o a ser, nomeadamente nos anos cinquenta, membro da Académie Internationale de Médecine Légale et Sociale (Roma), da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo, da Sociedade Anatômica Portuguesa, da Sociedade Anatômica Luso-Hispano-Americana, do Instituto de História da Medicina do Rio de Janeiro (membro honorário) e da Sociedade de Psiquiatria e Medicina Legal de la Plata, na Argentina (sócio honorário) (*GEPB* XXI: 680-682); J. Carrington da Costa, licenciado em Ciências Histórico-Naturais, era em 1947 sócio da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e da Real Sociedade Espanhola de História Natural (*GEPB* VI: 24-25. Vd. também *QA*: 243).

⁵ Referimo-nos a Eugénio de Castro, sócio efectivo em 1931 (*GEPB* VI: 235-237. Vd. também <http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 24/12/09); D. Manuel Trindade Salgueiro, eleito sócio correspondente em 1943, passando a académico de número em 1954 (*GEPB* XXXII: 879-880); Paulo Mereia, sócio correspondente nos anos cinquenta (*GEPB* XVI: 988); J. Carrington da Costa, sócio desde 1947 (<http://www.acad-ciencias.pt/>, por nós consultado em 24/12/09).

7.7 Publicações em Periódicos

A lógica que preside à publicação de trabalhos em periódicos para os comunicadores das anteriores secções volta a impor-se entre os intervenientes deste painel. Ou seja, encontramos muitas publicações nos periódicos das instituições em que leccionam, assim como nas publicações periódicas das organizações científicas das quais são directores ou simplesmente membros ordinários, sendo que também estes cientistas participam, nomeadamente desde a Ditadura Militar até aos fins do Estado Novo, nas redes de comunicação transnacionais proporcionadas pelos periódicos.

Se à constatação destas realidades juntarmos a grande diversidade de áreas de formação e investigação dos membros deste grupo, o resultado é o recurso a um número bastante considerável de publicações periódicas que encontra no seguinte ordenamento a sua lógica – quem edita trabalhos nas áreas da Filologia e Pedagogia recorre à *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, *Biblos*, *Revista do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra*, *Boletim de Filologia*, *Revista Portuguesa de Filologia*, *Phonetische Studien*, *Arquivo Pedagógico*, *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* e *Bulletin de l'Office Intercommunal pour l'Orientation Professionnelle*¹.

¹Paulo Mereia, entre outras temáticas, escreve sobre questões de Filologia, entre 1936 e 1941, na *Biblos*, e entre 1948 e 1961 na *Revista Portuguesa de Filologia* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Armando de Lacerda, enquanto director do Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, tem diversos estudos de Fonética publicados na sua revista entre 1953 e 1963. Anteriormente, em 1933, este cientista havia publicado na Alemanha, no periódico *Phonetische Studien*, o trabalho “Koartikulation, Steuerung und Lautabgrenzung”, em 1938 havia publicado no *Boletim de Filologia* o estudo “Fonética experimental: novos métodos de investigação” e, entre 1941 e 1947, havia publicado na revista *Biblos* a investigação intitulada “Características da entoação portuguesa: trabalho de investigação baseado no estudo sistemático do comportamento tonal” (Elia, 1971: 1282-1283. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09. Vd. também <http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 28/12/09); Álvaro J. da Costa Pimpão, em 1939 nomeado professor auxiliar da Faculdade de Letras de Coimbra (grupo de Filologia Românica), publicou na *Biblos* entre 1940 e 1951 (*GEPB XXI*: 674-675. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Hernâni Cidade, doutorado em Filologia Românica, enquanto foi professor da Faculdade de Letras de Lisboa editou muitos trabalhos na revista dessa faculdade, nomeadamente entre 1936 e 1956, além de ter recorrido à *Biblos*, em 1932 e 1940, e à *Revista Portuguesa de Filologia*, em 1948 (*GEPB VI*: 751. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também http://www.coloquio.gulbenkian.pt/historia/hernani_cidade.htm, por nós consultado em 11/09/09); Rodrigo de Sá Nogueira tem investigações de Filologia editadas no *Boletim de Filologia*, em 1946, 1947 e 1954 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Oliveira Guimarães tem estudos sobre o ensino em Portugal, em 1927, no *Arquivo Pedagógico*, e em 1929, 1930 e 1933, portanto, no período em que é o director, no *Boletim Oficial do Ministério da Instrução Pública* (Castelo, 2003: 671-673); A. Amorim Girão, catedrático de Geografia da Faculdade de Letras de Coimbra desde 1925, entre outros assuntos, aborda criticamente os compêndios de Geografia para o ensino primário na *Biblos*, revista onde publica entre 1930 e 1951. Este cientista publica ainda um trabalho sobre o ensino da Geografia nos liceus e nas universidades, em 1928, no *Arquivo Pedagógico* e, mais tarde, em 1960, ano da sua morte, volta a abordar esta temática do ensino da Geografia na *Revista Portuguesa de Pedagogia*

Quem tem formação em Teologia publica na revista *Estudos*, do Centro Académico de Democracia Cristã, e nas revistas católicas *Natal*, *Lumen* e no *Boletim da Acção Católica Portuguesa*¹. Os comunicadores com estudos em Direito publicam, sobretudo, no *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*, embora também recorram aos periódicos *O Instituto* e *Anuario de Historia del Derecho Español*². Quem é diplomado em Ciências Histórico-Naturais tem trabalhos nos *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* e no *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*³. Os cientistas com investigações na área das Ciências Histórico-Filosóficas publicam na *Revista Portuguesa de História*, *Revista Portuguesa de Filosofia*, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* e *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*⁴.

(Constância, 1969: 548-549. Vd. também *QA*: 69. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Matos Romão, tendo publicado inicialmente em Lisboa, em 1938, o trabalho “Arthur Guillaume Christiaens e a Orientação Profissional na Bélgica”, viu esse trabalho ser traduzido para francês e publicado no *Bulletin de l'Office Intercommunal pour l'Oriention Professionnelle*, de Bruxelas (*GEPB* XVI: 610).

¹ Registou-se essa realidade com D. Manuel Trindade Salgueiro, que publicou na revista *Estudos*, nomeadamente em 1931, além de também ter tido trabalhos seus, já enquanto bispo, nas revistas *Natal*, *Lumen* e *Boletim da Acção Católica Portuguesa* (*GEPB* XXXII: 879-880. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também <http://www.cadc.pt/RevistaESTUDOS.htm>, por nós consultado em 25/12/09).

² Paulo Mereia, enquanto docente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e mesmo após a sua aposentação, em 1949, publicou no boletim dessa faculdade, o que se registou ao longo das décadas de quarenta, cinquenta e sessenta, abordando assuntos como direito visigótico e direito medieval. Este intelectual tem ainda um trabalho em *O Instituto*, em 1951, além de duas investigações Histórico-Jurídicas, em 1933 e 1945, no *Anuario de Historia del Derecho Español* (Moncada, 1972: 380-381. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também <http://www.bne.es/es/Catalogos/>, por nós consultado em 28/12/09); L. Cabral de Moncada, desde 1919 professor da Faculdade de Direito de Coimbra, também publicou no seu boletim, nomeadamente em 1922, 1947, 1949, 1950, 1952, 1955, 1960, 1961 e 1971. Estes são, usualmente, trabalhos de índole Histórico-Jurídica e Histórico-Filosófica. Ainda à imagem de Paulo Mereia, L. Cabral de Moncada publicou no *Anuario de Historia del Derecho Español*, em 1933, além de ter um outro trabalho em *O Instituto*, em 1951, sendo que temos conhecimento de ele pertencer à organização que edita este periódico – o Instituto de Coimbra – pelo menos desde 1947 (Oliveira, 1972: 1182-1183. Vd. também *QA*: 154. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09. Vd. também <http://www.bne.es/es/Catalogos/>, por nós consultado em 28/12/09).

³ É o caso de J. Carrington da Costa, que enquanto professor da Faculdade de Ciências do Porto publica nos seus anais, nomeadamente em 1941, além de recorrer em 1944, 1950, 1951 e 1952 ao *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, portanto, ao periódico da sociedade a que presidiu aquando da sua fundação, em 1940 (*GEPB* VI: 24-25. Vd. também Assunção, 1967: 145-146. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p58.html>, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também <http://socgeol.org/sgp/history>, por nós consultado em 16/12/09. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

⁴ Paulo Mereia, enquanto investigador da História do Direito, além de recorrer a algumas revistas atrás mencionadas tem ainda estudos seus publicados, entre 1947 e 1965, na *Revista Portuguesa de História* (*GEPB* XVI: 988. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); L. Cabral de Moncada também tem um trabalho na *Revista Portuguesa de História*, em 1969 (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); Luís de Pina, historiógrafo da Medicina, publica em 1951, 1952 e 1955 na *Revista Portuguesa de Filosofia* e em 1966 na *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Matos Romão, desde 1912 docente do grupo de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, publica na revista dessa faculdade nos anos quarenta e cinquenta. Entre os trabalhos em causa contam-se,

Finalmente, a publicação de estudos de Medicina ocorre nos periódicos *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Jornal do Médico*, *Acção Médica*, *O Médico* e *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*, e as investigações de Antropologia e Etnologia têm lugar no *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal*, *Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, *L'Anthropologie* e *Scientia*¹.

7.8 Editoras

Relativamente às editoras das instituições de ensino superior em que é exercido professorado destaca-se a Imprensa da Universidade de Coimbra, a qual sabemos publicar obras de quatro dos docentes dessa universidade – Paulo Mereia, L. Cabral de Moncada, A. Amorim Girão e Álvaro J. da Costa Pimpão².

por exemplo, “Estudos Filosóficos na Faculdade de Letras de Lisboa”, de 1942, e “Le Concept de Philosophie au Temps Présent”, de 1956 (Miranda, 2003: 1218. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Vieira de Almeida, ensaísta nas áreas da Filosofia e da História, enquanto professor da Faculdade de Letras de Lisboa tem trabalhos editados na sua revista, nomeadamente em 1936 e 1948 (*GEPB* II: 48. Vd. também <http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/vieiradealmeida.html>, por nós consultado em 12/09/09. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); Mariana Santos, formada em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Coimbra, publicou o trabalho “Apontamentos à Margem das Conclusões Impressas dos Mestres Jesuítas Portugueses de Filosofia”, em 1955, na *Revista Portuguesa de Filosofia* e o estudo intitulado “Ensaio de Síntese Panorâmica da Filosofia dos Portugueses no Século XVI”, em 1972, no *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España* (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também <http://radix.culturalg.pt/visualizar.html?contexto=106&id=4453>, por nós consultado em 12/09/09).

¹ Neste painel Luís de Pina é o único cientista com estudos nestas áreas, o qual já sabemos ter publicado trabalhos de Psicologia, Psiquiatria, Deontologia profissional e, fundamentalmente, História da Medicina na *Imprensa Médica*, *A Medicina Contemporânea*, *Jornal do Médico*, *Acção Médica* e, sobretudo, em *O Médico*, o que aconteceu na maioria das vezes entre os anos quarenta e sessenta. Antes, em 1930, 1931 e 1932, teve vários trabalhos seus editados nos *Annales d'Anatomie Pathologique et d'Anatomie Normale Médico-Chirurgicale*, publicação da Société Anatomique de Paris. Relativamente a questões de Antropologia e Etnologia recordemos que Luís de Pina tem diversos estudos publicados na década de trinta no periódico que fundou em 1931 – *Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal*, *Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto*. Referimo-nos, entre outros, aos trabalhos “A orelha dos criminosos portugueses: índice auricular” e “Delinquência, alienação mental e morfologia craniana”. Além disso, este cientista publica ainda nos anos trinta e quarenta outras investigações de Antropologia nos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. Fora de Portugal edita em 1929 no *Bulletin et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. De relembrar que embora não saibamos a data em que se associou à Sociedade de Antropologia de Paris este cientista foi, pelo menos nos anos cinquenta, membro dessa organização. Em 1932 publica no periódico *L'Anthropologie* o estudo intitulado “L'indice céphalique et la stature chez les portugais” e em 1940 edita no periódico *Scientia*, de Milão, o trabalho “Le Folklore Médical Africain” (*GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09. Vd. também <http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 18/11/09).

² Paulo Mereia, professor da Faculdade de Direito de Coimbra entre 1914 e 1923, e desde 1931 até 1949, publicou na Imprensa da Universidade de Coimbra em 1917, 1921 e 1933 (Moncada, 1972: 380-381. Vd.

A publicação de outros trabalhos por intermédio das editoras de algumas das organizações científicas de que estes comunicadores são directores volta a verificar-se, sobressaindo as editoras do Instituto de Estudos Geográficos e do Centro de Estudos Geográficos de Coimbra¹, da Junta de Investigações do Ultramar², do Centro de Estudos Humanísticos do Porto³ e do Instituto de Criminologia do Porto⁴.

Internacionalmente, é significativo que sete dos comunicadores deste painel tenham publicações em editoras estrangeiras, as quais são oriundas da Europa ocidental e da América Latina. As edições em causa são em número bastante considerável e reportam-se para todo o período de tempo que decorre entre a Monarquia e o Estado Novo.

Assim, em Espanha destacam-se as editoras madrilenas Castilla, que em 1922 publica a obra *Oaristos*, de Eugénio de Castro⁵, Imp. Artística Española, que publica um poema de Eugénio de Castro em 1913⁶, Sucessores de Hernando Editores, que em 1914 edita um outro trabalho de Eugénio de Castro⁷, Hispánica, que em 1945 edita uma investigação de L. Cabral de Moncada⁸, C. Bermejo, que em 1954 publica um estudo de Álvaro J. da Costa Pimpão⁹ e a editora do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, onde Armando de Lacerda publica em 1945 o seu estudo *Comportamientos Tonaes Vocálicos en Español y Portugués* e, em 1948, um outro trabalho intitulado

também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09); L. Cabral de Moncada, professor contratado da Faculdade de Direito de Coimbra em 1919, publicou na sua editora, por exemplo, em 1921 (QA: 154. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09); A. Amorim Girão, catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra desde 1925, editou na Imprensa da Universidade nomeadamente em 1933 (QA: 69. Vd. também Constância, 1969: 548-549. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09); Álvaro J. da Costa Pimpão, em 1939 nomeado professor auxiliar da Faculdade de Letras de Coimbra, publicou na sua editora em 1939, 1949 e 1972 (GEPB XXI: 674-675. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

¹ Agremiações científicas das quais A. Amorim Girão foi director e onde publicou, na primeira, em 1958, e na segunda nos anos de 1948 e 1951 (Castelo, 2003: 628-629. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09).

² Organismo estatal do qual J. Carrington da Costa foi presidente desde 1955 e onde publicou, por exemplo, em 1960 (Assunção, 1967: 145-146. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09).

³ Organismo científico criado em 1947, do qual Luís de Pina foi presidente e onde publicou, por exemplo, em 1955, 1959 e 1960 (GEPB XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁴ Luís de Pina, enquanto director desta organização, o que acontece desde 1937, publica na sua editora, nos anos sessenta, investigações sobre temas como seja a delinquência juvenil (GEPB XXI: 680-682. Vd. também <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁵ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

⁶ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

⁷ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

⁸ Vd. <http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 28/12/09.

⁹ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 05/09/09.

*Estudios de Fonética y Fonología Catalanas*¹. Paulo Mereia, à imagem de Armando de Lacerda, também publicou nesta editora em 1945, no seu caso o trabalho *Estudos de Direito Privado Visigótico*².

Na Itália conta-se a Stab. Tip. Pierro e Veraldi, que no ano de 1899 edita uma obra de Eugénio de Castro³ e em França temos a Aillaud, que faz sair a obra *Poesias Escolhidas (1889-1900)*, de Eugénio de Castro, em 1902⁴, Impr. Coueslant, que em 1934 publica uma outra obra de Eugénio de Castro⁵, Librairie Union, que em 1932 publica *Le Développement de la Tête chez les Portugais en Rapport avec la Taille et l'Âge*, de Luís de Pina⁶ e Librairie E. Nourry, que publica em 1933 *Étude sur la Morphologie des Crânes Égyptiens*, também da autoria de Luís de Pina⁷.

No Brasil destacam-se as edições de Eugénio de Castro na Graphica Sauer, em 1937⁸, Typ. do Jornal do Commercio, em 1920⁹, F. Briguiet, em 1932¹⁰, e Companhia Editora Nacional, que em 1941 publica *Ensaio de Geographia Linguística*, também de Eugénio de Castro¹¹, além da casa editorial Livros de Portugal, que no ano de 1960 publica as *Lições de Cultura Luso-Brasileira: Épocas e Estilos na Literatura e nas Artes Plásticas*, de Hernâni Cidade¹² e da editora da Universidade da Bahia, onde o mesmo Hernâni Cidade vê ser publicado um estudo seu em 1957¹³. Finalmente, na Argentina contabilizamos Jorge A. Kern, que publica uma obra de Eugénio de Castro em 1897¹⁴ e Félix Lajovana, que também edita obras de Eugénio de Castro, no seu caso em 1899¹⁵.

Uma última nota referente ao trabalho de Armando de Lacerda *Comportamientos Tonaes Vocálicos en Español y Portugués*, editado em Madrid pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas, é de mencionar. Tal intenção deriva da

¹ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09.

² Vd. <http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 28/12/09.

³ Editora de Nápoles (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁴ Editora parisiense (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁵ Editora de Cahors (<http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 28/12/09).

⁶ Editora de Estrasburgo (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁷ Editora de Paris (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 08/09/09).

⁸ Editora sediada no Rio de Janeiro que publica um ensaio de Eugénio de Castro (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

⁹ Esta é uma outra editora do Rio de Janeiro (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

¹⁰ Editora do Rio de Janeiro (<http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 28/12/09).

¹¹ Editora de São Paulo (<http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 28/12/09).

¹² Editora do Rio de Janeiro (<http://catalog.loc.gov/>, por nós consultado em 28/12/09).

¹³ Vd. <http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 07/09/09.

¹⁴ Editor de Buenos Aires (<http://catalogo.bnportugal.pt>, por nós consultado em 06/09/09).

¹⁵ Este é um outro editor de Buenos Aires (<http://www.bne.es/es/Catalogos/>, por nós consultado em 28/12/09).

conjugação de vários factores. Primeiramente atendamos ao ano de edição do estudo em causa – 1945. Ou seja, estamos perante o ano em que, finda a II Grande Guerra e esboçando-se a nova ordem mundial, marcada no caso espanhol pela condenação do seu regime, o salazarismo procurou mostrar um distanciamento do regime franquista¹. Sendo assim, o interesse do referido trabalho de Armando de Lacerda assenta na constatação de que, resultando de uma investigação conjunta desse cientista português com a investigadora espanhola María Josefa Canellada², foi ainda subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura e pelo Instituto Antonio de Nebrija³.

Concluindo, embora estejamos perante um trabalho editado em Espanha, desconhecendo nós se o franquismo o terá capitalizado politicamente, e embora não saibamos o mês exacto em que tal investigação científica foi publicada, o que nos pode conduzir apenas para uma questão simbólica, não deixa de ser interessante verificar como no ano em que muda a posição política do Estado português face à Espanha franquista, a ciência nos fornece uma investigação em cujo resultado final se explicita ter sido fruto de um trabalho conjunto de cientistas de Portugal e Espanha, que usufruíram do patrocínio de organismos científicos estatais de ambos os países.

7.9 Consagração Intelectual

A consagração académica derivada do exercício de cargos directivos em organismos científicos nacionais e internacionais⁴ é novamente complementada pela atribuição de prémios, condecorações e doutoramentos *honoris causa*.

A nível nacional os intelectuais agraciados foram Eugénio de Castro, Grã-Cruz de Santiago da Espada em 1939⁵, D. Manuel Trindade Salgueiro, que em 1941 recebeu

¹ Esta foi uma situação decorrida entre o Outono de 1945 e meados de 1947, quando Salazar receava que a repulsa contra o franquismo se estendesse a Portugal. Para mais informações sobre esta questão vd. Torre Gómez, 1995: 268-276.

² Para uma nota biográfica de Maria Josefa Canellada vd. <http://www.biblio-zamoraviciente.es/canellada/josefa.htm>, por nós consultado em 01/01/10.

³ Instituto estatal espanhol que, dedicando-se aos estudos de Filologia Clássica, integra o Consejo Superior de Investigaciones Científicas, sendo este um organismo criado pelo regime franquista logo no ano de 1939 (<http://www.csic.es/historia.do>, por nós consultado em 26/01/10. Vd. também <http://www.ile.csic.es/>, por nós consultado em 26/01/10. Vd. também <http://www.bnf.fr/>, por nós consultado em 28/12/09).

⁴ Recordemos somente estarmos perante directores de institutos, laboratórios, periódicos, sociedades científicas e faculdades nacionais, além de directores de periódicos e sociedades científicas internacionais, cargos esses que foram exercidos desde a 1.ª República ao Estado Novo (vd. ponto 7.4 do nosso trabalho).

⁵ Vd. *GEPB* VI: 235-237. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

as insígnias de doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra¹, Paulo Mereia, doutor *honoris causa* pela Faculdade de Letras de Coimbra em 1948, Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, também em 1948, Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, em 1967 e, finalmente, galardoado em 1971 com o Prémio Nacional de Cultura², L. Cabral de Moncada, Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada em 1969³, A. Amorim Girão, Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública desde 1948⁴, J. Carrington da Costa, Comendador da Ordem da Instrução Pública desde 1955⁵ e Luís de Pina, sobre o qual já sabemos ter recebido os seguintes prémios: em 1937 obteve o prémio “António Ennes”, do Secretariado de Propaganda Nacional, pelo seu livro *Em Verdade Vos Digo...* O seu trabalho de 1938, *Contribuições dos Portugueses Quinhentistas para a História da Medicina do Oriente*, recebeu o prémio “Maximiano Lemos”, da Faculdade de Medicina do Porto. Em 1945, o seu trabalho *Biotipograma no Estudo da Proporcionalidade Corpórea dos Portugueses* teve o prémio “Alvarenga”, da Academia das Ciências de Lisboa. Luís de Pina é ainda Grande-Oficial da Ordem Militar de Cristo, em 1947 e possui a medalha de prata da Legião Portuguesa⁶.

Entre os intelectuais agraciados a nível nacional encontram-se ainda Álvaro J. da Costa Pimpão, Grande-Oficial da Ordem da Instrução Pública em 1968⁷, Rodrigo de Sá Nogueira, Comendador da Ordem da Instrução Pública desde 1963⁸ e Hernâni Cidade, que em 1945 recebeu o prémio “Pero Vaz de Caminha”, que só sendo concedido a obras sobre o Ultramar lhe foi atribuído pelo seu trabalho *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*. Finalmente, Hernâni Cidade foi ainda condecorado em 1973 com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada⁹.

Alguns dos cientistas mencionados foram ainda agraciados internacionalmente. Referimo-nos a Paulo Mereia, doutor *honoris causa* pela Universidade de Santiago de

¹ Vd. *GEPB* XXXII: 879-880. Luís Reis Torgal abordou em artigo de 1993 os doutoramentos honoríficos concedidos pela Universidade de Coimbra, referindo, em harmonia com a tese que temos vindo a apresentar, que essas consagrações são reveladoras, em determinados casos, da ligação complexa com os interesses e os regimes políticos. Vd. Torgal, 1993: 256-277.

² Vd. Moncada, 1972: 380-381. Vd. também http://www.uc.pt/fduc/galeria_retratos/paulo_mereia, por nós consultado em 12/09/09. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

³ Vd. http://www.uc.pt/fduc/galeria_retratos/cabral_moncada, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

⁴ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

⁵ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

⁶ Vd. *GEPB* XXI: 680-682. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

⁷ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 20/11/09.

⁸ Vd. <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

⁹ Vd. *QA*: 213-214. Vd. também *GEPB* XXIII: 148-150. Vd. também Torgal, 1999: 407-408. Vd. também <http://www.ordens.presidencia.pt>, por nós consultado em 02/01/10.

Compostela em 1950¹, Hernâni Cidade, agraciado pela França em 1956 com a Legião de Honra², Luís de Pina, Comendador de número da Ordem do Mérito Civil de Espanha³ e L. Cabral de Moncada, doutor *honoris causa* pela Universidade de Heidelberg em 1936, ocasião em que conheceu pessoalmente Joseph Goebbels, e Comendador da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha⁴.

Por fim, viu ser reconhecido o seu mérito intelectual fora das fronteiras nacionais Eugénio de Castro, doutor *honoris causa* por três universidades europeias – a Universidade de Estrasburgo, o que era uma realidade pelo menos já desde 1924, a Universidade de Lyon, em 1929, e a Universidade de Salamanca, em 1934. Este comunicador foi também Grande-Oficial da Ordem da Coroa de Itália e Comendador das ordens da Legião de Honra, de França, do Cruzeiro do Sul, do Brasil, da Coroa, da Bélgica, da Rote Kreuz, da Alemanha, e de Afonso XII, de Espanha. Finalmente, foi Cavaleiro das ordens de Cristo e Santo Olavo, da Noruega, sabendo nós que as três últimas condecorações mencionadas já eram por si usufruídas pelo menos desde 1924⁵.

Concluindo, se os prémios, condecorações e doutoramentos *honoris causa* nacionais são atribuídos exclusivamente durante o Estado Novo, já as consagrações intelectuais internacionais ocorrem pelo menos, atendendo aos dados de que dispomos, desde a 1.ª República. Mais interessante, contudo, é a reafirmação de que o panorama político e ideológico dos Estados que reconhecem mérito intelectual aos cientistas nacionais é bastante diversificado, variando, por exemplo, nos presentes casos, desde a Alemanha nazi à República Federal da Alemanha, situação esta que se torna ainda mais interessante se constataremos que ocorre com o mesmo intelectual – L. Cabral de Moncada⁶.

¹ Vd. Moncada, 1972: 380-381.

² Vd. Moura, 1996: 145-146.

³ Vd. *GEPB* XXI: 680-682.

⁴ Nas suas memórias, L. Cabral de Moncada afirma que após findar a sua missão de juiz no Tribunal Internacional do Sarre regressou a Portugal. Contudo, no Verão de 1936 voltou à Alemanha, para representar a Universidade de Coimbra no centenário da de Heidelberg. Tendo sido doutorado *honoris causa*, aí conheceu pessoalmente Goebbels, com o qual jantou na mesa de honra do banquete de gala (Moncada, 1992: 173-180). Relativamente à Comenda da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha é de referir que, embora não saibamos a data exacta em que lhe foi atribuída, dado que este comunicador faleceu em 9 de Abril de 1974 essa condecoração foi-lhe concedida ainda no período do Estado Novo (http://www.uc.pt/fduc/galeria/retratos/cabral_moncada, por nós consultado em 11/09/09. Vd. também Moncada, 1992: VII-X).

⁵ Vd. *GEPB* VI: 235-237. Para a localização cronológica do doutoramento *honoris causa* da Universidade de Estrasburgo e das condecorações de Afonso XII, de Espanha, e de Cristo e Santo Olavo, da Noruega, vd. Sampaio, 1924.

⁶ Tal realidade, por si só, é indiciadora da já referida complexidade de interesses que subjazem ao agraciamento de uma determinada personalidade, situação essa incompatível de ser estudada num trabalho deste fôlego.

Balanço da Investigação

A vida académica dos cientistas nacionais presentes no VIII Congresso do Mundo Português transmite-nos a imagem de um país muito distante daquela que era promovida pela propaganda do regime, nomeadamente nos anos trinta e quarenta. Longe da nação rural e tradicional, da família pobre mas feliz, as seis dezenas e meia de cientistas convidados a participar neste evento comemorativo usufruem de um percurso de vida cosmopolita.

Tal afirmação significa que comprovámos no nosso trabalho a tese que propusemos inicialmente, no sentido em que é notório que a comunidade científica em causa se caracteriza por uma formação académica, uma intervenção no espaço público e uma consagração intelectual, quer já antes de 1940, quer após essa data, ocorridas em contacto com o estrangeiro, sobretudo com o mundo ocidental, chegando mesmo a Ditadura Militar e o próprio Estado Novo a subsidiar essa realidade.

Os organizadores do congresso, em termos de competências científicas, nomeiam então diferentes gerações de intelectuais, com formações obtidas desde a Monarquia até ao Estado Novo, na sua esmagadora maioria ocorridas no ensino superior português, sobretudo nas universidades de Lisboa, Porto e Coimbra. Apesar disso, a formação escolar não se limitou às fronteiras nacionais, saldando-se pela realização de estágios, viagens de estudo, licenciaturas, doutoramentos e outras especializações em instituições de ensino internacionais.

Como se verificou, o interesse nessa realidade é amplificado pelo facto de ser subsidiada pela Ditadura Militar e pelo Estado Novo, nomeadamente por intermédio da Junta de Educação Nacional/Instituto para a Alta Cultura. Independentemente dos outros meios a que esta organização estatal recorre na promoção da actividade científica portuguesa, a sua lógica de funcionamento no que concerne à atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro delinea-nos uma nova resposta para uma outra pergunta colocada. Referimo-nos ao facto de nem com a tomada do poder pelos militares nem com o advento do salazarismo o Estado português, face ao que se manifestava desde períodos anteriores, ter necessariamente limitado a regimes mais conformes à natureza política dos nossos as escolhas possíveis ao estabelecimento de contactos científicos. Significa isto que a organização mencionada, para todo o período de tempo por nós analisado,

concede bolsas de estudo não somente em Ditaduras Militares ou na Itália fascista, mas inclusivamente em estados de direito democrático.

Este sentido de resposta é reafirmado nas restantes manifestações da vida pública desta comunidade, verificando-se, nomeadamente ao longo do Estado Novo, que o leque de contactos com o mundo fora do espaço português é do ponto de vista político e ideológico tremendamente vasto.

Assim, se o exercício de magistério ocorre sobretudo nas universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, nos anos trinta e quarenta não deixa de haver docentes nacionais em instituições de ensino superior quer da Espanha franquista ou mesmo da Alemanha nazi, quer da França e Inglaterra democráticas.

No que concerne à fundação e direcção de organizações científicas nacionais e internacionais verificámos mais manifestações da realidade enunciada, sobressaindo a constatação de como em diversas ocasiões, no Portugal salazarista, a presidência de uma determinada instituição nacional implicava a ocorrência de deslocações a instituições internacionais, as quais dependiam mais da reputação destas do que da natureza do regime político em que se encontravam inseridas.

Fundamental destacar ainda os exemplos elucidativos de como determinados organismos nacionais colocavam a comunidade científica portuguesa em contacto com a comunidade internacional pela capacidade que manifestavam em a atrair. Registou-se tal realidade, por exemplo, com o Laboratório de Fonética Experimental da Faculdade de Letras de Coimbra, fundado em 1935 por Armando de Lacerda, e com a revista *A Criança Portuguesa*, cuja publicação teve início em 1942. O facto de se assumirem como casos pontuais é a nosso entender uma indicação da periferia portuguesa a nível científico, contudo não deixam de dar resposta a uma outra questão inicialmente colocada, na medida em que nos mostram como a comunidade científica nacional se mantinha em contacto com o mundo exterior não somente por intervir no espaço público internacional, mas simultaneamente por conseguir trazer esse espaço, ainda que excepcionalmente, às fronteiras nacionais.

Esta realidade, em ambas as perspectivas enunciadas, reflecte-se ainda na participação, e por vezes presidência, de congressos internacionais, na medida em que estes eventos celebrativos tiveram lugar dentro e fora das fronteiras nacionais. Embora não nos tenhamos debruçado sobre a presença da comunidade internacional nas comemorações científicas realizadas em Portugal, já no que concerne às ocorridas no estrangeiro verificámos que os nossos cientistas, tendo-se deslocado maioritariamente à

Europa ocidental, não deixaram de ir à Europa central e de leste ou inclusivamente à América, à Ásia e à África.

Tendo-se registado tais participações desde a 1.^a República até finais do Estado Novo, verificámos ainda terem-se saldado, frequentemente, pela apresentação de comunicações. Particularmente interessante foi a constatação de que no salazarismo os cientistas nacionais intervieram em congressos realizados em países com sistemas políticos e ideológicos totalmente distintos, como sejam a Espanha franquista, a França e Inglaterra democráticas, a Alemanha hitleriana e até mesmo a União Soviética de Krustchev, acontecimento este que é ainda mais significativo se pensarmos que a presença de José A. Serra no país dos soviets ocorre em 1962, ou seja, no ano em que a Guerra Fria vem a conhecer um dos episódios mais dramáticos para a manutenção da paz mundial¹.

Tal imagem da realidade permite-nos mesmo inverter o sentido de uma das hipóteses inicialmente colocadas, na medida em que não só a mudança de regimes políticos em Portugal, ao longo da primeira metade do século XX, não foi sendo necessariamente acompanhada por uma limitação nos quadrantes políticos e ideológicos dos estados-nações com os quais estes membros da elite científica nacional poderiam manter legalmente contactos científicos, como se verificou mesmo com o Estado Novo, pelo menos no que concerne a este grupo, o alargar desses quadrantes até ao comunismo, ainda que a título excepcional.

Não caíamos contudo no absurdo de julgar que tais deslocações não se fariam sem dificuldades colocadas pelas autoridades portuguesas ou que não seriam até mesmo proibidas em certas ocasiões². A ciência, embora nos apresente algumas imagens algo diferentes das que reinam na nossa memória colectiva, não está de modo algum dissociada da política e se um intelectual como José A. Serra, com mais ou menos dificuldades, pôde com o consentimento do Estado salazarista deslocar-se à Universidade Pública de Moscovo, a um outro intelectual português, Álvaro Cunhal, só

¹ Sobre a questão da crise dos *mísseis de Cuba* vd. Nouschi, 1996: 323-326. Apesar de tudo, na perspectiva do regime soviético, também não deixa de ser significativo que a realização do congresso em causa, e a possibilidade de intervenção de um cientista saído do Portugal salazarista, ocorra numa União Soviética liderada por Krustchev, que ainda hoje, duas décadas volvidas sobre a queda do comunismo na Europa, se encontra sepultado fora da Praça Vermelha, onde jazem os restos mortais, entre outros, de Lenin, de Brejnev e de Stalin...

² Para a referência aos frequentes impedimentos em sair do país, no âmbito das suas actividades científicas, a que José A. Serra foi sujeito por parte da polícia política salazarista vd. http://www.triplov.com/serra/foto_bio4.html, por nós consultado em 21/02/10.

lhe foi possível em 1962 também discursar na capital soviética graças à fuga, dois anos antes, às malhas da *justiça* salazarista¹.

Na análise aos restantes suportes usados pela comunidade científica presente no VIII Congresso do Mundo Português reafirmámos a tese de que este era um grupo já internacionalizado aquando da realização desse evento e que essa mesma internacionalização, ao longo do restante período do Estado Novo, quer no respeitante aos periódicos e editoras recorridas, quer no respeitante às organizações científicas de que estes intelectuais eram membros ordinários, conheceu novos casos comprovativos das diversas hipóteses que nos propusemos inicialmente investigar.

Assim, relativamente aos estudos publicados em periódicos da especialidade verificámos que se desde a Monarquia até finais dos anos trinta estes intelectuais já contabilizavam cerca de uma centena em publicações periódicas internacionais – alguns desses estudos, em dois periódicos franceses, não conhecendo interrupções desde a Monarquia até 1938 e desde a 1.^a República até 1939, respectivamente –, a partir do início dos anos quarenta os exemplos multiplicaram-se e novamente se alargou a natureza dos regimes políticos em que houve capacidade de intervir. Referimo-nos à constatação de que chegado o ano de 1970 estes cientistas nacionais tinham conseguido, no curso do Estado Novo, publicar investigações em periódicos, por exemplo, da Alemanha nazi, da Itália fascista, da Espanha franquista, da França e Inglaterra democráticas e, inclusivamente, da Roménia comunista, além de uma grande quantidade de estudos editados nas páginas de publicações periódicas nacionais.

No respeitante às editoras internacionais que lhes haviam publicado trabalhos, nomeadamente de investigação, é do nosso conhecimento que se até 1940 já se contabilizavam edições na Espanha, França, Itália, Brasil e Argentina, depois dessa data houve casas editoriais inglesas, germânicas e novamente espanholas e brasileiras a publicar mais trabalhos destes cientistas.

Quer os periódicos, quer as editoras, quer ainda a localização geográfica das agremiações científicas internacionais de que este núcleo de cientistas foi membro ordinário entre os anos vinte e cinquenta apontaram-nos para uma última ideia que enfatizámos ao longo da tese e que não deve agora ser menosprezada. Referimo-nos ao

¹ Para mais informações sobre a célebre fuga do Forte de Peniche em 3 de Janeiro de 1960 vd. Pereira, 2005: 702-732. O discurso que Álvaro Cunhal pronunciou, em 1962, perante quadros e activistas soviéticos na Casa de Educação Política do Comité de Moscovo do Partido Comunista da União Soviética está disponível, em registo audiovisual, no documentário de Joaquim Vieira, *Álvaro Cunhal: A Vida de um Resistente*, de 2005.

facto de os canais de comunicação trans-nacional desta comunidade se propagarem, sobretudo, ao mundo ocidental – Europa ocidental, principalmente, mas também aos Estados Unidos da América e à América Latina, representada pelo Brasil e pela Argentina.

Deste modo, também não surpreende que além da 1.^a República, da Ditadura Militar e do Estado Novo tenham sido diversos estados democráticos da Europa ocidental, além da Espanha franquista, da Alemanha nazi e do Estado brasileiro, quem de modo quase exclusivo consagrou intelectualmente, pela perspectiva das condecorações, prémios e doutoramentos *honoris causa*, os membros da comunidade científica portuguesa analisados.

Concluindo, se algumas recentes investigações historiográficas nos mostram que Portugal não se viu isolado na cena internacional no pós-II Grande Guerra, nomeadamente por ter integrado os movimentos de cooperação económica europeia¹, o estudo sobre os cientistas nacionais analisados permite-nos afirmar que já em 1940 Portugal comportava, pela perspectiva dos percursos académicos e públicos desta comunidade, uma feição distante da tão apregoada feição atlântica.

Defendendo tal linha argumentativa, só nos resta pugnar para que esta agenda de investigação seja incorporada numa próxima *História de Portugal*² e, desse modo, se introduza a imagem de um país que, encontrando na Europa ocidental, ao longo de toda a primeira metade do século XX, um espaço privilegiado de aprendizagem, intervenção pública e consagração de parte significativa da sua comunidade científica, não precisa de esperar pelo fim da II Guerra Mundial para encetar contactos com a Europa e integrar as suas redes.

¹ Vd. a este propósito Alípio, 2004: 1-16. Vd. também Andresen-Leitão, 2004: 285-312. Vd. também Pereira, 2004: 1-21. Vd. também Pinto, 2002: 3-40.

² Atendamos à mais recente *História de Portugal*, coordenada por Rui Ramos, e constatemos como para o intervalo de tempo decorrido entre 1890 e o 25 de Abril de 1974 a História da Ciência está reduzida a duas referências mínimas ao Instituto para a Alta Cultura (Ramos, 2010: 549-704).

Fontes e Bibliografia

Fontes

Discursos e Comunicações Apresentadas ao Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa (VIII Congresso). Vols. XII, XIII. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, 1940.

FONTES, Vítor – “IX Conferência Internacional da Instrução Pública” in *A Criança Portuguesa*, 1945-46. Pp. 319-322.

MONCADA, Luís Cabral de – *Memórias*. [S.L.]: Editorial Verbo, 1992.

SAMPAIO, Albino Forjaz de (dir.) – *Eugénio de Castro: A sua Vida e a sua Obra*. Lisboa: Empresa do Diário de Notícias, 1924. Coleção Patrícia.

TAMAGNINI, Eusébio – *Um Caso de Falsificação de Escrita por Imitação*. Coimbra: Instituto de Antropologia de Coimbra, 1926.

Bibliografia

ABIR-AM, Pnina G. – “Introduction” in *Osiris*, Second Series, Vol. 14, 1999. Pp. 1-36.

ABIR-AM, Pnina G.; ELLIOTT, Clark A. (eds.) – “Commemorative Practices in Science: Historical Perspectives on the Politics of Collective Memory” in *Osiris*, Second Series, Vol. 14, 1999.

ABREU, Carlos – “Fernando da Silva Correia” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 392-397.

ABREU, Carlos – “José Lopes Dias” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 484-486.

ABREU, Carlos – *Limpos, Sadios e Dóceis: História da Saúde Escolar em Portugal no Estado Novo, 1930 a 1960*. Lisboa: [s.n.], 1999. (Dissertação de mestrado em Ciências da Educação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa)

ACCIAUOLI, Margarida – *Exposições do Estado Novo: 1934-1940*. Lisboa: Livros Horizonte, 1998.

AGUIAR E SILVA, V. M. de – “Álvaro Júlio da Costa Pimpão” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 15. Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pp. 95-96.

ALÍPIO, Elsa Santos – “A adesão de Portugal à EFTA. O debate interno e a posição da Indústria Portuguesa durante as negociações (1956-1960)”. XXIV Encontro da APHES, ICS, 12-13 de Novembro de 2004. Pp. 1-16.

AMARAL, Isabel – *As Escolas de Investigação de Marck Athias e de Kurt Jacobsohn e a Emergência da Bioquímica em Portugal*. Lisboa: [s.n.], 2001. (Dissertação apresentada para obtenção do grau de Doutor em História e Filosofia das Ciências, especialidade de Epistemologia das Ciências, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa)

ANDRADE, Banha de – “Diogo Pacheco de Amorim” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 2. Lisboa: Editorial Verbo, 1964. Pp. 6-7.

ANDRADE, Banha de – “Luís Augusto Duarte-Santos” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pp. 1819-1820.

ANDRESEN-LEITÃO, Nicolau – “O convidado inesperado: Portugal e a fundação da EFTA, 1956-1960” in *Análise Social*, n.º 171, 2004. Pp. 285-312.

ARNOLDUS, Doreen – *Family, Family Firm, and Strategy. Six Dutch family firms in the food industry 1880-1970*. Amsterdam: Aksant, 2002.

ASSUNÇÃO, Torre de – “João Carrington Simões da Costa” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pp. 145-146.

BELLER, Mara – “Jocular Commemorations: The Copenhagen Spirit” in *Osiris*, Second Series, Vol. 14, 1999. Pp. 252-273.

BRIGGS, Asa; CLAVIN, Patricia – *Historia Contemporânea de Europa: 1789-1989*. Barcelona: Crítica, 1997. Pp. 245-247.

CARAÇA, João – “Bento de Jesus Caraça” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pág. 121.

CASTELO, Cláudia – “Abel de Lima Salazar” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. II. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 860-861.

CASTELO, Cláudia – “Aristides de Amorim Girão” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 628-629.

CASTELO, Cláudia – “Congressos e Conferências Culturais” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 191-192.

CASTELO, Cláudia – “José Joaquim de Oliveira Guimarães” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 671-673.

CASTELO, Cláudia – “Júlio Dantas” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 462-464.

COHEN, Deborah – “Comparative History: Buyer Beware” in *GHI Bulletin*, n.º 29, Fall 2001. Pp. 23-33.

COHEN, Deborah; O'CONNOR, Maura – *Comparison and History. Europe in Cross-National Perspective*. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2004.

CONSTÂNCIA, J. Medeiros – “Aristides de Amorim Girão” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 9. Lisboa: Editorial Verbo, 1969. Pp. 548-549.

COSTA, M.^a I. Leite da – “Vitor Hugo Moreira Fontes” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 8. Lisboa: Editorial Verbo, 1969. Pp. 1207-1208.

COSTA, Maria – *José Vicente Gonçalves: Matemático...Porque Professor!* Vila Real: [s.n.], 2000. (Dissertação de doutoramento em Matemática apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

CUNHA, Norberto Ferreira da – *Génesis e Evolução do Ideário de Abel Salazar*. [Lisboa]: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha – *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

DREYFUS, François-Georges – “A Europa de 1914 aos nossos dias” in DREYFUS, François-Georges; MARX, Roland; POIDEVIN, Raymond – *História Geral da Europa: de 1789 aos Nossos Dias*. Vol. 3. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1996. Pp. 385-392, 399-418, 423-426, 478-480.

DROZ, Bernard; ROWLEY, Anthony – *História do Século XX. Declínios Europeus*. Vol. 1. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.

ELIA, Sílvio – “Armando Soeiro Moreira de Lacerda” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 11. Lisboa: Editorial Verbo, 1971. Pp. 1282-1283.

ESQUÍVEL, Patrícia – “Júlio Dantas” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 251-252.

FAGUNDES, João – “Obras Públicas – a grande fachada do Estado Novo” in MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal: O “Estado Novo” I*. Vol. XII. Amadora: Clube Internacional do Livro, 1995. Pp. 365-385.

FERNANDES, Rosa – *O Universo Imaginário de Eugénio de Castro*. Coimbra: [s.n.], 2006. (Dissertação de mestrado na área de Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

FIGUEIRA, Manuel – *Um Roteiro da Educação Nova em Portugal: Escolas Novas e Práticas Pedagógicas Inovadoras (1882-1935)*. Lisboa: [s.n.], 2001. (Dissertação de mestrado em Ciências da Educação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa)

FITAS, Augusto José dos Santos – “The Portuguese Academic Community and the Theory of Relativity” in *e-JPH*, Vol. 3, number 2, Winter 2005. Pp. 1-15.

FONSECA, Helder Adegar; GUIMARÃES, Paulo Eduardo – “A Mobilidade Social Intergeracional em Portugal, 1911-1957. Os exemplos de Évora e Setúbal” in *Desenvolvimento Económico e Mudança Social em Portugal nos últimos três séculos* (livro de homenagem a Miriam Halpern Pereira, ISCTE, forthcoming), 2007.

FONTE, Barroso da – *Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses*. Vol. II. Guimarães: Editora Cidade Berço, 2001.

FORTUNA, Carlos – *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: Estudos Sociológicos de Cultura Urbana*. Oeiras: Celta Editora, 1999.

FREITAS, A. César de – “José Vicente Martins Gonçalves” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 9. Lisboa: Editorial Verbo, 1969. Pp. 748-749.

FRÓIS, João Pedro – “José Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 550-551.

GOMES, Rui – “Vitor Hugo Moreira Fontes” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 581-590.

GOODMAN, Dena – “Public Sphere and Private Life: Toward a Synthesis of Current Historiographical Approaches to the Old Regime” in *History and Theory: Studies in the Philosophy of History*, n.º 1, 1992. Pp. 1-20.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Actualização de História Universal e de Portugal. Vol. VI. [S.L.]: Página Editora, 2002. Pp. 290-294.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Actualização. Vol. I. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1981. Pág. 451.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.

GREEN, Nancy L. – “Forms of Comparison” in COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura (eds) – *Comparison and History. Europe in Cross-National Perspective*. Londres: Routledge, 2004. Pp. 41-56.

GUERREIRO, Alcântara – “D. Manuel Trindade Salgueiro” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 16. Lisboa: Editorial Verbo, 1974. Pág. 1135.

HAUPT, Heinz-Gerhard; KOCKA, Jurgen – “Comparative History: Methods, Aims, Problems” in COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura (eds) – *Comparison and History. Europe in Cross-National Perspective*. Londres: Routledge, 2004. Pp. 23-39.

História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal até ao Século XX. Vol. I. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986.

História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal até ao Século XX. Vol. II. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1986.

KAELBLE, Hartmut – “The Historical Rise of a European Public Sphere?” in *Journal of European History/Revue d’histoire de l’Intégration Européenne*, Vol. 8, 2002. Pp. 9-22.

KRAGH, Helge – *Introdução à Historiografia da Ciência*. Porto: Porto Editora, 2001.

LEAL, Ernesto Castro – “Pedro José da Cunha” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 454-457.

LEAL, Renato – “Kurt Paul Jacobsohn” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 11. Lisboa: Editorial Verbo, 1971. Pág. 273.

LISBOA, Pedro – “Abel de Lima Salazar” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 1235-1236.

LOPES, Graça – *O Pensamento Estético em Vieira de Almeida*. Braga: [s.n.], 1998. (Dissertação de mestrado em Filosofia em Portugal e Cultura Portuguesa apresentada na Universidade do Minho)

MAIER, Charles – “Preface” in *Osiris*, Second Series, Vol. 14, 1999. Pp. IX-XII.

Mário Novais: Exposição do Mundo Português, 1940. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

MELO, Daniel – *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2001.

MENDES, João – “Eugénio de Castro e Almeida” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. Pp. 1449-1450.

MILLER, Michael – “Comparative and Cross-National History: Approaches, Differences Problems” in COHEN, Deborah; O’CONNOR, Maura (eds) – *Comparison and History. Europe in Cross-National Perspective*. Londres: Routledge, 2004. Pp. 115-132.

MIRANDA, Rui Lopo – “João António de Matos Romão” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pág. 1218.

MONCADA, L. Cabral de – “Manuel Paulo Merea” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 13. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. Pp. 380-381.

MORATO, X. – “Augusto Pires Celestino da Costa” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pp. 133-134.

MOREIRA, Tiago – “Augusto Pires Celestino da Costa” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 422-423.

MOREIRA, Tiago – “Diogo Pacheco de Amorim” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pág. 94.

MORUJÃO, Alexandre F. – “Joaquim de Carvalho” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. Pp. 1259-1261.

MOURA, Helena Cidade – “Hernâni António Cidade” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 145-146.

NOUSCHI, Marc – *O Século XX*. [S.L.]: Instituto Piaget, 1996.

[NÓVOA, António] – “António Luís Machado Guimarães” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pág. 824.

[NÓVOA, António] – “Bento de Jesus Caraça” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 269-272.

[NÓVOA, António] – “Joaquim Barradas da Silva Fiadeiro” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pág. 564.

[NÓVOA, António] – “Joaquim de Carvalho” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 294-297.

[NÓVOA, António] – “José Vicente Martins Gonçalves” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pág. 641.

NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003.

NUNES, Maria de Fátima – “The History of Science in Portugal (1930-1940): The sphere of action of a scientific community” in *e-JPH*, Vol. 2, number 2, Winter 2004. Pp. 1-17.

NUNES, Maria de Fátima – “História da Ciência em Portugal” in FITAS, Augusto J. S.; RODRIGUES, Marcial A. E.; NUNES, Maria de Fátima – *Filosofia e História da Ciência em Portugal no século XX*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008. Pp. 213-270.

NUNES, Maria de Fátima – “O III Congresso Internacional de História da Ciência. Portugal, 1934. Contextos Científicos, Contextos Culturais e Políticos” in MACHADO, Fernando Augusto; GAMA, Manuel Rosa Gonçalves; FERNANDES, José Marques (org.) – *Caminhos de Cultura em Portugal*. Braga: Húmus, 2009a. Pp. 321-336.

NUNES, Maria de Fátima – “Augusto da Silva Carvalho. História da Ciência e Práticas Culturais no Século XX” in PITA, António Pedro; TRINDADE, Luís – *Transformações Estruturais do Campo Cultural Português*. Coimbra: Ed. Ceis 20, 2009b. Pp. 79-103.

OLIVEIRA, A. de – “Aquiles Alfredo da Silveira Machado” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 12. Lisboa: Editorial Verbo, 1971. Pp. 895-896.

OLIVEIRA, A. de – “D. António Augusto Álvares Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 8. Lisboa: Editorial Verbo, 1969. Pág. 1246.

OLIVEIRA, A. de – “Henrique Jardim de Vilhena” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 18. Lisboa: Editorial Verbo, 1976. Pp. 1218-1219.

OLIVEIRA, Barradas de – “Manuel Maria Múrias Júnior” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 13. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. Pp. 1567-1568.

OLIVEIRA, Luísa Soares de – “Roménia” in *Polis. Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado*. Vol. 5. Lisboa; São Paulo: Verbo, 1987. Pp. 562-564.

OLIVEIRA, M. Alves de – “Luís Cabral de Moncada” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 13. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. Pp. 1182-1183.

PAULO, João – “Manuel Maria Múrias Júnior” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 964-965.

PAULO, João Carlos – “Congressos e Conferências Coloniais” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 188-191.

PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal – Uma Biografia Política. O Prisioneiro (1949-1960)*. Vol. 3. Lisboa: Temas e Debates, 2005. Pp. 702-732.

PEREIRA, José Pedro Cantinho – “Portugal e o início da Construção Europeia (1947-1953)”. XXIV Encontro da APHES, ICS, 12-13 de Novembro de 2004. Pp. 1-21.

PESTRE, Dominique – “Commemorative Practices at CERN. Between Physicists’ Memories and Historians’ Narratives” in *Osiris, Second Series*, Vol. 14, 1999. Pp. 203-216.

PIMENTEL, Irene Flunser – “Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina” in *Campus Social*, 2006/2007. Pp. 19-43.

PIMENTEL, Irene Flunser – *Cardeal Cerejeira. O Príncipe da Igreja*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

PINA, Luís de – “Augusto da Silva Carvalho” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 4. Lisboa: Editorial Verbo, 1966. Pp. 1254-1255.

PINTO, António Costa (coord.) – *Portugal Contemporâneo*. Madrid: Ediciones Sequitur, 2000.

PINTO, António Costa; TEIXEIRA, Nuno Severiano – “From Africa to Europe: Portugal and European Integration” in PINTO, António Costa; TEIXEIRA, Nuno Severiano (ed.) – *Southern Europe and the Making of the European Union, 1945-1980s*. Boulder (Co.): Social Sciences Monographs, 2002. Pp. 3-40.

PIRES, Ema Cláudia – *O Baile do Turismo. Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2003.

PORTELA-GOMES, F. – “Hernâni Bastos Monteiro” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 13. Lisboa: Editorial Verbo, 1972. Pp. 1278-1279.

POULIGNY, Béatrice – «L’emergence d’une ‘société civile internationale’?: Processes, acteurs, enjeux», Centre d’Études et de Recherches Internationales (CEPI-Science Po.) Paris (<http://www.ceri-sciences-po.or/cherhist/poligny>), 2001.

Quem é Alguém. Who’s Who in Portugal. Dicionário Biográfico das Personalidades em Destaque no Nosso Tempo. Lisboa: Portugália Editora, 1947.

RAMOS DO Ó, Jorge – “Américo Pires de Lima” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 747-748.

RAMOS DO Ó, Jorge – “Instituto de Alta Cultura” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 482-483.

RAMOS, Rui – “Idade Contemporânea (Séculos XIX-XXI)” in RAMOS, Rui (coord.) – *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010. Pp. 437-777.

REZOLA, Maria Inácia – “Joaquim Alves Correia” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pág. 224.

RODRIGUES, Luís Nuno – “Manuel Maria Múrias Jr.” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. II. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pág. 646.

RODRIGUES, Manuel Augusto – *A Universidade de Coimbra e os Seus Reitores. Para uma História da Instituição*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1990.

ROQUE, Ricardo – “António Augusto Esteves Mendes Correia” in NÓVOA, António (dir.) – *Dicionário de Educadores Portugueses*. [S.L.]: Edições Asa, 2003. Pp. 389-392.

ROSAS, Fernando – “O Estado Novo (1926-1974)” in MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Vol. VII. [S.L.]: Editorial Estampa, D.L. 1994.

ROSAS, Fernando; ROLLO, Maria Fernanda (coord.) – *História da Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Tinta-da-China, 2009.

SANCHES, Jorge – “Joaquim Alves Correia” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pág. 10.

SANTIAGO, Maria Raquel – *Mário Silva, a Obra de um Professor*. Évora: [s.n.], 2001. (Dissertação apresentada na Universidade de Évora para obtenção do grau de Mestre em Física)

SANTOS, Maria de Lourdes Costa Lima dos – *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

SANTOS, Rui – “A Exposição do Mundo Português, celebração magna do Estado Novo Salazarista” in *Mário Novais: Exposição do Mundo Português, 1940*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. Pp. 56-79.

SCHMUHL, Hans-Walter – *The Kaiser Wilhelm Institute for Anthropology, Human Heredity and Eugenics, 1927-1945*. [S.L.]: Springer, 2008.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal (1910-1926)*. Vol. XII. [S.L.]: Editorial Verbo, 1993.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal (1935-1941)*. Vol. XIV. [S.L.]: Editorial Verbo, 2000.

SILVA, L. Craveiro da – “Luís José de Pina Guimarães” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 15. Lisboa: Editorial Verbo, 1973. Pág. 100.

SMITH, Anthony – *Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva, 1999.

TEIXEIRA, C. – “António Augusto Esteves Mendes Correia” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pp. 4-5.

TORGAL, Luís Reis – “Literatura Oficial no Estado Novo. Os Prémios Literários do SPN/SNI” in *Revista de História das Ideias*, Vol. 20, 1999. Pp. 401-420.

TORGAL, Luís Reis – “*Quid Petis?* Os ‘Doutoramentos’ na Universidade de Coimbra” in *Revista de História das Ideias*, Vol. 15, 1993. Pp. 177-316.

TORRE GÓMEZ, Hipólito de la – “Paz ‘de costas viradas’ na Península (1945-1975)” in MEDINA, João (dir.) – *História de Portugal: Adenda, Bibliografias, Índices Remissivos*. Vol. XV. Amadora: Clube Internacional do Livro, 1995. Pp. 268-276.

TRIGUEIROS, L. Forjaz – “Júlio Dantas” in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 6. Lisboa: Editorial Verbo, 1967. Pp. 768-769.

TRINCÃO, Paulo Renato; RIBEIRO, Nuno Gomes (coord.) – *Mário Augusto da Silva. Uma Fotobiografia*. Coimbra: IHCT/MNCT, 2001.

VICENTE, António Pedro – “Academia de Ciências” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 9-11.

VICENTE, António Pedro – “Academia Portuguesa da História” in ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (dir.) – *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996. Pp. 11-12.

WATSON, Peter – *Historia Intelectual del siglo XX*. Barcelona: Editorial Critica, 2002.

Sites dos Documentos Electrónicos Consultados (entre 04/09/09 e 21/02/10)

http://acpc.bn.pt/espolios_autores/e13_carvalho_augusto_silva.html

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799127Z7uLZ4su1Vg14KQ1.pdf>

<http://bnd.bn.pt/memorias/ciencia>

http://books.google.pt/books?id=sVWOddR5Zr4C&pg=PA255&lpg=PA255&dq=Fundo+S%C3%A1+Pinto+Universidade+Coimbra&source=bl&ots=RK5m6BwKWu&sig=5M4xdKjoiRNZCHe1SvXlvGdd26Q&hl=pt-PT&ei=udhdS7KaHc2TjAeY7pikAg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=5&ved=0CBcQ6AEwBA#v=onepage&q=Fundo%20S%C3%A1%20Pinto%20Universidade%20Coimbra&f=false

<http://cancerres.aacrjournals.org/cgi/reprint/21/5/714.pdf>

<http://catalog.loc.gov/>

<http://catalogo.bnportugal.pt>

<http://catalogolx.cm-lisboa.pt>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p13.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p20.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p41.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p58.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/abelsalazar.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/bentojesuscaraca.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/joaquimdecarvalho.html>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/vieiradealmeida.html>

<http://infocienciasdigital.fc.ul.pt/antigo/noticia.aspx?id=1206&info=139&seccao=documento>

<http://marcasciencias.fc.ul.pt/pagina/fichas/sujeitos/todos?id=593>

http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1.html

http://museumaximianolemos.med.up.pt/index.php?src=page29_1b.html

<http://nautilus.fis.uc.pt/museu/msilva/biografia.html>

http://openlibrary.org/b/OL20464736M/Revue_anthropologique

<http://radix.cultalg.pt/visualizar.html?contexto=106&id=4453>

<http://socgeol.org/sgp/history>

<http://www.acad-ciencias.pt/>

<http://www.biblio-zamoravicente.es/canellada/josefa.htm>

<http://www.bne.es/es/Catalogos/>

<http://www.bnf.fr/>

http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue6/pdf/afitas.pdf

http://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue4/pdf/fnunes.pdf

<http://www.cadc.pt/RevistaESTUDOS.htm>

http://www.coloquio.gulbenkian.pt/historia/hernani_cidade.htm

<http://www.csic.es/historia.do>

<http://www.endo-society.org/about/history.cfm>

http://www.esald.ipcb.pt/esc_historia.html

<http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/ipcf/guia-biomedicas.html>

http://www.fl.ul.pt/nautica/DIC_HIST_MAR/MORAIS_Tancredo.htm

http://www.fmsoares.pt/aeb/CronoXX/popup_biografias_id.asp?registo=55

<http://www.ile.csic.es/>

[http://www.infopedia.pt/\\$eugenio-de-castro](http://www.infopedia.pt/$eugenio-de-castro)

<http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=8&ida=140>

<http://www.johost.eu/?oid=8&act=&area=6&ri=1&itid=>

http://www.maa.org/subpage_2.html

<http://www.ordens.presidencia.pt/c.asp>

<http://www.portal.ecclesia.pt/pub/19/noticia.asp?jornalid=19¬iciaid=29650>

http://www.rockfound.org/about_us/history/timeline.shtml

<http://www.spq.pt/docs/Biografias/Kurt%20Jacobsohn%20port.pdf>

<http://www.triplov.com/biblos/serraj.htm>

http://www.triplov.com/serra/foto_bio4.html

<http://www.uc.pt/en/cia/people/pdfs/ContAntropPtSumarios>

http://www.uc.pt/fduc/galeria_retratos/cabral_moncada

http://www.uc.pt/fduc/galeria_retratos/paulo_merea

<http://www.wiley.com/bw/journal.asp?ref=0021-8782>

http://www.wonderingdog.com/Inst_camoes.html

<http://www.worldcancercongress.org/>

<https://www.ordemdosmedicos.pt/?lop=conteudo&op=e2ef524fbf3d9fe611d5a8e90fedc9c&id=c7af0926b294e47e52e46cfebe173f20>

www.aph.com.pt/